



Kinley MacGregor

CORAÇÃO PIRATA

Digitalização e revisão: Clarice

"Paixão e aventura além dos sonhos! Conheça o prazer de ler os livros de Kinley MacGregor!"

"Kinley MacGregor tem um dom admirável para combinar romance, paixão e espirituosidade."

Publishers Weekly

"Um incrível talento para contar histórias de amor e aventura... Ela trará um sorriso aos lábios das leitoras..."

Romantic Times

Querida leitora,

Coração Pirata é uma história de paixão, perigo e sedução, da consagrada Kinley MacGregor, autora da lista de bestsellers do jornal **USA Today**. Esta é a história do temível Jack Rhys, um homem que se vangloria de não haver navio que ele não seja capaz de abordar, nem mulher que ele não seja capaz de conquistar. Mas o infame pirata conhecerá uma mulher linda e corajosa, determinada a fazê-lo pagar pelos erros do passado...

Leonice Pomponio
Editora

TRADUÇÃO: SILVIA MARIA POMANTI
Copyright © 2000 by Kinley MacGregor

Originalmente publicado em 2000 pela HarperCollins Publishers Inc.

PUBLICADO SOB ACORDO COM HARPERCOLLINS PUBLISHERS

INC. NY, NY - USA

Todos os direitos reservados.

Todos os personagens desta obra são fictícios. Qualquer semelhança
com pessoas vivas ou mortas terá sido mera coincidência.

TÍTULO ORIGINAL: Master of Seduction

EDITORIA

Leonice Pomponio

ASSISTENTE EDITORIAL

Patrícia Chaves

EDIÇÃO/TEXTO

Tradução: Silvia Maria Pomanti

Revisão: Patrícia Chaves

ARTE

Mônica Maldonado

ILUSTRAÇÃO

Rolf Bruderer/OtherImages

MARKETING/COMERCIAL

Silvia Campos

PRODUÇÃO GRÁFICA

Sonia Sassi

PAGINAÇÃO

Dany Editora Ltda.

© 2006 Editora Nova Cultural Ltda.

CNPJ43.133.875/0001 - 74 Rua Paes Leme, 524 - 109 andar - CEP 05424-010 - São Paulo - SP www.novacultural.com.br

ISBN: 85-13-01322-6

Impressão e acabamento: RR Donnelley Moore

Capítulo I

Diário de lady Ashton, 1775

O Terrível Jack Rhys é o pirata mais cruel que já navegou pelos mares bravios. Todos os marinheiros temem dizer o nome dele em voz alta, com medo de que isso possa fazê-lo emergir das profundezas do inferno.

Diz-se que avistar seu navio é o mesmo que deparar com a própria morte, pois o pirata não tem consideração por ninguém nem demonstra piedade por qualquer ser humano. Tão logo reconhece uma presa, ele é voraz ao persegui-la e não descansa até colocar as mãos nela.

Jack Rhys é envolto por uma lenda misteriosa. E possui inúmeros talentos.

Esta noite, eu conheci esse homem e constatei por mim mesma que se trata de uma criatura hipnótica. Sim, ele é feroz, selvagem, indomável, mas, mais do que isso, é um magnífico exemplo de virilidade. E ainda que eu desejasse loucamente tê-lo só para mim, sei que mulher alguma jamais poderá considerá-lo seu.

Com o coração dilacerado, resignei-me ao fato de que me coube apenas uma noite gloriosa na companhia do Mestre da Sedução. Por um momento, tive o inatingível em meus braços e experimentei as maiores delícias de que uma mulher pode provar. Nenhum outro homem chegará aos pés de Jack Rhys, por isso termino esta anotação com a mesma tristeza com que cheguei ao final da noite na companhia dele.

Adeus, Jack Rhys. Que você sempre encontre uma maneira de escapar à força.

Charleston, Carolina do Sul,

1780

O que poderia ser melhor que aquilo?

Rodopiando pelo salão nos braços de Justin Wallingford, Lorelei Dupree era só sorrisos. Após todos aqueles anos de namoro, Justin enfim a pedira em casamento.

Um pedido que viera em grande estilo. Em seu uniforme de gala da Marinha Britânica, o altivo e cobiçado tenente batera com o monóculo na borda da taça de vinho até receber a atenção de cada um dos presentes; depois pedira a mão de Lorelei diante da elite da sociedade de Charleston. Não, a noite não poderia ter sido melhor.

A música chegou ao fim e, ao afastar-se da área reservada à dança, de braço dado com o noivo, Lorelei deparou com o sorriso satisfeito do pai. Aos sessenta e poucos anos de idade, sir Charles Dupree, um dos mais renomados banqueiros de Charleston, ainda trazia no rosto os belos traços que o acompanhavam desde a juventude. A peruca branca penteada como ditava a última moda e o jaquetão azul-marinho bordado em fios dourados lhe conferiam um ar tão orgulhoso quanto solene.

Antes de afastar-se dela, Justin avisou:

— Vou buscar uma taça de ponche para nós.

Enquanto ele abria caminho em meio à multidão, retribuindo com acenos os tapinhas de congratulações que recebia nas costas, Lorelei foi para junto do pai e brincou:

—Você está parecendo um janota esta noite.

O alegre senhor tomou uma das mãos dela entre as suas e, após lhe depositar um beijo suave sobre os nós dos dedos, devolveu o cumprimento:

—E você, Lori-Anjo, está tão bela quanto sua mãe. Mas, o que faz aqui? Não tinha prometido dançar com Justin a noite inteira?

— Ah, papai, se arrependimento matasse... — Levando o leque ao rosto, Lori falou por trás das rendas brancas: — Meus pés precisam de tempo para se recuperar.

Sir Charles riu. Todos sabiam que Justin era um homem de muitas aptidões, mas a arte de dançar não era um de seus dons.

— Se me der licença — continuou Lorelei —, vi Amanda e Annabeth indo para a varanda, e preciso falar com elas.

— Fique à vontade, querida.

Após dar um beijo no rosto do pai, Lorelei passou pelos grupos de pessoas que conversavam nas laterais do salão e foi ao encontro das amigas.

Lá fora, a brisa que recendia a magnólias soprava por entre os arbustos cuidadosamente podados nas cercanias da sacada. Ao ciciar de cigarras e rãzinhas no calor da noite, Amanda, Annabeth e Martha abanavam os rostos afogueados num canto da varanda protegido por heras altas.

Filha de um juiz local, Annabeth tinha um rosto lindo e um bom humor inabalável, qualidades que compensavam um certo excesso de peso. Alta, magra e com olhos castanhos, Martha fora a primeira amiga que Lori tivera. E a belíssima Amanda, sempre elegante e impecável, ora era a confidente de Lori, ora sua maior inimiga, dependendo do estado de humor em que ambas se encontrassem.

Assim que Lori se aproximou, Annabeth suspirou ao comentar:

— Ah, Lori, você é uma afortunada por Justin amá-la tanto assim!

— É verdade — concordou Martha. — E eu acho que ele é o homem mais lindo da festa.

Lori olhou para o noivo, que conversava com um grupo de outros oficiais da Marinha. O pai de Justin lhe conferira a patente de tenente no ano anterior.

Sim, ele era um homem bonito. Alto e esguio, tinha olhos azuis muito expressivos e, em se tratando de mimá-la, só perdia para sir Charles. Justin e Lori se conheciam desde que eram crianças.

Amanda cutucou o braço da amiga com a ponta do leque cor-de-rosa.

— Fique atenta, Lori — advertiu a moça em tom solene. — Minha mãe disse que não demora mais de um mês, após o casamento, para um homem se cansar da esposa e começar a procurar novas aventuras. Já pensou o que vai fazer quando Justin deixar de responder aos seus encantos?

— Deixar de responder aos meus encantos? — Lori riu. — Está para nascer o homem que eu não consiga fascinar.

— Você é autoconfiante demais, Lori — retrucou Amanda, revirando os olhos.

Lori não se deixou intimidar:

— Posso parecer arrogante, Amanda, mas a verdade é que sei como lidar com um homem.

— É mesmo? — Amanda fingiu surpresa. — Então, por favor, conte-nos como isso é possível.

Annabeth e Martha pararam de se abanar e chegaram mais perto de Lori, que então revelou o grande mistério:

— O segredo é tratar o homem como se trata um cão.

— Está dizendo que devemos ver um homem como um cachorro? — Annabeth estava boquiaberta.

— Exatamente — confirmou Lori. — Para fazer com que um homem seja leal, é preciso treiná-lo e tratá-lo como faríamos com um cachorrinho de estimação.

— Quem lhe disse uma coisa dessas? — quis saber Martha.

— Minha mãe me contou esse segredo quando eu tinha doze anos — vangloriou-se Lori. — É um segredo que ela aprendeu com minha avó, e que é infalível. Posso lhes garantir que só obtive sucesso com esse método.

— Minha mãe diz que palavras ásperas e cara de brava são as melhores formas de fazer um homem se curvar aos nossos caprichos — refutou Amanda.

Lori julgou prudente não comentar que o pai da amiga, um nobre cujos hábitos lascivos eram notórios na cidade inteira, mantinha duas amantes.

— Pois então utilize esse método, porque eu vou continuar com o meu.

Mas Martha não estava disposta a mudar de assunto. Depois de olhar para um canto do salão, onde Justin parecia ditar lições de moral aos colegas de regimento, voltou a atenção para Lori.

— Eu gostaria de saber mais detalhes a respeito da sua teoria. Afinal, você foi a única que conseguiu atrair as atenções de Justin Wallingford.

— Isso é verdade — admitiu Annabeth.

Olhando ao redor para se certificar de não que havia ouvidos atentos e indiscretos por perto, Lori aproximou-se um pouco mais das amigas.

— Muito bem, vocês se recordam do que nos diziam sobre os cães quando éramos crianças, não é mesmo? Nunca demonstre ter medo, pois eles percebem e aí, sim, podem atacar. Com os homens é a mesma coisa: eles sabem quando uma mulher está insegura e usam essa insegurança para dominá-la.

— Sim, mas muitos rapazes são cruéis por natureza — Martha observou.

— Assim como alguns cachorros! — lembrou Annabeth.

— E da mesma forma como fazemos com um animalzinho de estimação — prosseguiu Lori —, é preciso deixar claro desde o início quem dita as regras.

— Todo mundo sabe que é o homem quem dita as regras!

— E por que precisa ser assim? — desafiou Lori.

Annabeth arregalou os olhos; Martha ficou boquiaberta; e Amanda começou a abanar o leque agitadamente, em sinal de irritação.

— Acho que não entendi, Lori — sussurrou Annabeth. — Você quer dizer que nós podemos assumir o comando?

— Isso é um absurdo! — Martha exclamou, indignada.

— Quem é que cuida da casa? — perguntou Lori.

— As mulheres, é óbvio! — Annabeth e Martha responder em uníssono.

— E quem se encarrega de providenciar conforto, os pratos preferidos e tudo mais para o homem? — Lori continuou. — A esposa, certo? É a mulher quem faz com que seu marido seja tratado com a devida consideração, é ela quem se preocupa e cuida do bem-estar dele, assim como fazemos com um cãozinho de estimação.

— Então... — Annabeth franziu as sobrancelhas.

— Então, se vocês quiserem que um homem ouça vocês, nunca gritem com ele; é preciso falar baixinho. Os homens prestam atenção a um tom de voz calmo e tranquilo, e fecham os ouvidos aos gritos ou então berram mais alto ainda. E outra coisa... Do mesmo jeito que vocês fazem com seu cãozinho, recompensem um homem sempre que ele fizer suas vontades, porque assim ele nunca irá ignorá-las nem se afastar de vocês.

— Isso é ridículo! — protestou Amanda. — Justin teria um ataque se ouvisse o que você está dizendo. Não quero mais escutar essas bobagens. — Fechando o leque num só movimento, ela ergueu a cabeça e se afastou de volta para dentro do salão.

Lori deu de ombros.

— Pouco me importa o que Amanda pensa. Repito para vocês que ainda não nasceu o homem que eu não consiga dominar. Aliás, esse é um assunto sobre o qual eu poderia escrever um livro.

— Eu queria tanto ser assim... — Annabeth deu um suspiro tão profundo que seus seios fartos sumiram no decote do vestido.

— Eu também — confessou Martha. — Sempre fico vermelha como uma pimenta quando um rapaz chega perto de mim.

Lori sorriu para as amigas em sinal de solidariedade e em seguida olhou para trás. Só então percebeu a presença do noivo, na porta da varanda, segurando uma taça de ponche em cada mão.

Ao ver a expressão do rapaz, meio irritada, meio curiosa, Martha e Annabeth balbuciaram uma desculpa qualquer e, erguendo as saias, se afastaram apressadas em direção aos grupos de convidados da festa.

Com uma sobrancelha arqueada, Justin se aproximou e depositou as taças sobre o peitoral da varanda antes de se voltar para Lori.

— Quer dizer, então, que eu sou um cachorro? — Nos olhos dele havia mais humor do que reprovação.

— Venha, Totó, venha... — brincou Lori, sem se deixar constranger.

Fingindo obediência, Justin foi para junto do corrimão de mármore que ela indicara. Com um sorriso embevecido, Lori acarinhou a peruca branca que ele usava.

— Muito bem! Bom menino...

Justin tomou-a entre os braços.

— Dê-me um beijo, criatura endemoniada.

— De jeito nenhum.

— Por que não?

— Porque tem uma porção de gente logo ali, na festa, seu pervertido. Alguém pode nos ver.

Justin respirou fundo, depois, endireitando o corpo de encontro ao peitoril, segurou uma mecha dos cabelos de Lori entre os dedos.

— Por que não quis usar peruca esta noite? — perguntou.

— Porque *não* usar peruca é a última moda — explicou ela, pegando uma das taças de ponche.

— Sei. E então, já se decidiu? Vai me ajudar a pegar o pirata?

Lori suspirou. Era nisso que Justin estava pensando naquela noite? Na tola disputa com Roger Tilden, para ver qual dos dois conseguiria capturar o Terrível Jack Rhys? Mas, mesmo considerando aquela competição uma coisa fútil, Lori não perderia a oportunidade de participar de uma intriga como aquela.

— Nem precisava perguntar, Justin. Você sabe que eu adoro uma aventura.

— Será amanhã à noite. Já está tudo combinado com o proprietário da taverna, só falta dizer a seu pai que levarei você para me ajudar com a emboscada.

— E como você sabia que eu iria concordar com esse seu plano estapafúrdio?

— Como você mesma disse, sei quanto gosta de uma boa aventura. E sei também que só me fez esperar pela resposta porque adora me atormentar.

— Lori? Justin? — O tom autoritário de sir Charles fez ambos se afastarem um do outro. — Não acham que já é hora de voltarem para dentro?

Lori abriu o leque com um meneio do pulso antes de aceitar o braço que o noivo lhe oferecia. Lado a lado, os dois se encaminharam para o salão. E para imenso desconsolo dela, Justin conduziu-a ao espaço reservado à dança, onde se pôs a lhe pisar os pés ao ritmo de uma melodiosa valsa.

Morgan Drake deteve-se à entrada da grande festa na companhia de seu famigerado amigo. Os convidados ali reunidos naquela noite, especialmente os membros da Real Marinha Britânica, preocupados em caçar o implacável Jack Rhys oceano afora, ficariam estarecidos se soubessem que o famoso corsário encontrava-se exatamente ali, naquele momento, entre eles.

Mas a verdade era que Jack adorava brincar com o perigo. E vivia de desafiar a morte com um riso provocante e zombeteiro. Quantas vezes Morgan já não o vira apertar a mão de um oficial que acabara de jurar capturar o pirata de coração perverso ou morrer na tentativa de fazê-lo?

Jack se mantinha a salvo da força por um só motivo: seus disfarces. Na festa daquela noite, em meio a pessoas da nobreza, oficiais de alta patente e espiões, o esperto e arrogante fora-da-lei ostentava trajes finos e uma peruca aristocrática como se tivesse nascido e sempre vivido naquele meio.

Fora à festa com seu único amigo, Morgan Drake, um devoto patriota, ou, na opinião de Jack, um tolo devotado. Morgan, porém, não se incomodava com os epítetos que o amigo lhe dedicava, porque sabia da verdade acerca do Terrível Jack Rhys: o pirata tinha bom coração.

Uma generosidade que Jack fazia o possível e o impossível para negar, um coração que ele dizia a todas as pessoas não possuir. Só que Morgan, que o conhecia havia muito tempo, sempre o vira agir de modo exatamente contrário às suas alegações.

Tão logo adentraram o salão, Morgan aceitou uma taça de xerez da bandeja de um criado que passava à sua frente. Bebericando o líquido cor de âmbar, esperou que Jack se servisse e que ambos estivessem fora do alcance de ouvidos estranhos para perguntar:

— Que nome pretende usar esta noite?

— Conde Amaulf Hapsburg. O que acha?

Morgan curvou os lábios num arremedo de sorriso. Aquele era um dos disfarces preferidos de seu amigo.

— O conde búlgaro, outra vez?

— E por que não? — Jack emprestava um sotaque autêntico às palavras, já que búlgaro era um dos oito idiomas que ele falava fluentemente. — Há algum outro a não ser *moi*?

— Pois então, muito bem, senhor conde, vou deixá-lo alguns instantes sozinho para que possa encontrar a dama que levará para a cama esta noite.

Mal terminara de falar, Morgan notou que Jack fitava com os olhos estreitados algum ponto do salão. Acompanhando o olhar do amigo, deparou com uma graciosa jovem que abanava seu delicado leque junto a um grupo de senhoras. Os cabelos castanhos sobressaíam

em meio às perucas brancas ou em tons pastel que as demais pessoas usavam. Um sinal de opinião e independência, talvez.

— Pensei que mulheres como ela não fizessem seu tipo — comentou Morgan.

Jack tomou um longo gole de sua taça.

— E desde quando você sabe qual é o meu tipo de mulher?

Morgan, porém, conhecia muito bem o amigo. Sabia que Jack nunca se deitara com uma virgem e que não o faria justamente naquela noite. Poderia dançar com a jovem, talvez até mesmo flertar com ela; ao final da festa, entretanto, sairia dali na companhia de uma viúva sedenta de atenções.

Assim que avistou o espião patriota que viera encontrar naquela comemoração, Morgan despediu-se:

— Desejo-lhe êxito na caçada. Nós nos veremos quando você retomar ao meu navio pela manhã.

Sem desviar os olhos da moça, Jack inclinou a cabeça num aceno sutil, enquanto deixava a taça vazia sobre uma mesa de canto. A jovem usava um vestido de seda amarelo-pálido, com um aplique de renda a lhe proteger o colo. Acima do decote rendado arfavam os seios de contornos firmes e arredondados, seios que ele já sentia intumescerem ao toque de suas mãos. Depois ele se deteve a contemplar o pescoço gracioso...

O enlevo de Jack foi interrompido quando a jovem se moveu abruptamente, afastando-se do grupo de senhoras para ir juntar-se a dois casais no outro lado do salão. Os movimentos ligeiros lembraram Jack de uma pombinha buscando refúgio da ameaça de um predador.

Ele sorriu.

Apesar de não possuir uma beleza estonteante, que fizesse os homens virar a cabeça à sua passagem, a moça era muito atraente. Talvez fossem as sardas na pele clara, ou o brilho sedoso dos cabelos castanhos com algumas mechas quase douradas, ou talvez a aura de alegria e leveza que parecia emanar do mais íntimo daquele corpo pequeno e bem-feito.

Ao observá-la com atenção, Jack sentiu-se como uma planta murcha que recebesse água após um longo período de estio. Era uma sensação estranha, que ele não se lembrava de já ter experimentado.

Subitamente viu-se curioso para saber de que cor seriam os olhos dela.

Lori passara os últimos vinte minutos evitando dançar novamente com o noivo. Afinal, Justin teria o resto da vida para lhe pisar nos pés. E ela precisava deles intactos para executar o plano do dia seguinte.

Ao ver Justin erguer a cabeça na tentativa de localizá-la em meio aos convidados, Lori correu a esconder-se perto da mãe de Amanda, lady Whitney, que conversava com a sra. Darcy, uma amiga.

— Querida? — Lady Whitney estudou-lhe o rosto ruborizado. — Está se sentindo bem?

— Acho que foi só uma tontura passageira — Lori tentou explicar seu comportamento estabranado.

— Ah, eu também estou me sentindo um pouco estranha, Lori. — A sra. Darcy tocou-lhe o braço. — Já cansei de me perguntar por que deixei a criada apertar tanto os laços do meu espartilho.

Com um aceno imperioso, lady Whitney fez sinal para a filha unir-se a elas. Tão logo Amanda as alcançou, a dama perguntou a Lori:

— Será que poderia pedir a seu pai que apresente Amanda ao conde Hapsburg?

— Conde o quê? — Lori e Amanda perguntaram ao mesmo tempo.

— Conde Arnaulf Hapsburg. — Disfarçando um risinho infantil com a mão enluvada, a sra. Darcy baixou o tom de voz. — Ora, meninas, não me digam que ainda não o viram.

— Não me lembro de nenhum conde Arnaulf Hapsburg na lista de convidados — comentou Lori.

— Então ele deve ter vindo na companhia de alguém — a sra. Darcy cogitou, excitadíssima. — Ouvi dizer que Arnaulf descende da família real búlgara!

— Ah, disso eu não tenho dúvida — retrucou lady Whitney. — A estirpe dele salta aos olhos. Qualquer um pode ver que se trata de um nobre.

Lori e Amanda trocaram um olhar surpreso, mas antes que pudessem exprimir seus pensamentos, viram-se envolvidas pelo alarido de vozes femininas ao redor delas:

— O conde Hapsburg está vindo para cá! Passem-me meus saís! — exclamou.

— Parece que ele vai tirar alguém para dançar...

— Deus queira que seja eu!

Ainda que Lori se esticasse toda, as perucas altas das outras mulheres a impediram de ver o misterioso conde. E, a bem da verdade, ela nem sabia para que lado olhar.

— Ele deve estar vindo falar com a minha Amanda — imaginou lady Whitney, satisfeita. — Endireite esses ombros, menina!

Lori tornou a se erguer na ponta dos pés. Em vez do conde, no entanto, o que ela encontrou foi o olhar perscrutador do noivo. Justin levantou as sobancelhas em sinal de alívio, sorriu, acenou e pôs-se a caminhar na direção dela.

Ah, não... Os dedos dos seus pés começaram a latejar à lembrança das pisadelas das botas pretas lustrosas.

Sem perda de tempo, Lori pediu licença às senhoras e tratou de se afastar depressa, à procura de algum outro canto seguro do salão. Virou o rosto para espiar rapidamente por sobre o ombro, para se assegurar de que Justin não vinha em seu encalço, quando trombou de encontro a uma parede.

Não, não era uma parede. Lori chegou a essa conclusão assim que apoiou a mão no obstáculo, para recuperar o equilíbrio.

Era um peito largo, firme como uma rocha.

Os olhos dela se fixaram no tecido negro acetinado da elegante casaca sob seus dedos. Depois correram pelo colete bege com pequenos bordados até o colarinho estreito da camisa imaculadamente branca, e dali para...

Deus do céu!

Um par de olhos azul-acinzentados e penetrantes iluminavam um semblante que Lori, em outras circunstâncias, desconfiaria não ser real. Era um rosto tão perfeito que parecia pertencer a uma estátua antiga: uma combinação de traços agressivos e angulosos que criavam uma expressão ao mesmo tempo ferina, voluptuosa... e muito atraente. Algum detalhe, ela não saberia dizer o quê, a fez lembrar-se de um falcão à espreita da presa que desejasse devorar.

O desconhecido deu um sorriso que fez as pernas de Lori bambearem. Ele, por sua vez, constatou para si mesmo: “Os olhos dela são verdes”.

—Perdão, *mademoiselle* — ele se desculpou num timbre profundo, a entonação ressaltada por um forte sotaque estrangeiro.

Lori quis responder, mas pela primeira vez na vida as palavras lhe faltaram.

— Será que a machuquei?

Tentando retribuir o sorriso sedutor, ela esperou até recuperar a voz para responder:

— Não foi nada, obrigada. Espero que não se ofenda com a minha falta de modos.

O desconhecido riu baixinho, porém num timbre profundo que fez o coração de Lori dar um salto. Depois disse:

— Por favor, sinta-se à vontade para correr para meus braços sempre que assim desejar.

— Aí está você, Lori... Até que enfim!

Quando ela se deu conta, Justin já estava a seu lado. Ao ver o noivo sondar o desconhecido com um olhar desconfiado, Lori percebeu que ainda tinha uma das mãos no peito dele. O susto a fez se recompor.

Justin interpôs-se entre ambos e disse com frieza:

— Acho que não o conheço, sir.

— Conde — corrigiu o estranho no mesmo tom. — Conde Arnaulf Hapsburg. — Ele voltou-se para Lori. — Será que posso perguntar quem é a senhorita?

Lori sabia que seu noivo era um cavalheiro e que não deixaria transparecer nem o ciúme nem a irritação que o dominavam. Por isso, esperou que ele se manifestasse.

— Permita-me apresentar minha... — Justin fez uma pausa para enfatizar a palavra seguinte — *noiva*, srta. Lorelei Dupree.

Com um gesto quase ansioso, Lori estendeu o braço para o conde, enquanto fazia uma leve mesura. Uma mão grande e quente tomou a sua, pequena e trêmula. O conde curvou-se sobre a mão de Lori, seu hálito morno provocando arrepios ao longo do braço esguio. No

momento seguinte, seus lábios se entreabriram sobre as costas da mão dela... e ele lhe deu uma suave e despudorada mordida.

Em vez de se espantar ante tão inusitado gesto, Lori teve sensação de que o sangue que circulava em suas veias fora concentrar numa determinada parte de seu corpo, fazendo com que essa parte latejasse em resposta. Estranhamente, nem assim ela se surpreendeu.

— É um prazer imenso conhecê-la, *mademoiselle* — disse conde.

Como ele não largasse a mão de Lori, Justin juntou os saltos das botas e fez uma leve reverência para lhe chamar a atenção

— E eu sou o tenente Justin Wallingford.

No mesmo instante, o conde libertou a mão de Lori, e ela viu as feições dele se endurecerem numa máscara indecifrável, ao mesmo tempo que uma emoção abrasadora turvava os olhos azuis. Uma emoção crua, selvagem, primitiva. Lori podia jurar que aquilo era ódio. Puro ódio.

— Então você é o filho mais novo de Gabriel Wallingford?

— Conhece meu pai? — Justin aprumou os ombros num gesto orgulhoso.

— Bem... — O sorriso do conde era frio, meramente formal— Sim, conheço. Ele é um velho amigo de minha família.

Lori sentiu haver algo oculto naquelas palavras, mas Justin que parecia não pensar como ela, informou:

— Meu pai deve permanecer em alto-mar por mais uma ou duas semanas.

— Pena. — O desapontamento estampou-se no rosto do conde antes que ele tivesse tempo de dissimulá-la. Mas ele se recompôs rapidamente para dirigir-se a Lori: — Vejo que estão se formando pares para a próxima dança. Será que me daria o prazer da sua companhia, srta. Dupree?

— Minha noiva não gosta de dançar — interveio Justin.

— E então, *mademoiselle*? — Ignorando as palavras do jovem tenente, o conde manteve os olhos fixos em Lori.

— Eu adoraria.

A julgar pela expressão de Justin, aquela era a pior resposta que ele poderia esperar de sua noiva. Lori, contudo, não se deixou alarmar. Cuidaria disso no dia seguinte. Certa de que, como sempre, Justin acabaria por ceder e perdoá-la.

Tomando o braço que o conde lhe oferecia, ela deixou que ele a guiasse para o meio do salão e, assim que ambos tomaram seus lugares, a música teve início. Segura por braços firmes e fortes, Lori viu-se subitamente tensa. O tom dourado da pele de Arnaulf Hapsburg sobressaía à palidez das pessoas reunidas ali, e a envolvente fragrância de sândalo que se desprendia do corpo dele parecia atordoá-la.

A cada passo preciso que ele dava, Lori sentia uma espécie de força primitiva emanar de seu físico avantajado. Rodopiando pelo salão com ela nos braços, o conde parecia trazer dentro de si um tigre enjaulado à espera de uma oportunidade para escapar. Era como se... Sim, havia algo, um quê de mistério e perigo, a envolver aquele homem. Seria ele um espião patriota, ou talvez um agente duplo a serviço da Inglaterra? Ou então um dos agentes de bloqueio que não paravam de chegar a Charleston desde que os britânicos haviam tomado e fechado o porto da cidade?

— Faz tempo que está nas Colônias? — ela indagou.

— Nunca estive por tanto tempo num outro lugar.

— Nem mesmo na Bulgária?

— Ultimamente. — O sorriso dele era devastador. — Ultimamente, nunca passei tanto tempo num outro lugar.

Mais uma vez Lori sentiu que o conde escondia algo por trás de suas afirmações. E estava determinada a desvendar esse enigma.

— Será que posso ser atrevida a ponto de lhe perguntar quem convidou para esta festa?

— Não quero falar de mim, *mademoiselle*. É sobre você que eu gostaria de conversar.

— Sobre mim?

— Sim. Diga-me como uma criatura tão encantadora como você foi ficar noiva de um inglês com cara de pateta.

— Justin não tem cara de pateta.

Depois de olhar para o tenente, que os observava de um canto do salão com olhar possessivo, o conde declarou:

— Ele não está à sua altura, *milovidnost*.

— Não compreendi o que disse.

— É um termo búlgaro, e você está evitando responder à minha pergunta.

Lori imaginava-se uma mestra quando o assunto era flerte, assim logo identificou a tática que o conde usava: menosprezar o rival.

— E qual seria o tipo de homem que recomendaria para mim— provocou. — Você mesmo, talvez?

O conde parou de dançar no mesmo instante.

— Desculpe-me, *mademoiselle*. Creio ter ultrapassado os limites.

E com isso ele se afastou, deixando-a sozinha entre os pares que continuavam a dançar. Lori franziu a testa. Esperava que Arnaulf Hapsburg fosse fazer alguma investida romântica, não largá-la no meio de seus convidados como um lenço descartado.

Que sujeito mais esquisito...

Justin aproximou-se e, tomando-a pela mão, conduziu-a para um lugar afastado do espaço reservado à dança.

— Algum problema, querida?

Olhando na direção onde o conde desaparecera, Lori moveu cabeça num gesto negativo.

De que outra forma poderia responder à pergunta do noivo? Dizer a ele que se sentira imensamente atraída por aquele outro homem, mas que fora apenas por um breve instante?

Capítulo II

Na noite seguinte, no interior da barulhenta taverna, Lori tinha a impressão de que seus pulmões ficariam impregnados de fumaça pelo resto de seus dias.

Já fazia quase duas horas que ela tratava de se esquivar de mãos abusadas e de investidas abusadas. Nesse ínterim, mantivera os ouvidos mais do que atentos às conversas dos marujos, à cata de qualquer menção ao nome ou às histórias de Jack Rhys. O mais estranho de tudo, porém, era pensar que qualquer um daqueles homens poderia ser o pirata que, segundo diziam, havia ceifado mais vidas do que a epidemia de varíola que devastara Charleston no ano anterior.

Por que não? Ele bem poderia ser aquele baixote na faixa dos cinquenta anos, junto ao balcão, que não tirava os olhos dela. Ou aquele rapaz sozinho que, diante da lareira, flertava com sua caneca de cerveja. Talvez fosse o homem desacompanhado num dos cantos do estabelecimento, que levava o olhar à porta toda a vez que ela se abria.

Afinal, que aparência teria o pirata? Alto ou baixo? Moreno ou loiro? A brutalidade dele se expressaria em seu rosto? Era bem provável...

Diante da mesa ocupada por quatro fregueses, Lori serviu a cerveja que haviam pedido e, imitando o tom rude de uma atendente de taverna, perguntou:

— Vão querer só isso? Ou posso trazer alguma coisa para comerem?

Um dos homens estreitou os olhos para as curvas dos quadris de Lori.

— Acho que vou aceitar um pouco dessa coisa gostosa aí.

— Deixe disso, seu palerma. — Lori desviou a tempo do beliscão que o sujeito pretendia lhe dar. — Esta coisa gostosa aqui lhe daria uma indigestão brava... Sem falar da bacia de água fervente que vou jogar na sua cara se não parar de me importunar com suas brincadeirinhas sem graça.

Os outros três caíram na gargalhada, depois um deles, um homem de cerca de sessenta anos, comentou:

— É melhor ter cuidado, Danny, pois ela parece ser do tipo que cumpre o que promete!

— Se eu não cumprir — retrucou Lori, ajeitando a bandeja no braço —, podem estar certos de que o meu amor, que está ali no bar, irá se encarregar disso.

Os quatro viraram-se ao mesmo tempo para o balcão onde KairlHarringer, o dono da taverna, erguia um barril de rum sobre um dos ombros para depois encaixá-lo no alto de uma prateleira. Embora fosse pouco mais alto do que Lori, o rapaz era corpulento e forte como um tronco de carvalho, e todos os que frequentavam o Cabeça de Bagre conheciam seu gênio intempestivo.

— Aquele urso feio é o seu amor? — o mais jovem dos quatro homens perguntou a Lori. — Não acredito!

— Ei, Karl — ela gritou, para fazer-se ouvir em meio à algazarra na taverna —, quem é o seu amorzinho?

— Você, minha doce Lori. — A carranca de Karl se suavizou num arremedo de sorriso. — Só você.

Satisfeita com a resposta, ela se pôs a circular por entre as mesas. Foi somente nos fundos do estabelecimento que deparou com o olhar furioso de Justin. Em vez do uniforme da Marinha, ele usava um jaquetão simples e calça sem adereços, um contraste com a postura rígida sobre a cadeira, os modos altivos de sempre.

Justin não fizera a barba naquele dia. Havia explicado a Lori que tal medida serviria para lhe conferir o aspecto rude e descuidado dos marujos que costumavam se debruçar sobre suas canecas na taverna. Ela, porém, achava que o noivo estava era com jeito de parvo.

À medida que Lori se aproximava, os olhos de Justin se estreitavam mais e mais. Era evidente que ele tinha ganas de estrangulá-la. Lori sempre demonstrara uma queda para flertes atrevidos e namoricos inconsequentes; Justin sabia disso, mas agora que estavam noivos, esperava que ela se comportasse de acordo.

Lori não só contrariava as expectativas dele, como também sentia prazer em atormentá-lo. Desde o início do namoro, vivia ultrapassando os limites da tolerância de Justin apenas para ver como se safaria se ele viesse a ter um acesso de fúria. Ele, por seu lado, dizia que tal comportamento era resultado da forma como sir Charles mimava a filha única; para Justin, o bom homem sempre fora indulgente demais para com Lori, liberal demais com relação à educação dela e tolerante demais com suas traquinagens.

— Você me parece um pouco pálido, docinho — comentou Lori com um ar travesso, aproximando-se dele. — Será que está precisando de outra caneca de cerveja?

Justin fez uma expressão de repulsa para recusar a bebida, depois perguntou:

— Alguma notícia do Terrível Jack?

Baixando a cabeça, ela fingiu limpar uma mancha sobre a mesa enquanto informava, agora sem sotaque algum:

— Há uns dois ou três piratas aqui, mas nenhum deles é Jack Rhys.

Justin olhou para os dois homens que o acompanhavam. Ambos tinham ordens expressas para conduzir Lori a um local seguro no instante em que Jack Rhys aparecesse por ali.

Ela percebeu a preocupação do noivo e, tornando a prender o pedaço de pano ao cós da saia, cuidou de tranquilizá-lo:

— Com você, seus homens e Karl por perto, quem haveria de me fazer mal?

— Lori — Justin pegou no braço dela —, isto não é uma daquelas brincadeirinhas tolas que fazíamos quando crianças. O Terrível Jack Rhys poderia matá-la num piscar de olhos.

— Para isso, primeiro ele teria de me agarrar. E eu ainda não conheci um homem capaz disso.

Justin largou o braço dela e deixou escapar um suspiro desanimado.

Como vinha acontecendo continuamente nas últimas duas horas, a porta de entrada da taverna se abriu. Em meio à golfada de ar fresco e limpo que se espalhava pelo estabelecimento, Lori já havia dado um ou dois passos na direção da porta, quando sentiu de repente, que um par de braços fortes a enlaçava pela cintura arrastando-a para um canto escuro antes que ela pudesse esboçar qualquer reação.

— Ora, ora, mas o que temos aqui?

Um cheiro acre, mistura de cerveja e mau hálito, quase a sufocou.

— Largue-me! — Lori exigiu, num tom que faria vários marmanjos se acovardarem.

Ela não podia ver o homem, mas ele levou uma mão imunda ao seu seio.

— Seja boazinha, doçura. Vou pagar bem, acredite.

Assustada, Lori olhou para a mesa de Justin. Ele havia se levantado e fazia menção de ir socorrê-la, quando um de seus homens, agarrando-o pelo braço, fez sinal para que toornasse a se sentar.

Devagarzinho, Justin afundou-se de volta na cadeira.

Como ele ousava?!

Indignada perante a submissão do noivo a um oficial de patente inferior à dele, Lori sentiu o sangue ferver. Ah, quando ela conseguisse se livrar daquele bêbado, Justin iria ver com quantos paus se fazia uma canoa!

Inflamada tanto pela raiva quanto pelo medo, Lori respirou fundo e pisou com toda a força de que foi capaz no peito do pé do homem que a segurava.

Vociferando um palavrão, ele a soltou.

Lori então correu em direção à porta, que acabara de abrir-se novamente. Mas, antes que pudesse alcançar a saída, o bêbado, que fora em seu encalço, tornou a agarrá-la. Entre aterrorizada e furiosa, Lori virou-se para ele, arfando à visão dos olhos escuros injetados, dos cabelos loiros enebados e da expressão no rosto asqueroso, uma mescla de raiva e lascívia. Sem lhe dar tempo para reagir, ele a encostou de encontro a uma parede e pôs-se a lhe acariciar o corpo com mãos imensas.

— Eu disse a você que me deixasse em paz, seu... miserável!

Lori tentou usar a bandeja para se defender, mas o homem tomou-a de suas mãos e arremessou-a ao chão.

— A jovem lhe fez um pedido. Você deveria atender.

Foi como se tais palavras, proferidas num timbre firme e profundo, tivessem o poder de varrer a taverna com a energia de um trovão. No poderoso silêncio que agora dominava o ambiente, Lori perguntou-se se já não teria ouvido aquela voz em algum outro lugar.

Ela então ergueu o olhar e...

Seu coração quase parou.

A primeira coisa que viu, foram os olhos azuis profundos, agora sombreados por lampejos de uma ira fria e mortal. Os olhos de estanho do conde Arnaulf Hapsburg.

Mas em vez do impecável traje aristocrático, naquela noite ele vestia uma camisa de linho branco aberta até o peito, e seu colete sem mangas, verde-escuro, estava completamente desabotoado. A claridade proporcionada pelo lampião mais próximo iluminava os longos cabelos cor de mel, que lhe chegavam à altura dos ombros, bem como a espada que ele trazia embainhada na cintura.

Colocando a mão sobre o ombro do homem que a molestava, ele perguntou:

— Será que você não me ouviu?

— Não se meta. Este assunto é entre mim e a moça.

— A moça não quer saber de você, e você deveria elogiar o bom gosto dela. — Os lábios do conde se curvaram num sorriso zombeteiro. — Agora, se não tirar as mãos da jovem, você vai discutir esse tal assunto *comigo*.

O brutamontes ainda hesitou por um breve instante, mas, com a testa já empapada de suor, acabou por se afastar de Lori. Ajeitando o casaco com um forte puxão nas lapelas, ele se desculpou:

— Perdão, senhorita. Eu não pretendia lhe fazer mal.

E com isso o beberrão se encaminhou a passos largos para a porta.

Aliviada, Lori ficou olhando para o belo semblante que conhecera na noite anterior. Um rosto que, como o de Justin, tinha o sombreado da barba de um dia. Só que no conde, em vez de fazê-lo parecer aparvalhado, os pêlos crescidos produziam um efeito estonteante, másculo, viril.

— O que houve com seu sotaque? — ela perguntou.

O conde esboçou um sorriso meio constrangido, depois tentou o mesmo truque que os homens usavam com as mulheres desde os tempos de Adão e Eva:

— Desculpe-me, senhorita, mas do que é que está falando?

— Como assim, do que estou falando? Você aqui, vestido desse jeito, sem o seu sotaque búlgaro... O que significa isso?

— Sinto muito, mas você deve estar me confundido com outra pessoa.

Lori conhecia muito bem aquele artifício. Era a mesma desculpa que Justin usara quando apanhado aos abraços com Sophie Polke... E o miserável ainda quisera convencê-la de que ela estava vendo coisas! Tudo isso era parte do velho ardil: “Faça com que a garota se sinta uma estúpida, e ela acabará por concordar com você”. Um truque que os homens usavam para esconder algo que...

De repente, Lori deu-se conta do que tinha bem diante de seus olhos.

Deus do céu, aquele era o Terrível Jack Rhys!

Sim, só podia ser. Sua intuição, seu sexto sentido, seu discernimento, tudo lhe dizia que aquele homem, exatamente ele, seria o único com habilidades para frustrar todas as inúmeras tentativas de captura empreendidas contra o notório pirata.

E ela tinha dançado com o bandido!

Respirando fundo para criar coragem, Lori percebeu que a única maneira de sair daquela enrascada era fazer o jogo dele.

— Ah... Acho que você está certo, devo ter me confundido. — Tentou mostrar-se embaraçada. — De qualquer modo, obrigada por ter me ajudado com aquele sem-vergonha.

Jack saiu da frente de Lori e a viu passar por ele com a pressa de quem fugisse do demônio em pessoa. Tinha percebido que ela o reconheceria no instante em que a vira duvidar de suas palavras.

A danadinha era esperta que só ela.

Acompanhando com os olhos os movimentos apressados de Lori pela taverna, viu-a se encaminhar diretamente à mesa em que estava sentado o inglesinho com cara de pateta. E engoliu uma praga. Viera ali naquela noite para encontrar Morgan e o espião patriota, que queria que ambos passassem algumas mercadorias pelo bloqueio inglês. Ninguém mais sabia disso.

Então, qual deles o teria traído?

Jack não dissera a nenhuma outra pessoa que iria ao Cabeça de Bagre. E tinha certeza absoluta de que Morgan Drake, fossem quais fossem as circunstâncias, seria incapaz de uma deslealdade. Assim sendo, só sobrava o espião. O que significava que Morgan estava preso numa armadilha sem o saber.

Jack suspirou. Uma vez mais, teria de livrar o amigo de uma enrascada. Mas, para isso, precisava fazê-lo saber o que se passava ali.

Sentado a uma mesa no lado direito do estabelecimento, Morgan viu Jack aproximar-se com um ar soturno. Alheio ao perigo que corria, fez um leve aceno antes de comentar:

— Até que enfim você chegou. Boa noite.

Ignorando o cumprimento do amigo, Jack foi diretamente até o espião e desferiu-lhe um tremendo soco no queixo.

Ao ver o homem desfalecido escorregar para o chão, Morgan franziu a testa num gesto de pura surpresa.

— Mas o que foi que ele fez? Você não gostou da cor do casaco dele, é isso?

Apoiando as mãos sobre a mesa, Jack mirou o amigo com olhar fulminante.

— Presumi que fosse ele quem disse aos oficiais britânicos que estaríamos aqui esta noite. Será que ataquei o homem errado?

— O quê? — Morgan arregalou os olhos.

Satisfeito por ver que o espanto do amigo era genuíno e sincero, Jack deu um sorriso amargo antes de anunciar:

— Caímos numa armadilha.

No outro lado da taverna, Lori deu um sorriso triunfante.

— Viu só? — ela perguntou a Justin. — É mesmo o Terrível Jack. Ele acaba de dar um soco num homem sem nenhum motivo aparente.

— O sujeito pode ter seduzido a esposa dele, Lori.

— Estou lhe dizendo que é ele. Não o reconhece da noite passada? Ele fingia ser o conde Hapsburg, e na certa, buscava informações sobre o...

— Lori, por favor. — Justin deu um suspiro impaciente. —Aquele homem não se parece nem um pouco com o conde. Por certo se trata de algum marinheiro que veio até aqui tomar um trago. O conde usava trajes requintados e tinha modos elegantes! Aquele homem é um bruto. Além do mais, por que o Terrível Jack Rhys iria socorrer uma qualquer do assédio de um brutamontes embriagado?

— Não sei se você reparou, mas não sou uma qualquer.

— Você me entendeu, Lori.

— Mas que coisa! Você quer uma prova do que digo, não quer? Pois então vou lhe dar essa prova. — Lori deu três passos na direção de Jack e gritou: — Ei, Jack Rhys!

O homem a quem se dirigira não se moveu.

— Viu? — Justin rejubilou-se com o gosto da vitória. — Ele nem piscou. Eu lhe disse que não era o Terrível Jack.

Lori mordeu o lábio. O pirata não se movera, mas todos os demais tinham olhado na direção dele. Pronto, ali estava a prova.

Voltando para junto de Justin, ela ordenou:

— Vá prendê-lo. Se eu estiver enganada, você o soltará.

— Se você estiver enganada, todos vão rir de mim.

— O que vamos fazer? — Morgan perguntou a Jack, tentando aparentar indiferença e fracassando completamente.

Mais do que acostumado a lidar com situações como aquela, Jack estava decidido a não se deixar abater por mais um golpe traiçoeiro.

— Quero que você saia daqui como se nada tivesse acontecido— ele disse ao amigo. — Ninguém, a não ser esse patife desmaiado no chão, sabe quem você é, por isso pode considerar-se fora desta embrulhada.

— E quanto a você?

— Não se preocupe comigo. Posso ter levado um golpe baixo, mas não vou morrer por esta ninharia. Agora vá, salve o seu pescoço.

Relutante, Morgan ergueu-se da cadeira e fez o que Jack ordenara.

Só depois de ver o amigo sair pela porta em segurança foi que Jack se atreveu a olhar na direção de Lori. E quase caiu na risada ao vê-la discutindo fervorosamente com o inglesinho.

A cena era impagável. Por certo ele levava a noiva à taverna para conseguir informações a respeito de Jack Rhys, e agora que ela o tinha descoberto, o bobalhão não acreditava em suas alegações.

Mas o que é que Lorelei Dupree tinha visto naquele sujeito? Mulheres... Era impossível entendê-las.

Jack sabia que devia sair dali antes que Justin se convencesse de que ele era realmente *e/e*. Mas a verdade era que estava se divertindo um bocado com aquela situação. Além do mais, não havia armadilha da qual não conseguisse escapar. Nenhum homem e nenhuma mulher seriam capazes de detê-lo.

Bem, talvez uma mulher nua o detivesse em sua cama por algum tempo. E aquela mulher em especial, a jovem e bela Lorelei Dupree, lhe despertava um intenso desejo.

Furtivamente, pôs-se a observá-la. Lorelei era pequena e delicada, mas seu corpo possuía saliências e curvas que fariam qualquer mortal deleitar-se de prazer. Uma pequena sereia. E ele não seria bobo de...

Sentiu-se enrijecer por inteiro. Ela falava e gesticulava sem parar, mas se virou para apontá-lo e, quando seus olhares se encontraram, calou-se repentinamente.

Jack teve a impressão de que um raio o atingira e o tempo parara de correr enquanto se olhavam. O murmúrio das conversas ao redor foi

sumindo, sumindo... Agora, tudo o que ouvia, eram as batidas do próprio coração. Santo Deus, havia magia no olhar daquela mulher! Uma força estranha e poderosa que ele até então desconhecia.

Tudo o que queria era cobrir o espaço que os separava, tomá-la nos braços, carregá-la para a cama mais próxima e fazer amor com ela para todo o sempre. E essa constatação o fez tomar uma decisão.

Desde o início, sua intenção era deixar Lori fora daquilo tudo. Mas fora o próprio noivo dela que tomara a iniciativa de trazê-la para o centro daquela confusão, não fora? Pois muito bem, ele não era homem de enjeitar um presente tão prazeroso. Se o destino a colocara em seu caminho por duas vezes, não seria ingrato a ponto de rejeitar tão apetitosa dádiva.

Justin pôs-se em pé e, com o rosto vermelho de raiva, foi ao encontro do pirata pisando duro. Num esforço sobre-humano, Jack desviou os olhos dos de Lori para encarar a expressão irritada do tenente.

— Desculpe-me, senhor — disse Justin, após virar-se para Lori com ar de superioridade. — Sinto importuná-lo, mas será que poderia fazer o favor de me informar se, por acaso, o senhor é Jack Rhys?

— Sim, tenente. — Jack deu uma risadinha perversa. — Você encontrou o homem que procurava. E agora, será que é capaz de colocar suas mãos nele?

Com os olhos arregalados, Justin bateu a lateral do corpo em busca da espada, enquanto berrava:

— É ele! Agarrem-no!

Mesmo rindo da inépcia do jovem, Jack reagiu no mesmo instante: tirou Justin da frente com um safanão e, de espada em punho, foi atrás dos dois oficiais que levavam Lori para fora da taverna. Era só nela que conseguia pensar.

Dois soldados à paisana emergiram em meio aos fregueses do Cabeça de Bagre para lhe bloquear a passagem em direção à porta. Jack riu de ambos. Imaginavam que poderiam detê-lo? Justo ele, que ludibriara uma frota inteira enviada para capturá-lo? Com meia dúzia de movimentos e golpes precisos, o pirata livrou-se dos dois e seguiu no encalço do que realmente lhe interessava naquele momento.

Saiu pela porta a tempo de ver os oficiais ajudando Lori a subir numa carruagem. Ao vê-lo, um dos homens logo desembainhou sua espada.

Aquilo estava ficando bom, pensou Jack. Aquele sujeito de fato acreditava que seria capaz de protegê-la? Acreditava que haveria alguém no mundo capaz de impedir Jack Rhys de se apossar do que desejava? Ora, ninguém se poria no seu caminho. Nunca.

As duas espadas já se cruzavam quando um disparo ecoou pelo ar. Com uma dor lancinante no ombro, Jack virou-se para trás e viu Justin empunhando uma espingarda de pederneira. Furioso, cuidou de se esquivar dos adversários e foi para trás da carruagem para avaliar a extensão do ferimento. Ainda que o machucado sangrasse bastante, parecia que a bala o pegara de raspão. Doía muito, mas não era o suficiente para matá-lo.

Apenas para deixá-lo ainda mais irado.

Já saboreando o gosto da vingança, Jack deu três passos até a parte dianteira da carruagem, jogou ao chão o soldado que estava junto de Lori e tomou o lugar dele. Antes que ela pudesse esboçar uma reação, agarrou as rédeas e chicoteou as costas dos cavalos. A carruagem pôs-se em movimento, logo em seguida ganhou velocidade e disparou pela ruela suja.

Virando-se sobre o assento, Lori olhou para trás. À medida que a figura de Justin ia diminuindo ao longe, o rosto dela empalidecia de pavor. Tornando a se virar, ela perguntou para Jack num fio de voz:

— O que está fazendo?

— Parece, minha adorável criatura, que o Terrível Jack Rhys está raptando você.

Capítulo III

Ainda que morta de medo, Lori reparou que os olhos dele tinham um brilho alegre. Aquilo a tranquilizou um pouquinho. Jack Rhys não parecia o cruel sanguinário que contava a lenda, mas sim um rapaz levado que acabava de fazer mais uma travessura.

— O que vai fazer comigo?

— Creia-me ou não, e estou certo de que você não acredita em mim, não lhe farei mal.

— Então devo acreditar que o pirata mais procurado da face da terra me raptou e não pretende me fazer mal. Por quem me toma, sir? Uma tola?

E, longe de se sentir uma tola, Lori resolveu que era hora de dizer adeus ao Terrível Jack Rhys. Já se preparava para saltar da carruagem quando ele a agarrou pelo braço e a trouxe para junto de si.

— Sereia, eu sabia que você não iria acreditar em mim.

Assim que conseguiu se soltar, Lori ergueu a mão para lhe dar uma bofetada. Jack advertiu-a com uma expressão carregada, depois disse num tom ainda mais sombrio:

— Nem pense em fazer isso.

Decidindo-se por não colocar a brutalidade do pirata à prova, Lori se acomodou sobre o assento.

— Não espera que eu fique sentada aqui, quietinha, enquanto você me rapta, espera?

— É exatamente isso o que espero, sim.

— Que falta de modos! Você não parecia um malfeitor na festa de ontem. Aliás, na noite passada seu comportamento foi exemplar. O que o fez mudar de ideia e resolver me violentar?

— Eu não tenho a menor intenção de violentar você, srta. Dupree.

— Então por que me raptou?

— E por que não? Eu estava lá, você estava lá, lorde Cara de Pateta estava lá... A oportunidade me pareceu perfeita.

— Oportunidade de quê?

Em vez de responder, Jack cuidou de desviar os cavalos à esquerda numa bifurcação. Ao se certificar de que tomara o caminho que levava ao cais, olhou para trás, depois para Lori, e só então voltou a falar:

— Vamos fingir que se trata de um jogo, está bem?

Ele estava brincando? Ou era maluco?

— Um jogo? — Lori não disfarçou a indignação. — E que tipo de jogo é esse?

— Digamos que seja um jogo de atrair a presa para a arapuca.

— E o que quer dizer isso?

— Quer dizer que você, minha sereiazinha, será a isca que pretendo usar para atrair um tubarão para fora da toca.

— Não entendi.

— Sei que não. Nem quero que entenda. Por ora, basta dizer que você será minha convidada por algum tempo.

— Agradeço o convite, mas acho que terei de recusar.

— Ah, então serei obrigado a insistir.

Ao ver-se no porto, Lori atinou com a gravidade da situação. Não poderia deixar que ele a levasse para o seu navio. Estava farta de ouvir histórias a respeito do que homens como o Terrível Jack Rhys faziam às mulheres que capturavam.

Jack havia diminuído a marcha dos cavalos ao se aproximar do cais, e a carruagem agora se movia numa velocidade que, a Lori, pareceu segura. Ela não hesitou: levantou-se de supetão e se atirou do veículo.

Nem o baque surdo de seu corpo de encontro ao chão, nem dor da queda a alarmaram. Enchendo os pulmões de ar, Lori ergueu-se do chão de qualquer jeito e desatou a correr. Mesmo que tremesse dos pés à cabeça, rezava para que conseguisse chegar aos becos ou a algum armazém antes que o pirata a alcançasse.

Suas preces não foram atendidas.

Não demorou mais do que instantes para que os braços fortes de Jack a enlaçassem pela cintura e, desequilibrados, os dois fossem parar no chão. Caindo em cima dele, Lori começou a bater com os cotovelos sobre o peito largo na esperança de obrigar o fora-da-lei a soltá-la. Mais uma vez, seus esforços foram inúteis; ele lhe segurou os braços e apertou-a com tanta força que simplesmente lhe tolheu todo e qualquer movimento.

Percebendo que seria perda de tempo e energia tentar lutar contra um homem tão forte, ela parou de se debater e enfrentou os poderosos olhos azuis. Olhos que a zanga agora fazia cinzentos e frios. Com medo da reação do pirata, Lori passou a língua pelos lábios subitamente ressequidos.

Para seu alívio, ele a largou e pôs-se em pé. E então, sem lhe dar tempo para empreender nova tentativa de fuga, ergueu-a do chão e, com espantosa facilidade, colocou-a sobre um dos ombro

— Como eu disse, minha sereia, sinto-me obrigado a insistir para que você aceite meu convite e seja minha hóspede.

— Ponha-me no chão!

Passando os braços ao redor das pernas dela para se proteger de algum chute, Jack riu antes de anunciar:

— Não quero mais brincar de correr atrás de você.

Prestes a golpear as costas dele, só então Lori reparou que o pirata tinha a camisa manchada à altura do outro ombro. A grande nódoa recendia a sangue.

Como se lhe adivinhasse os pensamentos, ele avisou num tom bem-humorado:

— Nem imagina o que vai lhe acontecer se cismar de estapear esse ferimento.

Lori sentiu-se tentada a desobedecer, mas logo concluiu que seria brincar com fogo. Ao nome daquele homem associavam-se morte,

desordem e crueldade. Quem lhe garantiria que Jack Rhys não se tomasse um verdadeiro ogro quando desafiado?

Absorta em suas suposições, deixou escapar um grito ao perceber que deixavam o porto para trás e ele agora a carregava pelo passadiço de acesso a um navio. No silêncio do cais, o grito de Lori foi sucedido pela voz masculina que exclamava do alto da embarcação:

— Jack! Graças a Deus! Cheguei a pensar que... — O homem calou-se assim que o pirata chegou ao convés do navio, mas logo prosseguiu: —Que confusão você foi arrumar agora?

Ignorando a pergunta, e também os marujos que olhavam para eles numa mistura de curiosidade e descrença, Jack continuou a carregá-la pelo tombadilho até alcançar o topo de uma escada que, era evidente, levava aos pisos inferiores da embarcação. Visivelmente perturbado, o homem que os recebera seguia atrás dos dois.

As lamparinas enfileiradas nas paredes internas do navio, colocadas a poucos metros de distância uma da outra, proporcionavam claridade suficiente para que Lori visse com nitidez a marca de sangue na camisa de Jack. Só então ela se lembrou de ter ouvido o estampido de uma arma de fogo pouco antes que o pirata se desvencilhasse do soldado e se sentasse a seu lado na carruagem.

Lori agora podia enxergar com clareza também o homem que os seguia de perto. Ele aparentava uns vinte e seis anos, tinha cabelos negros e olhos escuros e quase tão alto quanto Jack. Lori o vira aquela noite na taverna, conversando com um outro homem que, a julgar pela maneira como se calava sempre que ela se aproximava e olhava para todos os lados como se temesse que o descobrissem ali, devia ser um espião.

— Essa é a jovem da festa de ontem? — perguntou o desconhecido.

— É — respondeu Jack. — Já lhe falei, meu amigo, que você não me conhece como supõe conhecer?

— Mas... O que há entre você e essa garota? Jack, não me diga que... Você não pode sair por aí raptando donzelas. Perdeu o juízo?

— Já me fizeram essa pergunta.

— Diga a ele para me soltar — Lori implorou ao belo estranho. — Por favor, não deixe que ele me prenda aqui.

O desconhecido fez menção de dizer alguma coisa, mas me seguida tornou a fechar a boca.

Lori então ouviu passos. Alguém vinha ao encontro deles.

— Boa noite, Tarik — cumprimentou Jack. — Diga aos homens que se preparem para içar velas. Partiremos o mais depressa possível.

— Sim, capitão.

Jack havia parado, e Lori tentou ver o rosto do recém-chegado; na posição em que se encontrava, isso lhe foi impossível. Tentando se erguer sobre o ombro do pirata, ela bateu a cabeça numa das lamparinas e não conteve um gritinho.

Jack deixou escapar um suspiro impaciente, mas não a repreendeu. Foi a Tarik que ele se dirigiu:

— Temos gente em nosso encalço. Se eles aparecerem no cais atirem somente para ferir. Façam o que tiver de ser feito, mas tratem de não tirar a vida de ninguém. Diga aos homens que punirei exemplarmente aquele que matar um britânico esta noite.

— Sim, capitão.

Enquanto o marinheiro de nome Tarik passava por eles e seguia seu caminho, o belo moreno colocou-se à frente de Jack para afirmar:

— Você tem de deixar essa jovem ir embora. Nem mesmo um maluco do seu quilate vai querer os problemas que ela pode nos trazer.

A resposta de Jack foi uma sonora gargalhada.

Percebendo que o homem que os seguia tinha tanta vontade de estrangular o pirata quanto ela, Lori tratou de instigá-lo:

— Por favor, tente fazê-lo ver o absurdo desta situação.

— Ela tem razão, Jack. Solte-a.

Dessa vez, o fora-da-lei respondeu com grande inspiração:

— *Imponha-se, Macduff; e maldito seja o primeiro a bradar: “detenha-se, basta”.*

Lori franziu a testa. O rei dos piratas citava Shakespeare?

— Muito engraçado, Jack — rosnou o bonito moreno. — Preciso lembrá-lo de que MacBeth perdeu a cabeça?

Jack fez um muxoxo, depois, detendo-se diante de uma porta, abriu-a para entrar num grande camarote. Assim que colocou Lori no chão, ela fez menção de fugir.

— Não ouse!

Imobilizada pelo tom severo e intimidante, Lori estacou a meio caminho da porta. Jack foi até ela e examinou-lhe o rosto com olhos destituídos de emoção.

— Estou farto de correr atrás de você, minha dama. Se tentar sair desta cabine novamente, não responderei por meus atos.

— Antes a morte do que o estupro — ela conseguiu afirmar num fio de voz.

Torcendo o nariz, Jack virou-se para o homem parado à entrada da cabine.

— Quer fazer o favor de dizer a esta senhorita que estupro não faz parte da lista dos meus crimes contra a nação?

— Sequestro também não fazia, até esta noite — retrucou seu companheiro.

— Você não está ajudando... E eu não tenho mais tempo para perder com nenhum dos dois. — Jack tornou a olhar para Lori.

— Você ficará trancada aqui até que deixemos os ingleses para trás. Trate de se acalmar e mantenha-se abaixada junto ao piso.

— Junto... ao piso? — Lori não disfarçou o espanto.

— A menos que queira voar pelos ares no caso de sermos acertados por um tiro de canhão.

— Isso é uma piada? — Como o pirata não respondesse, ela perguntou ao homem de cabelos negros: — Ele está brincando?

— Não.

— Não se preocupe — disse Jack com um sorriso, enquanto apanhava um molho de chaves no bolso. — Se o navio for a pique, prometo voltar aqui para destrancar a porta.

Lori sentiu o estômago se retorcer. Assustada demais, nem conseguiu se mexer ao ver os dois saírem, mas correu para a porta assim que ouviu o estalido da chave na fechadura.

— Não faça isso! — gritou. — Você precisa me deixar ir ei bora daqui!

Mas era tarde demais: o ruído dos passos de ambos já sumia pelo corredor.

— Jack, sei que você...

— Escute — Jack interrompeu Morgan, fazendo sinal para que ele o acompanhasse de volta ao convés. — Preciso que você leve um recado meu ao tenente Justin Wallingford.

— Pouco importa se... — Morgan franziu o cenho. — Você disse Wallingford?

— Exato. Ela é noiva do filho de lorde Gabriel Wallingford.

— Não... — Morgan sentiu-se empalidecer. — Você não pode estar pensando o que imagino que esteja pensando.

Já na proa do navio, Jack massageou o ombro dolorido. Precisava tirar o amigo de seu navio e também cuidar daquele ferimento.

— Morgan, não tenho tempo para escrever uma carta do próprio punho, e preciso que você faça isso por mim antes que eu parta daqui. Diga a Wallingford que estarei à espera dele na *Isla de Las Almas Perdidas*.

— Isso é suicídio, Jack.

— Não. — Ele olhou para o cais. — Isso é vingança.

— Você sabe que Thadeus não aprovaria uma atitude dessas.

A lembrança do velho Thadeus trouxe uma fígada ao peito de Jack. Thadeus fora um homem bom, generoso. Médico por formação, marujo por opção. Tomara-se amigo de Jack depois que ele se unira à tripulação do pirata Robert Dreck. Quando Robert, abandonara a pirataria, o velho homem escolhera navegar com um navio mercante, uma embarcação que mais tarde, quando da eclosão daquela guerra estúpida que viviam, viera a ostentar a bandeira patriota. Um navio que lorde Wallingford havia capturado dezoito meses atrás.

E desde então Jack estava à procura do bastardo.

Com gelo nos olhos, ele disse a Morgan:

— Estou certo de que Thadeus também não aprovou ver-se amarrado ao mastro principal do *White Dove* enquanto Wallingford tocava fogo no navio.

Jack fez menção de se afastar, mas o amigo segurou-o pelo braço.

— Sei que você amava o velho, Jack. Mas deixe essa história de lado antes que acabe morto por causa dela.

— Deixar de lado? — Ele puxou o braço com força. — Vindo de alguém que só pensa em destruir Isaiah Winston, isso é bem estranho. Há quanto tempo você anda atrás daquele miserável?

— É diferente. Winston matou meu pai.

— E o que você acha que Thadeus era para mim?

Jack se orgulhava de não permitir que nada o abalasse. Nada, à exceção da morte trágica de Thadeus. Após uma vida repleta de decepção e dor, Thadeus fora o único porto seguro que ele encontrara. A sabedoria e a bondade do velho homem tinham sido as únicas coisas a preservá-lo do colapso total.

Houve vezes em que odiara o velho por ele não se juntar à sua tripulação. Sob seus cuidados, Thadeus agora estaria vivo. Em vez disso, o teimoso tinha se unido àqueles estúpidos patriotas e acabara capturado.

Não restara um só sobrevivente. Wallingford ordenara a seus homens que atirassem em qualquer ser humano que tentasse escapar das chamas.

— Sinto muito, Jack. De verdade. Mas a sua morte não vai nos trazer Thadeus de volta.

Aquela observação fez Jack lembrar-se das últimas palavras que ouvira de Thadeus: “Não se deixe apanhar antes de fazer a paz consigo mesmo, rapaz. Muitas são as almas que se lançam ao inferno sem que o diabo tenha de mover uma só palha para conquistá-las”.

Jack não tinha se confiado ao inferno, o mundo se encarregara de fazer isso por ele havia muito tempo. No fundo, talvez estivesse apenas cumprindo uma profecia.

— Vai escrever a mensagem ao tenente ou não, Morgan?

— Devo-lhe muito para dizer que não. — Foi a vez de os olhos do belo moreno tornarem-se gélidos. — Que droga, Jack. Nunca irei perdô-lo se você acabar como Thadeus acabou.

— Mexa-se, Morgan. Tenho muito que fazer.

— Providenciar para que ele vá ao seu encontro na Ilha da Almas Perdidas, por exemplo? Você é um obcecado, Jack Rhys

Jack o viu afastar-se. Morgan era a única pessoa viva que sabia o que aquela ilha significava. A única que conhecia o passado dele. E talvez parte de seu futuro.

Debruçada sobre a mesa no centro da cabine, Lori acabou deitando o rosto sobre os braços cruzados em cima do tampo de madeira. O camarote era maior do que ela poderia supor, com um lavatório e uma bacia num canto e uma cama pequena à sua esquerda. Através das grandes escotilhas à sua frente, a luz do farol se refletia à superfície das ondas noturnas e de encontro ao litoral de Charleston, que ficava cada vez menor e mais distante.

Já fazia quase uma hora que estava trancada ali, meditando sobre seu futuro. Um futuro bastante sombrio, ao que tudo levava a crer.

Lori estremeceu. Pobre Justin. Ele devia estar se culpando por tudo o que acontecera, e não iria descansar até encontrá-la, não importava em que condições Jack a deixasse. Mas a culpa era dela. Que não só concordara em tomar parte naquela arapuca para capturar Jack Rhys, como também havia identificado o famigerado pirata.

Tanto Justin quanto sir Charles, a tinham prevenido do perigo.. Ah, quando iria aprender a obedecer ao noivo e ao pai? Em quantas confusões mais iria se meter até resolver se comportar como convinha a uma jovem de família? Quantos...

A porta abriu de repente, e Lori se pôs em pé com um pulo.

O Terrível Jack estava de volta e, embora ainda trouxesse no rosto os sinais da barba por fazer, havia se banhado e trocado de roupas. Mesmo do outro lado da cabine, Lori podia sentir o perfume de sabonete e de sândalo. Suas calças pretas, apertadas ao redor do quadril e das coxas musculosas, estavam enfiadas no cano de lustrosas botas da mesma cor. Longa e aberta no pescoço, a camisa de algodão negro revelava parte do peito bronzeado, coberto por pêlos que pareciam reluzir à iluminação das velas nos castiçais. Ele agora tinha os longos cabelos presos num rabicho. E uma expressão severa, intensa.

Se não fosse pelo que era, Jack Rhys poderia ser considerado um homem incrivelmente belo.

O pensamento fez Lori estremecer. Colocando a cadeira entre ambos, ela indagou:

— O que quer aqui?

— Você ainda não confia em mim, não é mesmo?

— Deveria?

— Não, não deveria.

Com a impressão de que Jack fazia menção de avançar sobre ela, Lori, de passo em passo, recuou até sentir as costas tocarem a parede do navio. Mas, para sua surpresa, foi para a mesa que o pirata se encaminhou. Colocando sobre o tampo uma chave de latão, ele anunciou:

— Esta é a única chave deste camarote. Você pode manter a porta trancada durante toda a viagem, se quiser.

Lori olhou para a chave, que brilhava como ouro à luz das velas, depois para ele.

— Você não vai me violentar?

— Não, Lori. Não vou violentar você.

— Isso faz parte do seu jogo, não faz? Ganhar a minha confiança para depois traí-la?

— Você andou ouvindo histórias a meu respeito, certo?

— E as histórias não condizem com a verdade?

— Depende de quem as conta. A vida me ensinou que o compromisso com a verdade não é um predicado fácil de se encontrar. E cada pessoa vê a realidade à sua maneira.

— Mas, a julgar pelo seu comportamento na festa, você gosta de induzir as pessoas a conclusões falsas. Ou será que estou enganada?

Jack não respondeu. Em vez disso, aproximou-se lentamente detendo-se diante dela. E antes que Lori pudesse ao menos pensar em correr para a porta, ele tocou-lhe o rosto de leve enquanto a mantinha prisioneira de um olhar intenso.

— A pequena Lorelei... que possui o nome de uma deusa e a força interior de uma guerreira. — A voz dele era doce, quente, quase insinuante. — Não quero que tenha medo de mim.

— O que... O que você quer, então?

— Quero que saiba que ninguém a bordo de meu navio irá lhe fazer mal. A começar por mim.

Lori engoliu em seco ante aquelas palavras e ao encanto que teciam ao redor dela. O que havia naquele homem que lhe despertava um desejo insano de acreditar no que ele dizia? O perfume dele, assim como o calor que emanava do corpo tão forte e viril parecia aderir nela como uma segunda pele, disparando fagulhas em seu íntimo que a assustavam tanto quanto a péssima reputação que ele possuía.

— Você não vai ter medo de mim, não é verdade?

— Só um pouquinho.

Jack riu, e estava a ponto de levar a ponta dos dedos ao pescoço dela quando bateram de leve à porta. Com o cuidado de dar um passo para trás, ele disse:

— Entre.

Uma jovem negra, alta e distinta, deslizou para dentro do camarote com um punhado de roupas nos braços. Trajava uma saia longa e solta e blusa sem mangas num amarelo vibrante; era dona de belas feições e aparentava ter dois ou três anos mais que Lori.

— Então esta é a pobre criança roubada do seio de sua família? — perguntou a moça, com um forte sotaque caribenho. — Você devia se envergonhar do susto que pregou na coitadinha, capitão Jack.

Para espanto de Lori, o pirata assumiu uma expressão encabulada.

— Agora é melhor ir lá para cima — continuou a moça, ainda se dirigindo a Jack. — Tarik disse que os ingleses estão se aproximando e que sua presença no convés é necessária durante a abordagem.

— Abordagem? — Lori sentiu o coração lhe saltar à garganta. — O que mais posso fazer? — O Terrível Jack deu de ombros. Guerra é guerra. Estamos a bordo de um navio que, na calada da noite, se afasta de uma cidade ocupada...

— E você acha isto engraçado? — Lori não se conteve.

— Não tema, doce donzela. — Jack levou a mão ao peito num gesto teatral. — Em nome da sua segurança, lançarei aquelas naus demoníacas às profundezas do oceano, de onde não mais terão como ameaçar sua nobre beleza.

— Ora, seu...

Jack não a deixou concluir: tomou-lhe uma das mãos e lhe depositou um respeitoso beijo sobre os dedos.

— Ofereço-lhe meu *adieu*, bela donzela. Mas, antes que eu me vá ao encontro de meus piores inimigos, serei digno da graça de um de seus sublimes beijos?

Lori ainda tinha os olhos arregalados quando ele, sem esperar pela resposta, enlaçou-a pela cintura para lhe tomar os lábios num beijo.

Um beijo simplesmente... irresistível. Se antes estava abismada demais para esboçar alguma reação, agora Lori sentia a cabeça girar, enquanto ele lhe explorava os recônditos da boca com o talento de um mestre na arte de amar. Se antes estava quase entorpecida pelo perfume que vinha dele e do mar, agora tinha a impressão de cair num transe profundo e misterioso.

Justin nunca a beijara daquele modo. Ela nunca se sentira daquela maneira.

E quando Lori começava a pensar que não seria mais capaz de suportar o peso do próprio corpo, Jack afastou os lábios dos dela pura fitá-la nos olhos.

— Agora, se a morte estiver à minha espera — ele prosseguiu com o tom dramático —, seguirei sem arrependimento rumo a braços tão frios e ingratos.

— Você só pode ser maluco — Lori conseguiu dizer num susurro.

— Não, querida Lorelei, sou apenas um homem que acaba de provar do fruto do paraíso. — Ele então lhe admirou os seios e ventre para depois, sem impostar a voz, concluir num tom insinuante: — E se amanhã a sorte me favorecer, provarei também dos picos e dos vales.

— Nunca! — Feliz pela primeira vez na vida por seu pai tê-la obrigado a ler as obras de Shakespeare, ela lembrou uma passagem de *Rei Lear*. — “Que meus olhos o vejam pela última vez. Longe, bandido perverso, vá para longe de mim”.

Jack sorriu, satisfeitiíssimo, depois tocou o decote do vestido dela, fechado por uma fileira de pequeninos botões. Preparava-se para dizer alguma coisa quando um disparo de canhão estourou do lado de fora do navio.

Ele correu para a porta, mas virou-se para desejar:

— Que bons pensamentos e horas felizes sejam seus companheiros.

E com isso desapareceu pelo corredor, deixando Lori paralisada num canto do camarote. Ela não fazia a menor idéia de como lidar com aquele homem. Se por um lado ele tinha um grande refinamento que lhe possibilitava misturar-se à aristocracia e citar Shakespeare de cor e propriamente, por outro, era conhecido pelo temperamento sanguinário. O nome dele era sinônimo de morte.

— Não precisa franzir a testa, estar aqui não é mau como parece — observou a moça negra antes de colocar as roupas que trazia sobre a mesa. Ela então deu um sorriso largo e cativante. — Meu nome é Kesi.

— Você também é prisioneira? — perguntou Lori, imaginando por que Kesi viajaria numa embarcação repleta de piratas.

— Não há prisioneiros no navio do capitão Jack. Sou esposa do contramestre, Tarik.

— O Terrível Jack Rhys permite que você viaje com seu marido?

— Claro que sim. Sou uma entre várias esposas de marinheiros a bordo. Você conhecerá as demais amanhã.

— Não entendo. Pensei que os piratas mantivessem em seus navios apenas prisioneiras ou mulheres para... Bem, você sabe.

Kesi riu.

— Não dê ouvidos a essas histórias, criança. Alguns piratas são realmente assim, mas não se pode dizer o mesmo do capitão Jack. — Ela se aproximou para pegar no braço de Lori. — Venha, é melhor nos afastarmos das escotilhas e apagar as lamparinas, os ingleses vão atirar em tudo o que virem.

Depois de fazer Lori sentar-se sobre a cama, a moça cuidou de apagar todos os pontos de luz. Enquanto a cabine mergulhava na escuridão, mais tiros de canhão explodiam lá fora.

— Não tenha medo, criança. — Kesi sentou-se ao lado dela. — Vou lhe fazer companhia.

Quando conseguiu engolir o nó que lhe apertava a garganta, Lori perguntou:

— Isso acontece sempre?

— Não com muita frequência. Tente ficar calma. Ninguém aqui vai lhe fazer mal.

— Foi isso o que o Terrível Jack disse.

— E você não acreditou nele?

— Posso acreditar?

— Ouça seu coração, criança. O que ele lhe diz?

— Que eu não deveria ter colocado o nariz para fora de casa hoje.

O céu da noite tremeluzia enquanto as duas fragatas inglesas avançavam em perseguição ao navio-pirata. Jack ordenara que se içassem as velas negras, pois isso dificultaria que os britânicos os vissem em meio à escuridão. Sabia que mais alguns minutos, estariam fora daquilo.

Ele encontrava-se em pé, perto do jogo de redes; seus pensamentos, porém, estavam na jovem que se achava no tombadilho inferior. Nunca conhecera uma mulher que usasse de seu próprio veneno para confrontá-lo: obras de Shakespeare. Fora Thadeus, que também se portara como uma espécie de tutor, quem o apresentara ao bardo inglês e a outros autores imprescindíveis. E Lori? Quem teria lhe ensinado a amar os clássicos?

— Vem vindo para cá!

O grito fez Jack olhar ao redor. Com os olhos agora habituados à escuridão, ele conseguiu avistar a bala de canhão, iluminada pela claridade da lua, a desenhar um leve arco em direção ao seu navio. Acompanhando-lhe a trajetória, sentiu como um soco no peito ao ver o projétil mergulhar, certo, numa das escotilhas do segundo tombadilho.

Uma das escotilhas da cabine onde ele deixara Lori.

Capítulo IV

Esquecendo-se momentaneamente dos ingleses em seu encalço, Jack correu para a escada de acesso aos tombadilhos inferiores com Tarik em seus calcanhares. Tomados pelo pânico, ambos nem se falaram enquanto seguiam em disparada para a cabine onde estavam as duas jovens.

Com o coração aos saltos, Jack abriu a porta do camarote já esperando pelo pior. Uma voz cujo tom oscilava entre a ira e a incredulidade guiou seu olhar para onde Lori, ilesa, agitava as mãos para Kesi, igualmente incólume.

— Não posso crer que foi uma bala de canhão — Lori repetiu.

Bem mais aliviado do que gostaria de admitir, Jack deteve-se à soleira da porta enquanto Tarik corria ao encontro da esposa.

— Ah, querida! — exclamou o contramestre. — Que susto você me deu!

— Para que tanta preocupação?—respondeu Kesi, largando-se no abraço do marido. — Não nos aconteceu nada.

Com os olhos prestes a saltar das órbitas, Lori foi até Jack e, descrevendo um grande círculo no ar, explicou:

— Era deste tamanho e arrebentou tudo ali. — Ela apontou a parede oposta à popa, onde a bala de canhão havia estilhaçado uma boa porção das robustas tábuas de carvalho.

Aquela fenda, e mais as escotilhas destroçadas, eram agora uma cicatriz bastante grande e feia no casco do navio. O estrago, entretanto, podia ser reparado sem maiores dificuldades.

— Bem, não é a primeira vez que isso me acontece — Jack admitiu.

— E você diz uma coisa dessas com toda a calma do mundo? — Lori se indignou. —Pois muito bem, você fique aqui para ser bombardeado. Eu vou para casa agora mesmo.

— Acho que não será tão fácil assim, Lori. Primeiro você vai ter de passar pelos ingleses.

Ela o encarou com uma expressão tanto irada como desanimada.

— Odeio você, Terrível Jack Rhys. Odeio, odeio, odeio.

Ele sorriu.

— Se sou capaz de lhe provocar um sentimento tão intenso, então não tenho do que me queixar. É da indiferença, e não do ódio, que tenho medo.

— Parece que estamos fora do alcance dos britânicos — observou Kesi.

Só então, Jack deu-se conta de que o baralho dos tiros de canhão tinha ficado muito, muito longe. Olhando para Kesi, ele confirmou:

— Tem razão. O pior já passou.

— Vou verificar — disse Tarik, para depois se dirigir à esposa antes de deixar o camarote: — Vá para a nossa cabine enquanto as coisas estão calmas.

— Vou, sim. — À porta, antes de sair, Kesi olhou para Jack. — Onde vai colocar essa criança agora que o camarote dela está praticamente destruído?

Jack analisou as possibilidades. Sabia muito bem onde gostaria de acomodar Lori: na cama dele. Aí, sim, a viagem iria ser bastante prazerosa... O pensamento o fez arder de desejo. Seduzi-la seria bem mais fácil se ela estivesse ao alcance de suas investidas. Mas como iria convencê-la a ficar no camarote de um pirata?

Uma ideia diabólica lhe cruzou as digressões.

Havia um lugar onde instalar Lori com a garantia de que ela acabaria por correr para a cabine dele em busca de proteção. Um lugar insuportável a uma jovem de espírito delicado e sensível, muito pior e mais horrendo do que os aposentos privativos de um pirata.

— O camarote ao lado do salão.

Kesi ficou pasma.

— Imagine só! Como ela vai conseguir dormir num lugar cheio de... daquelas coisas? A pobrezinha vai olhar para o interior daquela cabine e sair correndo dali.

Era essa a idéia.

Mas Jack não podia admitir tamanha falta de escrúpulos. Em vez disso, usou de lógica para convencer Kesi de suas boas intenções:

— Não há outro lugar onde alojá-la. — Ele fingiu pensar por alguns instantes. — A menos que ela queira ficar no meu camarote.

— A cabine ao lado do salão está muito boa para mim — interveio Lori, endireitando os ombros numa postura rígida.

— Você não está sendo nada gentil, Jack Rhys — observou Kesi.— Trate de cuidar muito bem dessa criança, ou vai arrumar uma pilha de problemas para si mesmo.

— Seguirei seu conselho, Kesi. Agora vá para sua cabine; Tarik já deve estar à sua espera lá.

Quando se viu a sós com Lori, Jack reparou que os olhos dela, onde antes brilhava uma centelha de indignação, tinham agora um reflexo desanimado. O coração dele se apertou.

— Você tinha de me colocar justo no camarote que os ingleses iriam acertar, não tinha?

Ele não conseguiu reprimir uma gargalhada. O senso de humor de Lori o encantava. No lugar dela, a maioria das mulheres estaria arrancando os cabelos.

— Fale a verdade: você ficou morta de medo, não ficou?

— Bobagem. Kesi estava mais assustada do que eu.

— Duvido. Admita, Lorelei Dupree: apesar do pavor e tudo o mais, pela primeira vez na vida, você está experimentando o que é uma aventura de verdade. Nossa fuga foi emocionante, e você está saboreando cada instante de nossas peripécias.

— Bá.

Jack aproximou-se lentamente dela. Segurando-lhe o queixo entre os dedos, obrigou-a a encará-lo.

— Diga: seu inglesinho com cara de pateta já fez você sentir-se tão viva assim?

— Viva? Quase morri por sua causa!

— “Quase” não conta. Você *quase* fugiu de mim no cais, mal não fugiu.

Lori cruzou os braços sobre o peito como se isso pudesse protegê-la.

— Você é um homem cruel.

Ele escolheu não desmenti-la. Afinal, seria realmente capaz de grandes maldades quando o assunto dizia respeito àquela bela sereia à sua frente. Sem pressa, deu alguns passos pela cabine até se colocar às costas dela. Então se inclinou para lhe murmurar ao ouvido:

— Sim, um homem cruel... Que acaba de lhe proporcionar a experiência mais inesquecível de sua vida. Uma aventura que você vai contar e recontar inúmeras vezes aos seus filhos e netos.

Afastando uma mecha de cabelos do ombro de Lori, Jack notou os sinais de arrepio que brotavam pelos braços dela. Reparou também, que os seios roliços arfavam sob o corpete de algodão do vestido que ela usava. Fechando os olhos, imaginou como seria tomar os mamilos túmidos entre os lábios para afagá-los com a ponta da língua.

— Aposto que Jason nunca fez seu coração disparar. — As palavras lhe escaparam da boca antes que ele se desse conta do que dizia.

— O nome dele é Justin. — Lori deu dois passos adiante. — E ele me protege.

— Engraçado, eu não vi Jason proteger você esta noite lá na taverna. Onde ele estava enquanto aquele urso embriagado a molestava?

— Estava esperando por você.

— Nossa, então me sinto muito lisonjeado por saber que a minha captura é bem mais importante para ele do que o seu bem-estar.

— Pare com isso já, está bem? Não quero mais ouvir essas tolices. Justin me ama com paixão, e você está tentando me confundir.

— A verdade quase sempre nos deixa confusos.

— Não, senhor, a verdade não confunde ninguém.

— Sei, sei. E eu posso saber qual é a verdade na qual você acredita?

— Acredito que você seja um patife de coração insensível que deve ser levado à Justiça, porque ataca tripulações indefesas e as deixa morrer.

Jack deu uma risada amarga. Depois tornou a se aproximar dela, voltando a lhe segurar o rosto para forçá-la a olhar em seus olhos.

— Desde quando um navio repleto de homens armados até os dentes pode ser considerado indefeso? E quanto à marinha inglesa? Você os considera indefesos?

— Mas você...

— Se não estou enganado, Lori, fui o único levar um tiro pelas costas enquanto Justin e seus comparsas saíam ilesos da armadilha que prepararam para mim. Diga-me, por favor, como é possível que um homem possa emboscar um navio em alto-mar? Você acha que sou algum mágico que possui uma embarcação voadora capaz de cair do céu sobre uma outra nau?

— Pare com isso. Já disse que não quero mais saber desta conversa. Sei o que é verdade e o que não é. E você está tentando me fazer duvidar de Jason.

— O nome do seu noivinho é Justin.

Lori sentiu o rosto em brasa.

— Quero que você me leve para casa. Agora.

— Levá-la de volta para o seu mundinho, onde você fica julgando as pessoas sem saber da realidade dos fatos? Francamente, Lori, estou decepcionado.

— Acha que me importo de decepcionar ou não você, Jack Rhys?

— Não sei. Sou apenas um pirata vil, indigno de qualquer outra consideração sua que não seja o desprezo. E em vez de levá-la de volta ao seu mundinho, irei acompanhá-la até sua cabine; lá você estará a salvo das duras realidades da vida. Venha.

Com isso, Jack ignorou o ultraje estampado no rosto dela e girou sobre os calcanhares para deixar o camarote pisando duro.

Não sabia explicar por que se sentia tão insultado pelas crítica da srta. Dupree. Antes mesmo de deixar o berço, já tinha aprendido a ignorar o julgamento que as pessoas faziam dele e, com passar dos anos, aprendera também a rir de tudo o que diziam seu respeito. O problema... O problema era que Lori não esta sendo justa. E o via como um pirata sinistro, quando ele queria que ela o visse como um amante exemplar.

Aquela mulher o desafiava, em todos os sentidos.

Mas ele adorava um bom desafio.

Ao final de um corredor estreito, detiveram-se diante de uma porta. Jack então bateu três vezes.

— Quem está aí dentro? — perguntou Lori, franzindo as sobrancelhas.

— Ninguém.

— Então por que bateu?

— Para espantar os espíritos, assim eles não a perturbarão enquanto você dorme.

Após saborear por um breve instante a expressão atarantada de Lori, ele tirou a lamparina do suporte junto a uma escotilha. Depois, abrindo a porta lentamente, entrou no camarote com o cuidado de não tirar os olhos do rosto de sua “convidada”.

A pobre Lori, ao chegar ao meio da cabine, já estava branca como cera.

Jack passou a língua pelos lábios. Era como se sentisse o gosto da vitória. Ou deveria imaginar que já podia sentir o gosto de Lori?...

Olhando ao redor, ela arfou uma, duas, três vezes. Quando enfim conseguiu falar, perguntou:

— Mas o que é isso?

— Cabeças — foi tudo o que ele disse.

Com as mãos cruzadas sobre o peito, Lori sentia não ser capaz de controlar os próprios olhos. Eles saltavam de um lado para outro, admirando as paredes cobertas com cerca de trinta cabeças escurecidas, seus rostos paralisados nas mais diversas expressões.

Jack achou por bem explicar:

— São cabeças encolhidas, para ser mais preciso. Nós as recolhemos tempos atrás de uma ilha de caçadores de cabeças.

— Ilha de quê? — O tom de Lori traduzia uma mistura de incredulidade e horror.

— Caçadores de cabeças. Eles matam estranhos e inimigos para depois lhes encolher as cabeças. A minha continua sobre o meu pescoço porque fui ainda mais bárbaro do que o chefe tribal e seus homens.

— E por que você guarda essas... coisas?

Colocando a lamparina em cima de um baú coberto de pó aos pés da cama, ele olhou ao redor antes de voltar a encará-la.

— Estávamos enterrando um carregamento muito valioso numa ilha longínqua, fora do mapa, quando de repente, nos vimos cercados pelos nativos. Selvagens nus, que gritavam e tentavam nos matar com lanças imensas. Mas, com a ajuda de minha espada e granadas de pólvora, conseguimos virar a mesa e dominar a situação.

O que era uma mentira deslavada. Nunca na vida Jack havia enterrado tesouro algum, já que preferia transformar seus ganhos ilícitos em investimentos. E as cabeças, roubadas de um galeão espanhol, tinham sido dispostas ali pelos membros de sua tripulação, que às vezes se divertiam com coisas patéticas como aquelas.

Percebendo que Lori o observava com olhos desconfiados, ele decidiu terminar a história:

— Ao fim do confronto, o chefe me ofereceu as cabeças em troca de pouparmos a vida dele e deixarmos a ilha. Ele jurou que, se eu decorasse meu navio com elas, nunca perderia uma batalha.

Lori continuava a olhar para ele. Apavorada.

— Mas não se preocupe, elas não lhe farão mal. Afinal, estão mortas, não é mesmo?

— Você é detestável.

— Talvez. Só que não tão detestável quanto esta cabine... Você não acha?

Munida de toda coragem que conseguiu reunir, Lori empertigou-se como uma rainha prestes a falar a seus súditos antes de declarar:

— Pois eu prefiro passar a eternidade neste camarote a ficar cinco minutos mais na sua companhia.

Jack ergueu uma sobrancelha. Teria ouvido direito? A srta. Lorelei Dupree acabava de dizer não a ele, o maior amante que já singrara pelos altos-mares?

— Você realmente prefere passar a noite aqui a desfrutar dos confortos da *minha* cabine?

— Sua cabine deve ser ótima, desde que você não esteja lá. Por via das dúvidas, vou me contentar com a companhia das pobres cabeças.

Aquilo não estava nos planos. Jack imaginara que bastaria uma espiadela pelo interior daquele camarote para fazer Lori correr para seus braços em busca de proteção. Como podia ter se enganado tanto? Nunca, *nunca*, uma mulher fora tão relutante em aceitar sua companhia.

Ela só podia estar blefando.

— Será que posso lhe fazer uma pergunta? — Ele não lhe deu tempo para responder. — Você tem mais medo de mim do que dessas cabeças?

— Não é uma questão de medo — Lori foi taxativa. — Trata-se de uma questão de preferência. Eu prefiro a companhia abominável delas à sua.

Jack deu um passo para ela antes de indagar:

— Então você acha a minha companhia abominável?

— Sim. E desprezível também.

— Desprezível, é? Pena. Eu acho você cativante.

— E eu me considero uma cativa, o que faz toda a diferença. — Lori deu um passo atrás. — Agora, se me der licença, eu gostaria de ficar sozinha.

— Sozinha, Lori? Ainda não é tarde demais para mudar de ideia.

— A seu respeito? Nunca mudarei de ideia a seu respeito, *Terrível* Jack Rhys.

— As mulheres são incertas e inconstantes.

— E os homens são temíveis e infiéis.

— Isso inclui seu noivinho Justin?

— De jeito nenhum.

— Ah, é como pensei: ele não é homem.

Furiosa, ela apontou a saída.

— Aquela é a porta e esse é o caminho até ela. Use ambos.

— Seu desejo é uma ordem. Bem, deixarei você na companhia de suas novas amiguinhas, mas, se mudar de ideia, encontrará meu camarote no final do corredor. Não precisa nem bater à porta.

— Não espere acordado.

— Muito bem... Seja como for, fique à vontade.

— Ficarei. — Com isso, Lori fechou a porta na cara dele.

Engolindo o gosto amargo da rejeição, Jack trincou os dentes. Ela era firme como uma rocha. E mais deliciosa do que o pecado. Tê-la em seus braços seria um dos maiores prazeres que a vida poderia lhe oferecer.

Um prazer que ele iria alcançar, ah, se iria.

Ou não se chamava Jack Rhys.

Lori suspirou de alívio ao ver-se sozinha. Mas então olhou ao redor e...

— Coragem — murmurou a si mesma. — Os mortos não podem lhe fazer mal.

Ainda que a aterrorizassem.

Havia pouco menos de três dúzias de cabeças dependuradas pelas paredes, mas a ela pareciam centenas. Mesmo assim, tratou de evocar a pouca bravura que lhe restava. “Você é Lorelei Dupree”, pensou. “É neta de Anne Bonny, e Anne Bonny jamais, *jamais*, permitiria que essas cabeças a apavorassem”. Era verdade. Vó Anne pegaria o diabo pelos chifres e o deixaria de joelhos. E como seu pai sempre lhe dizia, ela era uma cópia perfeita da avó.

Com esse pensamento em mente, Lori tirou uma das cabeças da parede, segurando-a com dedos trêmulos pela corda que a mantinha dependurada. Com uma careta, aproximou-se da cama com a ideia de largar aquela coisa medonha ali, mas, no instante em que se curvava sobre o colchão, alguém bateu à porta da cabine.

O susto fez Lori dar um grito. Soltando a cabeça, ela correu para a porta, que se abriu num só movimento.

À soleira, Jack cerrou o cenho antes de perguntar:

— O que houve?

— O que houve? — Ela levou a mão ao peito. — Houve que você quase me mata do coração!

Ele riu.

— Qual é a graça?

— Nenhuma... Desculpe-me, mas tive de voltar para lhe trazer isto. — Jack lhe entregou a pilha de roupas que Kesi levava à outra cabine.

— Obrigada. — Ela ajeitou as peças entre os braços. — Boa noite, capitão Rhys.

Levando dois dedos à têmpora, ele fez uma leve continência antes de fechar a porta.

Lori inspirou e expirou profundamente por várias vezes. Precisava se convencer de que Justin não tardaria a vir em seu socorro. Sim, mais uma noite ou duas, seu noivo estaria abordando aquele navio.

Uma noite ou duas...

Sentindo que seu coração se acalmara, ela colocou as roupas sobre a cômoda ao lado da cama e voltou ao trabalho de recolher as monstruosas cabeças. Uma noite ou duas de luta sem trégua contra o demônio em pessoa, quando poderia estar, sã e salva, no conforto de sua casa.

Jack Rhys. Demônio, pirata, bandido...

E bonito que só ele. Isso era um detalhe tolo, fútil, mas era também uma constatação inescapável. Belo. Atraente. Inteligente. Jack era exatamente o contrário do que diziam dele, essa era a verdade.

Perdida em pensamentos, Lori surpreendeu-se ao ver que acabava de largar a última das cabeças sobre a cama. Suspirando, juntou as pontas da manta estendida sobre o colchão até envolver os macabros itens numa grande trouxa. Depois, pé ante pé, cuidou de levar a trouxa até o corredor e deixou-a lá.

De volta à cabine, fechou a porta e encostou-se à madeira rija. Suspirou, aliviada. Aquilo era suficiente para frustrar o plano do pirata. Por ora.

Acomodando-se na cama estreita, Lori tratou de ignorar o odor almiscarado dos lençóis enquanto tentava planejar a próxima medida a ser tomada.

Só que nada lhe ocorreu.

Ao despertar, Lori voltou a pensar na grave situação em que se encontrava, enquanto ajeitava e trançava os cabelos. Como aquela cabine não tivesse escotilhas, ela não sabia ao certo que horas seriam, embora o barulho da atividade pelo navio indicasse que a manhã já ia adiantada.

A noite fora péssima. Lori virara e revirara de um lado para outro na cama, acordando ao menor ruído, preocupada com o pai, com Justin e com a aflição por que ambos estariam passando. Além do mais, não conseguia parar de se perguntar por que Jack a tinha raptado. Seria apenas para vingar-se da armadilha que Justin lhe preparara, ou o pirata estaria atrás de lorde Wallingford?

A ideia podia soar absurda, mas ela não conseguia esquecer a expressão no rosto de Jack, quando Justin mencionara o nome do pai: ficara evidente que Jack Rhys odiava lorde Wallingford. E o próprio Jack lhe dissera que a usaria como uma espécie de isca, não dissera? Ela estremeceu. Não iria deixar que ninguém a usasse. Muito menos o homem que estava atrás de seu noivo ou de seu futuro sogro.

Ao terminar a trança, Lori jogou-a às costas e foi até a porta. Abriu-a devagarzinho, detendo-se à soleira. A primeira coisa que viu, foi que

alguém levava embora a trousse feita com a colcha e seu conteúdo fúnebre. Do chão, os olhos dela viajaram até a porta do camarote do pirata, que ficava bem perto dali, no fim do corredor.

O que Jack faria se estivessem ambos sozinhos nos aposentos dele?

Melhor não pensar nisso.

Enquanto decidia o que fazer, Lori ouviu passos no outro lado do corredor. Antes que tivesse tempo para entrar na cabine e fechar a porta, Jack já caminhava em sua direção.

— Está acordada, sereia?

Num andar que transpirava segurança e determinação, ele se aproximava com os cabelos revoltos pelo vento, um brinco de ouro na orelha esquerda e um sorriso travesso nos lábios.

— Sim, estou acordada e gostaria de trocar uma palavrinha com você.

Jack parou bem à frente de Lori. Com muita naturalidade, apoiou uma das mãos na moldura da porta acima da cabeça dela e baixou os olhos para admirá-la.

— Está ansiosa por ficar a sós comigo, é isso?

— Você é um bocado pretensioso, não?

— Admita, amor... Você me acha irresistível.

— Acho você irritante, Jack Rhys. Seu camarote deve ser do tamanho de um salão de baile para acomodar você e seu ego.

Ele explodiu numa gargalhada, depois declarou:

— É grande o suficiente para acomodar nós três. E a minha cama...

— Não quero saber da sua cama. Será que você está tentando me deixar chocada?

— E se estiver?

— Então é melhor se esforçar bem mais. Não me espanto com qualquer coisa. Aliás, sua mãe não lhe ensinou que não é com crueldade que se atrai uma mulher?

Lori percebeu no mesmo instante que dissera a coisa errada. Por algum motivo, o rosto dele se transformara numa máscara fria e soturna.

— Você não gostaria de saber as lições que recebi de minha mãe. Agora, se me der licença, tenho afazeres de que cuidar.

Ao ver Jack lhe dar as costas, ela tentou detê-lo.

— Espere.

Ele virou-se lentamente. Diante de expressão tão sombria, Lori teve a impressão de aquele homem era realmente capaz de qualquer coisa.

— Sim?

— Qual o papel de lorde Wallingford na sua vida e por que você o odeia tanto? É atrás dele que você está, não é? Você me raptou porque sabe que Justin levará o pai dele ao seu encontro, estou certa?

Lori bem que se esforçara, mas não conseguira trazer nenhuma emoção àquele rosto de pedra. Era como se estivesse diante de uma estátua de mármore e gelo.

— Antes de me fazer essas perguntas, pequena Lorelei, você deveria indagar a si mesma se gostaria de ouvir as respostas.

— É claro que eu gostaria.

— Antes de mais nada, diga-me: por que pensa que eu o odeio?

— Porque ele jurou enforcar todos os piratas que conseguir capturar.

— Você é bastante ingênua, sabia? Volte para sua cabine, Lori. Estará protegida lá.

— Protegida? Do quê?

— De mim, da vida, de tudo.

— Quer parar com esse jogo tolo e responder às perguntas que lhe fiz?

Um silêncio sufocante pairou sobre ambos até que ele admitisse:

— Sim, raptei você para que o almirante Gabriel Wallingford viesse ao seu encalço.

— Por que você o odeia?

— Por que sim.

— Mas é evidente que você sabe que há outras maneiras de chamar a atenção do almirante.

— É verdade. Eu poderia ter matado um dos filhos dele. Mas isso não serviria aos meus propósitos.

A fleuma com que Jack expusera seus argumentos deixou Lori abismada, mesmo assim ela conseguiu questionar:

— Seduzir-me faz parte da sua vingança? Foi com essa ideia em mente que você me raptou, não foi? Se tivesse capturado Justin, lorde Wallingford viria atrás de você do mesmo modo. Mas não foi Justin quem você trouxe consigo.

— Agora você está sendo bastante astuciosa.

Por algum motivo, aquilo a deixou decepcionada. E zangada.

— Pois está perdendo o seu tempo, Jack Rhys.

— Estou?

— Sim. Eu amo Justin.

— O amor não passa de uma desculpa que os homens inventaram para levar as mulheres para suas camas sem se sentirem culpados.

—Você não pode acreditar numa coisa dessas. A vida é vazia sem amor.

— Uma vida sem amor é uma vida feliz, isso sim.

— Será que você nunca experimentou a emoção de estar apaixonado? Nunca sentiu seu coração disparar quando alguém especial se aproxima? Nunca ansiou passar todos os instantes do dia ao lado de uma determinada pessoa?

— Isso se chama desejo, Lori.

— Isso é amor.

— Pois então estou apaixonado, já que tudo em que consigo pensar neste instante, é abraçar o seu corpo nu de encontro ao meu e sentir o sabor do seu...

— Você me entendeu muito bem!

Tomando o rosto dela entre as mãos, Jack afagou-lhe os lábios trêmulos com um dos polegares. O suave carinho fez Lori sentir as entranhas em brasa. Se não houvesse resistido ao impulso, ela teria virado o rosto para prender entre os dentes a palma da mão dele para lhe experimentar o gosto.

Num só movimento, Jack a trouxe de encontro ao peito e passou-lhe o braço pela cintura para prendê-la junto a si.

— Posso lhe mostrar delícias com as quais você nunca sequer sonhou, minha sereia. Posso lhe proporcionar todos os prazeres que quiser experimentar.

Lori sabia que o forte desejo que a abrasava era pura loucura. Somente um surto insano poderia fazê-la deixar-se levar pelas palavras e pelo calor do corpo de um fora-da-lei, um homem cuja vida chegaria ao fim no momento em que ela fosse resgatada.

— Solte-me, Jack Rhys. O único prazer que você pode me dar é o prazer da sua ausência.

Ele riu.

— Pois esse, pequena sereia, é o único prazer que não desejo lhe conceder.

Lori fez força até afastá-lo de si.

— Posso lhe garantir, capitão Rhys, que sou absolutamente capaz de resistir aos seus encantos. É mais fácil você se apoiar num joelho para declarar seu amor infinito por mim do que eu vir a me entregar à sua luxúria.

— Isso é um desafio?

Lori dissera aquilo como mera comparação, mas a pergunta dele a fez pensar.

“Ainda não nasceu o homem a quem eu não possa dominar”. A bravata, proferida na noite de seu noivado, voltou-lhe à lembrança. Talvez estivesse diante do único homem a quem jamais conseguiria controlar.

“Será?”, indagou-se.

Lori encheu-se de determinação. E sorriu. Dessa vez, Jack Rhys encontrara alguém à sua altura.

— Sim, é um desafio. Eu terei seu coração antes que você possua meu corpo.

Capítulo V

A gargalhada de Jack foi como um estrondo nos ouvidos dela. — Eu, ajoelhado diante de uma mulher, declarando-lhe um amor infinito... Sem sombra de dúvida, isso foi a coisa mais absurda que já ouvi na vida.

Lembrando-se de que Justin dissera o mesmo e acabara de joelho à frente dela, Lori retrucou:

— Os homens são tão suscetíveis às emoções quanto as mulheres. Ou talvez mais. Vejamos: você vive pela vingança, eu vivo por uma tranquilidade pacífica; quem de nós tem uma vida mais emocional, mais volátil?

— Por certo posso lhe dizer quem tem uma vida mais tediosa.

— Ah, criança, aí está você!

Lori virou-se a tempo de ver Kesi descendo pela mesma escada que Jack utilizara momentos atrás. A moça trazia uma cesta coberta por um pano verde.

— Vim lhe trazer seu desjejum.

Agradecida por mais aquele gesto de consideração, Lori foi até ela para lhe tomar a cesta das mãos.

— Obrigada, Kesi. Estou mesmo faminta.

— Logo imaginei. — A moça olhou para Jack. — Como está seu ombro?

— Ainda lateja um pouco. Bem, garotas, peço que me deem licença, pois tenho afazeres de que cuidar. — Para Lori, ele disse baixinho: — E uma sedução para planejar, é claro.

— Vai perder seu tempo — ela retrucou, sentindo-se corar. Assim que ele se afastou, Kesi não escondeu a curiosidade: Você e o capitão estão tendo desentendimentos?

— Não, não. Nada importante.

— Então venha comigo. Vamos subir ao convés para tomar um pouco de ar fresco. O dia está muito bonito.

— Mas os piratas podem...

— Ninguém a incomodará, criança. O capitão já avisou a todos de que cortará o pescoço do primeiro que olhar para você de forma desrespeitosa.

Lori sentiu um arrepio na espinha. Jack Rhys devia ser mesmo incrível, ou a tripulação nem se daria ao trabalho de obedecer às suas ordens.

— Pare de tanto franzir a testa; isso a fará ficar com rugas antes do tempo. — Kesi riu. — Venha, as outras mulheres querem conhecê-la.

Ajeitando a cesta no braço, Lori seguiu-a pela escada rumo ao convés principal. Apetecia-lhe a ideia de desfrutar de uma bela manhã, mas para isso precisava tratar de não pensar que se achava num navio repleto de piratas, a caminho de um destino desconhecido, enquanto o rei dos malfeitores ali reunidos engendrava planos para seduzi-la.

Mas, dado o número de olhares rudes que recebia do bando ao cruzar o convés logo atrás de Kesi, como poderia pensar em outra coisa?

À sua volta, homens e rapazes com o torso nu cuidavam das velas, limpavam o piso, lustravam cabrestantes ou se ocupavam de inúmeras outras tarefas. A brisa forte que parecia soprar em todas as direções espalhava as canções desbocadas e os impropérios proferidos pela tripulação em plena atividade.

O vestido que Kesi lhe levara na noite anterior servira-lhe como uma luva, à exceção da região do busto, que Lori agora sentia apertado demais sob o algodão leve. O traje, num verde suave, tinha mangas curtas e era bastante adequado ao calor do dia.

Quando elas se aproximaram da proa, Lori reparou nas três mulheres reunidas ali. Uma delas, a que aparentava quarenta e poucos anos de idade e tinha alguns fios de cabelos grisalhos, segurava uma grande bandeja de prata, de onde duas mulheres mais jovens apanhavam lascas de pão para atirar à revoada de gaivotas que acompanhava o navio.

— Cuidado, Alice, aquela ali quase levou a sua touca — disse a mais velha à jovem de cerca de vinte e dois anos antes de fazê-la afastar-se da amurada.

— Pode deixar, Mavis. Estou atenta — respondeu Alice, atirando mais um punhado de pão ao ar.

A terceira, uma morena miudinha, usou do cotovelo para dar um cutucão em Mavis para avisá-la da presença de Kesi e Lori. Virando-se para ambas, Mavis deu um sorriso largo para Lori.

— Seja bem-vinda, nossa hóspede!

Kesi cuidou das apresentações:

— Esta é Lorelei Dupree. O capitão Jack raptou a pobre criança no meio da noite.

— Ah, coitadinha... — No tom de Alice havia menos compaixão do que ironia.

— Não repare nela — interveio Mavis. — Alice está com ciúme porque o capitão pôde trazer você como se levasse uma pluma. O marido dela, pobre Billy!, quase quebrou a espinha ao carregá-la pela janela da casa dos pais.

— Não seja mentirosa! — Alice a repreendeu. — Billy se machucou porque escorregou da escada.

— Isso é o que você diz.

— Senhoras, por favor. — Kesi colocou-se entre as duas. — O que Lorelei vai pensar de nós?

— Que não somos bem-educadas como ela, ora! — Mavis tomou a sorrir. — Perdoe-nos, Lorelei, mas é que às vezes tudo fica tão enfadonho por aqui, que Alice e eu ficamos nos provocando só para ajudar o tempo a passar.

Se minutos atrás Lori temia ser vista como uma intrusa ou uma rival, agora estava bem mais à vontade em meio à tripulação feminina do

navio. Por algum motivo, tinha a sensação de ter sido aceita ali mais como amiga do que como “convidada” do capitão.

Kesi pegou na mão da moreninha para trazê-la mais para perto do grupo. Cruzando as mãos sobre o peito, a moça abaixou a cabeça num cumprimento tímido.

— Esta é Sarah, esposa do cozinheiro — disse Kesi.

Sarah tornou a inclinar a cabeça, então sorriu para Lori.

— Ela é muda — explicou Alice.

— Mas assobia como um passarinho e faz biscoitos de dar água na boca. — Mavis jogou o resto do pão para as gaivotas, depois limpou as mãos no avental. — Meu nome é Mavis Browne; sou casada com o navegador.

— E eu sou Alice Younblood, esposa de Billy. — Após dar uma olhadela em algum ponto às costas de Lori, ela ergueu a voz.

— E se ele não tirar os olhos de você, terá de dormir sozinho por um mês a fio.

Virando-se, Lori viu o rosto de um jovem marujo ficar vermelho como uma pimenta. Ele então se desculpou:

— Era para você que eu estava olhando, amor.

— Sei! — Alice fez um muxoxo.

Sarah fez uma série de gestos para Lori, e Kesi os interpretou:

— Ela disse que você é bem-vinda a bordo e que espera que não a julgue uma boba por não poder falar. — Ao perceber a confusão estampada no rosto de Lori, Kesi explicou: — O marido de Sarah foi padre com voto de silêncio. Ele a ensinou a falar com as mãos, e todos nós aprendemos os sinais para poder conversar com ela.

— Espero que possam me ensinar também! — O entusiasmo de Lori era sincero.

— Claro que sim, minha criança — Kesi prometeu. — Mas, por ora, temos de cuidar de nossos afazeres.

— Você só pensa em trabalho, Kesi? — Alice torceu o nariz, em seguida colocou a bandeja sob um braço e pegou na mão de Sarah. — Conversaremos num outro momento, Lorelei... Depois que as tarefas estiverem prontas.

Assim que ela se afastou, arrastando Sarah atrás de si, Mavis perguntou:

— Sabe costurar, Lorelei? Se souber, poderá me ajudar com as roupas dos marinheiros.

— Sei, sim. — A ideia agradou-a: seria uma boa maneira de passar o tempo.

Kesi apanhou um balde vazio que estava junto à amurada antes de anunciar:

— Enquanto vocês se ocupam das costuras, vou cuidar dos meus afazeres. — E rumou para o lado oposto ao que Alice e Sarah haviam tomado.

Mavis levou Lori até uma área coberta no convés, onde uma pilha de camisas, calças e meias esperavam por remendos. Lori não conseguiu reprimir um suspiro, comentando:

— Isso é trabalho para um batalhão de costureiras, não é?

Mavis riu enquanto se acomodava sobre um banco debaixo à proteção da cobertura na popa do navio. Depois esperou que Lori se sentasse no lugar que lhe indicara e explicou:

— Não é tão ruim quanto parece. Na verdade, eu até gosto de trabalhar sentada aqui quando o dia está bonito como hoje. Mas você, antes de colocar mãos à obra, precisa se alimentar. Tome o seu café da manhã sossegada. E trate de engordar um pouquinho, ou o vento vai carregá-la para o mar.

Lori deu uma risadinha. Enquanto Mavis remexia na caixa de costura junto a seu banco, ela ajeitou sobre o colo a cesta que Kesi lhe entregara. Após tirar a rolha da garrafa de leite, serviu-o na caneca de latão que estava entre os alimentos. Ao ajeitar a garrafa de volta à cesta, reparou que havia ali um pequeno frasco verde. Curiosa, apanhou o frasco, tirou-lhe a rolha e aspirou o conteúdo. Parecia não ter cheiro algum.

— Deve ser o preparado para fazer dormir de Kesi — cogitou Mavis.

— Para fazer dormir?

— Sim, às vezes nós o tomamos. Vai ver ela imaginou que você estivesse com dificuldades para conciliar o sono num navio em movimento.

A boa Kesi não poderia estar mais certa. Suspirando, Lori devolveu o frasco à cesta. Ainda não era o caso de vir a tomar preparados para dormir.

— Faz muito tempo que você viaja com os... — ela se calou, à procura de uma palavra que não soasse ofensiva.

— Piratas? — Mavis completou a pergunta, sem erguer os olhos dos pontos que dava na camisa que parecia pertencer a um menino. — A verdade não agride, Lorelei, somente a mentira tem esse poder. Você não encontrará a bordo deste navio, nada diferente do que está acostumada a ver em terra firme. Há pessoas boas e pessoas más em todos os cantos.

Lori pensou em refutar essa afirmação, mas se controlou para não melindrar as únicas aliadas que poderia ter até Justin vir resgatá-la. A verdade, porém, era que estranhava o fato de Mavis defender o comportamento de piratas que viajavam pelos mares à busca de desafortunadas vítimas.

Ela ainda remexia na cesta quando ouviu a mulher à sua frente dizer:

— Ora, sr. Kit, finalmente decidiu nos dar o prazer da sua presença?

Olhando para trás, Lori viu um garoto de cerca de onze anos de idade parado bem às suas costas. Um rapazinho bastante bonito, com cabelos castanhos e expressivos olhos verdes. Ele a observava com atenção, mas era impossível supor no que estaria pensando, pois sua expressão era impenetrável como às vezes o era o semblante de Jack Rhys.

— Qual é sua cor predileta? — ele lhe perguntou.

— Amarelo — respondeu Lori.

— Amarelo... — O garoto torceu o nariz. — Cor de menina.

— Olhe os modos, Kit — Mavis o repreendeu. — Ainda nem se apresentou à moça e já está desdenhando do gosto dela?

Dando de ombros, ele aproximou-se um passo para estender a mão a Lori.

— Meu nome é Kristopher, mas quase todos me chamam Kit.

— É um prazer conhecê-lo, Kit.

Assim que Lori apertou a mão dele, Kit voltou a se afastar e continuou a observá-la como se a medisse.

— Então você é a presa da noite passada, certo? Um pouco magrinha... — Ele olhou para Mavis. — Talvez seja melhor devolvê-la ao lugar de onde veio. Ela quase não tem carnes para se apertar.

— Seu malandrinho! — Mavis pôs-se em pé. — Vou lavar sua boca com sabão!

Antes que ela pudesse alcançá-lo, Kit disparou para o outro lado do convés.

— Que garoto levado... — Lori disse a Mavis, assim que ela tornou a se sentar. — Ele é filho de quem?

— Às vezes penso que do demônio. — Mavis pegou novamente a camisa que estivera cerzindo e que Lori agora sabia ser de Kit. — Kristopher é filho do capitão Jack.

Inesperada e surpreendente, a revelação atingiu Lori como uma bofetada. Então Jack Rhys tinha um filho?

— Quem é a mãe dele? — A pergunta escapou-lhe antes que pudesse reprimi-la.

— Não sei. Disseram-me que ela morreu antes que eu viesse para cá. Kesi comentou que o capitão ficou com o menino desde aquela época.

— Isso é incomum, não?

— Quase tudo é incomum no capitão.

Em pé junto à amurada, Lori admirava o mar. A luz do sol parecia brincar sobre a espuma branca à superfície das águas que o navio ia deixando para trás.

Depois de passar quatro horas costurando na companhia de Mavis, Lori sentia todo o corpo dolorido. Esfregando o pescoço, tombou a cabeça para um lado e para o outro na tentativa de relaxar os músculos enrijecidos.

— Posso ajudar?

Ela não precisou se virar para saber que era o capitão quem havia se aproximado.

— Quer alguma coisa aqui? — perguntou-lhe.

Jack não respondeu. Apenas se acercou um pouco mais e, levando as mãos aos ombros dela, pôs-se a massageá-los com um cuidado e uma suavidade que chegavam a impressioná-la. Numa reação instintiva, Lori fechou os olhos. As mãos dele pareciam operar milagres, livrando-a da tensão como num passe de mágica.

— Melhor? — ele perguntou.

— Hum... — foi tudo o que ela conseguiu responder.

Deliciado com a maciez da pele sob seus dedos, Jack não era capaz de tirar os olhos dos pequeninos botões brancos que desciam pelas costas dela, do decote à cintura do vestido. Imaginava-se abrindo um a um, para depois escorregar as mãos pela pele alva, suave, cheirosa... E cobri-la de beijos, beijos intermináveis e repletos de paixão.

— Diga-me, Lori — murmurou ao ouvido dela —, no que estava pensando quando eu me aproximei?

— Em Justin.

A frustração o fez cerrar os dentes. Nem que fosse a última coisa que fizesse em vida, iria tirar aquele maldito nome do vocabulário dela, ah, se iria.

— E agora, no que está pensando?

— No quanto Justin gostaria de matá-lo se o visse com as mãos em meus ombros.

O primeiro impulso de Jack foi parar com a massagem, mas ele logo concluiu que não poderia deixá-la supor que temesse a ira de Justin Wallingford ou de quem quer que fosse. Nevaria sobre a linha do equador no dia em que ele tivesse medo de um inglesinho com cara de pateta!

— E você ficaria muito triste se seu noivinho me matasse?

— Triste, por você? — Ela ficou pensativa. — Sim, eu ficaria muito, muito triste.

— Mentirosa...

Com um passo para o lado para escapar às mãos dele, Lori virou-se para encará-lo.

— Então somos dois os mentirosos, conde Arnaulf Hapsburg.

— Ah, é verdade, o bom conde búlgaro... — Jack riu, depois imprimiu um sotaque aristocrático à voz quase rouca: — Diga-me com sinceridade, *milovidnost*, se eu tivesse lhe pedido que fugisse comigo naquela noite, você não me acompanharia até os confins da terra?

— Eu não o acompanharia nem ao fim do corredor.

A pequena sereia era rápida nas respostas. Ele adorava esse traço de sua personalidade.

— Lorelei, Lorelei, quando irá admitir que gostava imensamente de mim como um conde búlgaro? Ou quer me fazer crer que, se eu fosse de fato um nobre e requintado aristocrata, você não tropeçaria nos próprios pés para ficar perto de mim, como as outras mocinhas na sua festa?

— Será? Se bem me recordo, era você quem estava atrás de mim. Pode me dizer por quê?

— Porque você é adorável. Adorável, bela, vibrante, delicada... E parecia uma fada buscando refúgio em meio a um ambiente hostil.

— Você imaginou coisas.

— Não imaginei, não. Você estava fugindo de Jason. Eu vi.

— O nome do meu noivo é Justin, e eu fugia das botas dele.

— Das botas?

Lori baixou a cabeça para que Jack não visse seus olhos.

— Justin não dança muito bem. Ele estava pisando nos meus pés.

— Ah, então foi por isso que ele me disse que você não gostava de dançar?

Ela continuou calada.

— Diga-me uma coisa, sereiazinha: vai se resignar a receber pisões nos pés pelo resto da vida em troca do título de sra. Wallingford? O que o adorado Justin fez para merecer tamanha honra?

Como a desafiá-lo, Lori voltou a olhar fixo nos olhos dele.!

— Justin me faz rir. É meu amigo. É meu confidente.

— Os confidentes não são bons amantes. Eles sabem de todos os nossos segredos.

— Não entendo desse assunto.

Com a ponta do dedo, Jack refez o contorno do rosto dela. E viu-a estremecer.

— Posso lhe ensinar tudo o que você ainda não sabe. E de um modo bem prazeroso.

— Obrigada, não estou interessada.

— É uma pena. Bem, já que não sou capaz de lhe despertar o menor interesse, deixe-me ao menos acompanhá-la até sua cabine, para que você possa se preparar para o jantar.

— Se não se importa, eu gostaria de jantar no meu camarote.

— Mas eu prefiro que jante na minha companhia.

— Então escolho morrer de fome.

— Não seja infantil, Lori. Onde pretende arrumar forças para continuar brigando comigo se não se alimentar direito? Além do mais, você não quer que o valoroso Justin a reencontre só pele e ossos, não é mesmo?

Com uma expressão resignada, Lori aceitou o braço que ele lhe oferecia e deixou-o conduzi-la para o tombadilho inferior do navio.

Já no corredor onde ficavam os camarotes de ambos, ela arriscou perguntar:

— Como é que você sabe boas maneiras?

— E quem lhe disse que não sou um autêntico cavalheiro?

— Você é um pirata.

— Nem todos os piratas são rudes ou grosseiros.

— Você é um homem bem-nascido, então?

Jack não queria que Lori tivesse qualquer tipo de dúvida quanto às suas origens. Por isso, detendo-se em frente à porta da cabine dela, tratou de esclarecer:

— Eu sou a escória da escória, lady Lorelei. Você tem à sua frente o filho bastardo de uma mulher eternamente embriagada. Cresci num bordel barato do Caribe, arrumando a desordem deixada pelas prostitutas e pelos marinheiros.

Ele conseguiu o que queria: Lori estava chocada.

— Sinto muito. — Ela tinha lágrimas nos olhos. — Eu não podia imaginar.

Jack sabia que exagerara. Mas, mesmo que tivesse apresentado uma mera simplificação de seu passado, aqueles dados eram fatos inapeláveis. E ele não podia fugir da verdade. Não podia fugir da lembrança da mãe. Ou de quem era seu pai.

A reação de Lori, no entanto, o impressionara. Nunca ninguém reagira de modo tão... emotivo ao seu passado. Nem mesmo ele.

— Não fique assim. — Jack tentou sorrir. — O que passei me fez o pirata que sou hoje.

— Então ficarei mais triste ainda. Se não fossem as circunstâncias em que você cresceu, sua inteligência e seus talentos certamente o levariam por um caminho muito melhor.

— Escute, Lori... Eu fui de um canto a outro deste mundo, e há muito pouco que ainda não vi ou não fiz.

— Só que nunca encontrou o amor.

Jack fez força para não se exasperar.

— Voltamos a esse assunto, sereia?

— Quer você queira, quer não, tudo nos leva a esse sentimento.

— Você é uma romântica incurável, sabia? — Ele lhe abriu a porta da cabine. — Jantaremos dentro de uma hora. Mandarei Tarik vir avisá-la.

Lori viu o pirata se afastar em direção ao seu camarote. Aquele homem era irritante.

E desconcertante.

Não sabia como lidar com ele. Ou no que acreditar.

Jack Rhys era um poço de contradições. Mesmo assim, e bem lá no fundo, Lori tinha de admitir que gostava da provocação que ele encarnava. Gostava do desafio que era tentar entendê-lo.

Assim que entrou na cabine, ela levou um susto que a fez estacar.

Alguém estivera bem atarefado naquela tarde... Em vez do leito estreito em que dormira na véspera, Lori viu uma bela cama de casal de madeira entalhada. A cômoda pequena fora substituída por um

bom guarda-roupa e, à direita da porta, havia agora uma penteadeira e um lavatório. Tudo ali cheirava a limpeza e lustro. E, para coroar tantos cuidados, um vaso com flores secas enfeitava o toucador.

Mais do que surpresa, Lori fechou a porta. Só então reparou na cor da colcha e das toalhas com arremates rendados: amarelo. Toda a cabine estava ornada com sua cor favorita.

Cansada de saber quem era a única pessoa a bordo daquele navio com autoridade para ordenar a transformação de seu camarote, murmurou consigo mesma:

— O que será que ele pretende?

Lori agora entendia o porquê da estranha pergunta de Kit; o que não conseguia explicar, nem ao menos supor, eram os motivos que levavam o pirata a agir como agia. Primeiro ele a largara ali com aquelas pavorosas cabeças encolhidas, agora fazia daquele compartimento um abrigo aconchegante.

Jack Rhys estava brincando com ela?

Ou apenas se desculpando?

O pirata era muito inteligente, muito astuto. E ela precisava mantê-lo sob seu domínio. Mas como conseguiria tal façanha se, sempre que estavam juntos, seu coração ameaçava derreter às investidas dele?

Lori voltou a olhar para as flores e, dessa vez, notou que havia um bilhete preso às pétalas amarelas.

Uma caligrafia elegante e firme dizia apenas:

Use o vestido azul.

Jack

— Mas que petulância... — ela murmurou entre os dentes. Quem era ele para lhe dizer o que vestir? E desde quando iria... Lori deteve-se diante do guarda-roupa e, num gesto impulsivo, escancarou as portas de madeira maciça. Ela ofegou. Havia ali dentro, uma verdadeira profusão de vestidos, chapéus e roupas de baixo, todas as peças evidentemente caras e de muito bom gosto.

O traje azul a que Jack se referira estava separado dos demais.

Era um vestido lindo, com o corpete todo bordado em fios de ouro e enfeitado por pequeninas pérolas cultivadas. Um traje digno da realeza. Apesar da zanga, Lori deslizou a mão sobre o tecido. E encantou-se com sua maciez.

Talvez usá-lo não fosse uma tática de todo má...

Afinal, estava decidida a fazer Jack Rhys curvar-se à sua vontade, não estava?

Jack olhou-se no espelho enquanto ajeitava o cano alto da bota. Mal conseguia esperar pelo jantar. Ainda que não fosse pelo imenso desejo que ela lhe despertava, não podia permitir que uma mulher bonita e sagaz como sua pequena sereia se unisse, num vínculo eterno e infernal como o matrimônio, a um palerma como Justin Wallingford, cujo maior talento era pisar nos pés da noiva quando dançava com ela.

Quanto mais tempo passava junto de sua “hóspede”, mais se encantava e se intrigava com ela. Pena que a sereia, além de inteligente e culta, fosse também uma romântica que acreditava piamente no amor. De sua parte, ele não tinha por que se sentir culpado: não mentira a Lori nem a iludira com ideias românticas. Ela sabia que sua intenção era seduzi-la, isso ficara bem explicado, assim ambos jogavam de igual para igual.

Batidas à porta do camarote interromperam-lhe os pensamentos.

— Entre.

Era Tarik, avisando de que o jantar estava pronto e perguntando se poderia ir buscar Lori. Jack disse que sim, agradeceu e pôs-se a ajeitar as mangas da camisa. A noite estava perfeita. Agora só lhe faltava ter Lorelei Dupree nos braços.

Enquanto percorria, às costas de Tarik, a curta distância que separava sua cabine do salão de refeições do pirata, Lori não conseguia deixar de imaginar se os cristãos do século IV, quando levados à arena onde seriam devorados pelos leões, teriam se sentido exatamente como ela sentia-se naquele instante.

Lembrando-se de que seu pai sempre enfatizara a importância de confrontar o medo e enfrentar os desafios, Lori cuidou de manter a calma. Jack não iria obrigá-la a nada, isso ele deixara claro; desse modo, se o pirata mantivesse sua palavra, ela teria como controlar qualquer situação.

Tinha de reconhecer: fazê-lo apaixonar-se por ela não era tarefa das mais fáceis. Mas se conseguira que o sempre reticente Justin a pedisse em casamento, então deixar Jack Rhys de joelhos não devia ser nada do outro mundo.

Tarik abriu a porta para ela.

Lori entrou no salão, mas se deteve pouco além da soleira. A iluminação suave dos candelabros se refletia no polimento das cadeiras altas e da mesa de jantar, arrumada com pratos de fina porcelana sobre uma toalha em discreto amarelo. Vinda das escotilhas abertas, uma música suave espalhava-se pelo recinto. O delicioso aroma de pato assado e abóbora, fez Lori sentir água na boca.

Um ambiente perfeito para a sedução.

Por certo, era assim que o pirata pensava. Pois ele não perdia por esperar.

Jack saiu das sombras para colocar-se à esquerda dela. Levou alguns instantes para que Lori o reconhecesse. Ele estava novamente vestido com um traje todo negro e muito elegante; sob a casaca de corte impecável, uma das camisas mais brancas que ela já vira e um colete bege.

No mesmo instante, Lori recordou-se do requinte aristocrático do conde búlgaro. Agora, porém, sabia quem de fato se ocultava sob todo aquele verniz. Mesmo assim, o perfume de sândalo que emanava da pele dele a deixava estonteada... Ela tratou de se recompor.

— Você colocou o vestido azul — ele murmurou. — Não pensei que fosse atender ao meu pedido.

Lembrando-se do jogo que jogava, Lori sorriu com modéstia e passou a mão pelos bordados sobre o corpete.

— Um pedido tão singelo... Por que eu não haveria de atender?

Jack ergueu uma sobrancelha.

— Se não se importa em atender a pedidos singelos, será que posso segurar sua mão?

— Com que propósito? — No mesmo instante, percebeu que havia exagerado no tom e estendeu-lhe o braço.

A proteção da luva não a impediu de sentir o calor que se desprendia da mão que segurava a sua com firmeza e suavidade ao mesmo tempo. Quase enlevada, Lori viu o pirata levar seus dedos até os lábios dele para cobri-los com um beijo casto.

— Hum... — Ele fechou os olhos como se saboreasse algo delicioso.
— Você escolheu o perfume de rosas.

— Isso o agrada?

— Muito.

Jack acariciou os dedos dela com o polegar, e Lori sentiu uma corrente elétrica lhe percorrer todo o corpo antes de ir se concentrar no mais profundo de seu ser. Ah, precisava fazer alguma coisa contra a atração que sentia por aquele homem antes que fosse tarde demais.

Segurando-lhe delicadamente o cotovelo, o capitão conduziu-a até a mesa. Puxou a cadeira para que ela se sentasse e, ao vê-la acomodada, curvou-se para lhe sussurrar ao ouvido:

— Você me encanta, Lorelei. Em vez de usar o perfume de rosas, deveria escolher alguma fragrância que tivesse o poder de me repelir.

— De forma alguma. — Ela ergueu a cabeça para olhá-lo nos olhos.

— Eu disse que iria fazê-lo se apaixonar por mim e o farei.

— E eu disse que iria seduzi-la e...

Lori levou um dedo aos lábios dele para silenciá-lo, sugerindo:

— Vamos tornar essa questão mais interessante? Por que não fazemos uma aposta?

Jack tomou a mão dela na sua.

— Uma aposta? Pensei que as mulheres não gostassem de apostas.

— Mas os homens adoram. Portanto, façamos assim: se fizer você se apaixonar por mim, você deixará de ser pirata.

— Isso não me parece justo.

— Apostas quase nunca são justas.

— Deixe-me pensar... Está bem, aceito. Mas se eu ganhar, você terá de se recusar a casar com Justin.

— Posso saber por que meu noivado com Justin o incomoda tanto?

— Não me incomoda nem um pouco.

— Não?

— Isto tudo é apenas uma aposta, Lorelei. Você me pediu uma coisa absurda, eu lhe pedi uma coisa absurda em troca.

Mesmo sentindo que havia algo mais por trás daqueles argumentos, ela meneou a cabeça num gesto assertivo. E viu-o, com um leve sorriso nos lábios, ir tomar seu lugar à cabeceira da mesa.

Ao terminar de ajeitar sobre o colo o guardanapo de linho branco, Jack tocou uma pequena sineta de bronze e, quase no mesmo instante, dois membros da tripulação vieram servi-los. Apesar de ambos vestirem calças e jaquetas náuticas muito sóbrias, um dos piratas tinha uma bandana vermelha ao redor da cabeça e grandes argolas de ouro nas orelhas; o outro, com cerca de vinte anos e a cabeça raspada, tinha uma expressão rude e um espaço vazio onde deveriam estar os dois dentes dianteiros.

— Quer molho de rum na sua galinha, capitão? — o rapaz careca perguntou num forte sotaque *cockney*.

— É pato, Kirk — corrigiu Jack, meio desanimado. — E, obrigado, vou querer um pouco de molho, sim.

Kirk arranhou o fundo da travessa com a concha, o que fez os pêlos da nuca de Lori se arrepiarem. Depois de derramar o molho sobre o prato do capitão, bateu com o utensílio na carne, como se quisesse amaciá-la.

— Pato, galinha... Quando chegam nas tripas, é tudo a mesma coisa — ele desdenhou. — Quando eu era pequeno, dava graças a Deus quando tinha um resto de sopa de repolho para matar a fome, lá em casa.

— O capitão não está interessado nas suas lamúrias, Kirk — disse o outro marinheiro. — Você não vê que ele está querendo impressionar a moça para...

— Tommy, Kirk — interrompeu Jack. — Agradecemos pelo trabalho de ambos, mas eu gostaria que nos servissem em silêncio.

— Viu o que você fez? — Kirk perguntou ao companheiro, enquanto derramava molho sobre o prato de Lori. — Amanhã estaremos, nós dois, esfregando o convés.

— Eu? — Por pouco Tommy não derrubou vinho para fora da taça dela. — Não fui eu quem...

— Já chega, rapazes — Jack interveio.

Lori esperava pacientemente que os dois terminassem de servi-los. Enquanto isso, perguntava-se se o capitão, um homem de modos e maneiras tão nobres e requintadas quanto as do mais bem-nascido

dignitário que ela conhecia, teria lhe dito a verdade sobre sua infância. Como era possível que um garoto criado num bordel possuísse o refinamento que o pirata expressava com tanta naturalidade? Alguém deveria tê-lo educado, assim como haviam feito com ela. Mas quem? E por quê?

Com o canto dos olhos, Lori viu-o dispensar os marujos com um gesto aristocrático. E, resignando-se ao fato de que o capitão não iria confiar respostas às suas indagações, ela cortou um pedaço de pato para levá-lo à boca.

Hum... Estava uma delícia.

Quando o silêncio, antes respeitoso e providencial, tomou-se pesado e constrangedor, Lori reuniu coragem para trazer à baila uma questão que não lhe saía dos pensamentos.

— Conheci seu filho hoje — comentou, após tomar um gole de vinho.
— Ah, mas você já deve estar sabendo disso, não é? Afinal, pediu que ele viesse perguntar qual era a minha cor favorita.

Jack limpou os lábios com o guardanapo antes de responder:

— É verdade. Eu tinha certeza de que você não contaria para mim.

— E por que queria saber?

— Porque acho você fascinante e quero saber tudo a seu respeito.

— Ah. O conhecimento nos torna poderosos. Quanto mais você souber a meu respeito, mais fácil será me seduzir. — Lori sustentou o olhar que ele lhe dirigia. — E você, vai me conceder essa prerrogativa?

— Talvez.

— Então me diga: quem é a mãe de Kit?

— Não sei.

— Não sabe? Sir, é sobre o pai que podemos ter alguma dúvida. Sempre se sabe quem é a mãe de determinada pessoa, a menos que... Você raptou o menino?

— Eu não faria uma coisa dessas. Kit é meu filho, e isso é tudo que importa saber a respeito dessa questão.

Pelo tom que ele usara, Lori concluiu que o assunto estava encerrado. Que pena, ela queria tanto saber a verdade! Qual seria o segredo que o pirata escondia dessa vez? Seria possível que tivesse amado

loucamente a mãe de Kit? Justamente ele, que fazia tão pouco caso do amor?

Julgando prudente deixar essas ideias de lado, Lori deu outro rumo à conversa:

— Então me conte como você se tornou um pirata.

Jack olhou para o vinho na taça que tinha entre os dedos.

— Tomei-me pirata com o objetivo de fazer dinheiro.

— Por que não um corsário de navio de guerra, ou por que não se alistar na Marinha?

— Porque me recuso a obedecer a ordens de qualquer outro homem ou do governo. Neste navio, minha vontade é soberana.

Ele não mentia. Lori percebera isso no instante em que subira a bordo.

Devolvendo a taça à mesa, Jack olhou para ela.

— Agora é minha vez. Além de pensar em Justin, o que mais você gosta de fazer?

— Eu... Como assim?

— Quando está sozinha na casa de seu pai, como gosta de passar o tempo?

— Lendo.

— Mesmo? E o que gosta de ler?

— Poesia, principalmente. Aprecio muito a obra de Anne Bradstreet.

Jack inclinou a cabeça para o ombro e, sem tirar os olhos dos dela, recitou um trecho de um dos poemas de Bradstreet. Um dos poemas favoritos de Lori... Ela quase perdeu a fala.

— Parece que você gosta desse — ele comentou.

— É verdade. Sabe, fico surpresa com a qualidade da sua instrução.

— Sou educado demais para um pirata, é isso?

— Exato.

— Também gosto de ler.

— Como é possível que um homem que adora literatura e os clássicos, seja tão veementemente contra o amor, quando a maioria das grandes obras é baseada nesse sentimento?

— Há um velho provérbio francês que resume meu ponto de vista à perfeição. — Ele o citou no original, depois o traduziu: — O amor faz o tempo passar; o tempo faz o amor passar.

— Você é cínico.

— E você, Lorelei, é uma sonhadora. Fale-me do seu segredo mais profundo, mais íntimo. Que paixão arde no âmago de uma alma tão romântica? Qual é o seu maior desejo?

A resposta era simples, mas Lori não tinha certeza de que gostaria de compartilhá-la com um pirata. Mas então, pensando bem, ela decidiu que não havia nada a perder. Que mal faria se Jack Rhys caçoasse de sua grande aspiração, se seu próprio pai e até mesmo Justin já tinham caçoado?

— Se eu responder, você também responderá à minha pergunta?

Ele fez que sim.

— Meu único segredo é... Bem, eu gostaria de ser uma grande pintora.

— É mesmo? Não sei por quê, mas isso não me surpreende. Até posso vê-la toda suja de tinta, fazendo aquela carinha que é tão peculiar enquanto se esforça para passar para a tela uma determinada cena.

— Carinha?

— Essa mesma que está fazendo agora: você franze a testa de leve e estreita os olhos só um pouquinho sempre que tenta se aprofundar numa questão. É uma expressão encantadora, acredite.

Lori piscou várias vezes enquanto passava a mão pelas laterais do rosto para sumir com qualquer vestígio da expressão a que ele se referia.

— E o que Justin diz a respeito desse seu desejo de ser pintora?

A pergunta pegou-a de surpresa e, constrangida, ela se pôs a cutucar com o garfo um restinho de brócolis que sobrara em seu prato.

— Vamos, Lori, seja sincera comigo.

— Por que devo ser sincera, se sei que você vai se divertir às minhas custas?

— Ah, entendi. Ele acha que sua maior aspiração não passa de uma grande bobagem.

Engolindo a tristeza, Lori partiu em defesa do noivo:

— Justin tem razão. Quando estivermos casados, não terei tempo para banalidades.

— E por que não terá tempo para se dedicar ao que gosta?

— Porque terei de supervisionar o funcionamento da casa e cuidar das crianças.

— Enquanto Jason se dedica à carreira militar?

— Exato. E o nome dele é Justin.

— Isso é muito injusto, você não acha?

— É assim que o mundo é.

Fora por injustiças como aquela que a avó dela, quando jovem, escolhera o mar. Mas Lori havia prometido a Vó Anne, anos atrás, que não tentaria mudar as regras que a sociedade lhes impunha. Porque essa era uma batalha impossível de ser ganha.

Após um suspiro profundo, ela tomou a olhar para Jack.?

— Agora faço a mesma pergunta a você: qual é sua maior paixão?

— Exterminar quem ousa me desafiar.

— Não acredito nisso.

— E por que não? Sou um pirata, não sou?

— Um pirata diferente dos demais. Você navega com seu filho e permite que seus marinheiros fiquem junto das esposas. Por que age assim?

— Porque a vida é curta demais e podemos morrer a qualquer instante. E eu não quero que meus homens morram sozinhos.

— E quanto a você?

— Eu sou sozinho.

— Não gostaria de mudar isso?

— Estou satisfeito com a vida que levo.

—Está?

— Imensamente.

Percebendo que aquela declaração encerrava o assunto, Lori terminou a refeição no mais completo silêncio.

Dez minutos depois, Jack deu a volta à mesa e, assistindo-a a se levantar, conduziu-a até as escotilhas que se abriam para um mar tranquilo.

— De onde vem essa música? — quis saber Lori.

— É minha tripulação. Eles tocam todas as noites.

Para que pudesse olhar para ela, Jack apoiou-se à viga mais próxima à escotilha. Lori, por sua vez, manteve os olhos fixos no oceano.

— O mar é muito bonito, você não acha? — ela perguntou.

— Muito.

Por mais que se esforçasse, Lori não conseguia ignorar uma presença tão vívida e marcante ao seu lado. Jack possuía muitas qualidades que ela admirava, e outras tantas que gostaria de descobrir. E o olhar que ele lhe dirigia... De tão intenso, parecia tangível.

De um momento para outro, o coração dela disparou. E quanto mais o silêncio se prolongava, mais nervosa Lori ia ficando. Quando sentiu que estava a ponto de estourar, ela se virou para encará-lo.

— O que foi? — indagou num tom quase ríspido. — Por acaso fiquei verde?

Afastando-se da viga, Jack foi se colocar atrás dela. Mas não disse nada.

Lori mordeu o lábio. Era como se sentisse o calor do corpo dele transmitindo-se para o seu. O ar ao redor de ambos parecia carregado de uma energia que ela desconhecia. E estava longe de compreender.

Jack então tocou um ponto bastante sensível no pescoço dela, logo abaixo do lóbulo da orelha. E afinal quebrou o silêncio insuportável:

— Diga-me, Lori... Algum homem já beijou você aqui?

— Você está sendo um tanto atrevido.

Com a ponta do dedo, ele percorreu uma pele muito macia, que se arrepiou ao inesperado toque.

— Estou sendo atrevido, sim. E você não respondeu à minha pergunta.

— Não, ninguém fez isso.

— Posso?

— Nunca!

Lori ordenou a si mesma que se afastasse dali. Só que não conseguiu se mover. Alguma força incrivelmente poderosa a fazia derreter-se ao calor do suave carinho de Jack. Parecia que ele a consumia. E, mesmo assim, ela ainda queria mais.

— Um dia, você ainda vai me implorar para que eu a beije aqui...

Reunindo o pouco de bom senso que ainda lhe restava, ela retrucou:

— Um dia, o mundo vai se acabar, e esse dia chegará bem antes que eu lhe implore uma coisa dessas.

— E seus lábios? Posso beijar seus lábios?

— Você já beijou.

— E você gostou.

— Detestei.

— Então acho que terei de beijá-la novamente para vermos qual de nós dois tem razão.

Sem lhe dar tempo para esboçar qualquer reação, Jack virou-a para si e estreitou-a entre os braços. Quando suas bocas se encontraram, Lori já estava sem fôlego, com o coração aos saltos e a mente atordoada. O calor do corpo dele a inflamava, o gosto de vinho na língua que buscava a sua sofregamente, a deixava com as pernas moles.

Ah, seria tão fácil entregar-se àquele homem. Permitir-lhe que a possuísse e que aplacasse de vez o desejo que a castigava sempre que estavam juntos daquela maneira. Só que isso era errado. Não porque estivesse noiva de Justin, mas porque ela não significava nada, absolutamente nada, para o capitão pirata,

E não importava o quanto ela se sentia bem no abraço de Jack, recusava-se a deixar que ele a usasse como um mero instrumento de

vingança. Afinal, antes de ser uma mulher plena de paixão, ela era um ser humano digno de respeito.

Essa conclusão a fez recuperar o controle e, com um safanão, Lori afastou-se dele.

— Você não vai me seduzir, capitão Rhys.

Ele sorriu.

Alisando o vestido, Lori indagou:

— Você nunca fracassou nos seus intentos?

— Nunca.

— Você é incorrigível, sabia?

— Sabia, sim.

Ela baixou a cabeça enquanto ajeitava as mechas que deixara soltas do penteado na forma de um coque. Quando tomou a erguê-la, seus olhos depararam com olhos de estanho que pareciam devorá-la.

— É melhor você voltar para sua cabine, Lori.

— C-como?

— Vá enquanto sou capaz de deixá-la ir. Se você continuar aqui, não responderei pelos meus atos

Percebendo que ele não blefava, Lori apressou-se em deixar salão.

Já no seu camarote, trancou a fechadura e encostou-se à porta enquanto tentava acalmar o coração descompassado. O que acontecera? Num instante Jack estava calmo e brincalhão, no outro...

Fosse o que fosse, do desconcertante jantar restara uma verdade inofismável: sentia-se terrivelmente atraída pelo pirata. Alguma coisa naquele homem despertava uma parte primitiva de seu corpo sobre a qual ela não tinha o menor domínio. Isso a assustava.

— Pense em Justin — disse a si mesma.

Justin era bonito e forte.

Mas não tão bonito, nem tão forte como o pirata.

— Justin lhe dá segurança.

Mas não lhe dava entusiasmo. Nem lhe despertava um desejo irreprimível.

“Cuidado com o homem que tenta seduzi-la com palavras e carinhos, Lori-Anjo”, as palavras da avó ecoaram na mente dela. “Um homem assim não se compromete. Pode lhe mostrar maravilhas com as quais você nunca sonhou, mas, no final das contas, acabará deixando-a com o coração aos pedaços para seguir o caminho dele. Creia-me, é melhor se contentar com um cãozinho meio bobo do que tentar seguir uma raposa. Ainda que a raposa seja mais bela e cheia de vida, o cãozinho sabe onde é seu lugar e resigna-se a ficar nele”.

O pirata era uma raposa.

Ela iria evitá-lo e pronto. Nada de correr riscos, nada de ideias mirabolantes. Tinha de ficar quieta no seu canto até Justin vir salvá-la. E Jack Rhys que arrumasse outra pessoa com quem fazer apostas, porque ela acabava de abandonar o jogo.

Capítulo VII

As batidas obstinadas à porta do camarote acordaram Lori. Depois de esfregar os olhos para espantar o sono, ela apanhou o roupão cor-de-rosa aos pés da cama, vestiu-o de qualquer jeito e foi ver quem a procurava com tanta insistência.

— Desculpe incomodá-la, senhorita — disse o velho marujo à soleira da porta. — Recebemos ordens para lhe trazer isto logo cedo.

Lori franziu a testa ao caixote que o homem de escassos cabelos avermelhados carregava nas mãos, depois ergueu as sobrancelhas aos outros cinco marinheiros logo atrás dele, que também tinham os

braços abarrotados. Pareceu-lhe que traziam artigos para pintura, mas como isso seria possível?

— Não iremos mais aborrecê-la, senhorita. É só deixar tudo isto aqui e já vamos embora.

Com um gesto assertivo, ela afastou-se para lhes dar passagem. E, ao ver o cavalete debaixo do braço do quinto marinheiro, não pôde deixar de perguntar:

— De onde veio tudo isso?

— Henri é pintor — respondeu o marujo de meia-idade, indicando o jovem pirata que armava o cavalete ao lado da cama.

Ao ouvir seu nome, o rapaz olhou para ela e sorriu. Era um homem bastante bonito, com alegres olhos azuis, cabelos negros à altura dos ombros e uma barba muito bem cuidada.

— *Oui, mademoiselle*, o capitão me perguntou se eu tinha telas e tintas sobrando, e eu disse a ele que sempre se dá um jeito de dividir o material com uma companheira *artiste*. Para mim, será uma grande alegria lhe fornecer tudo de que *mademoiselle* precisar.

— *Merci beaucoup*, Henri — agradeceu Lori, mesmo sabendo que palavras não exprimiriam o imenso entusiasmo que sentia. Foi muita gentileza de sua parte ter me emprestado o seu material.

— Ah, *non, non, mademoiselle*. — Henri deu espaço para que três dos marinheiros deixassem a cabine, depois explicou: — Garanto-lhe que tudo isto aqui não é nem a quarta parte do material que tenho estocado no terceiro piso do navio.

— O pior é que é verdade, estou cansado de tropeçar na confusão que ele deixa pelo caminho — observou um outro marinheiro antes de rumar para o corredor.

— Não ligue para ele, Bart está sempre procurando um motivo para se queixar — disse Henri. — Eu, ao contrário, sei apreciar tudo. Sou um *artiste* de verdade, não um rato de navio.

— Ande, francês, não temos o dia todo! — Bart o apressou, lá do corredor.

— *Bonjour, mademoiselle*. Se precisar de mais artigos para pintura, não se acanhe e mande me avisar.

Lori agradeceu, e estava prestes a fechar a porta quando ouviu Bart, já próximo à escada de acesso ao convés superior, reclamar;

— Eu não aguento esse seu jeito um tanto... delicado, sabia?

Antes que Henri respondesse, ela fechou a porta e caiu na risada. Depois, calçando os chinelinhos que Kesi lhe emprestara, foi verificar o conteúdo das caixas e cestas. Os marinheiros haviam lhe trazido pincéis e tintas de vários tipos, cântaros e carvão, grandes blocos de papel para esboços, óleo, terebentina... tudo de que pudesse precisar para desenhar e pintar.

Lori reconheceu que acabara de receber um dos maiores e mais generosos presentes que já havia ganhado na vida. E ainda que o rei dos piratas tivesse feito aquilo apenas como forma de mostrar-se agradável, o gesto tocara-lhe o coração. Era sua obrigação agradecer-lhe.

Até mesmo um patife merecia reconhecimento por um ato de bondade.

Sem perda de tempo, ela trocou o roupão e a camisola por um alegre vestido amarelo de algodão. Depois de prender os cabelos numa só trança, atou-a com uma fita de gorgorão amarela e deixou a cabine rumo ao camarote do capitão.

Bateu uma só vez e ficou à espera. Quando Jack respondeu, ela abriu a porta e entrou.

Lori já estava cansada de tentar imaginar como seriam as acomodações nos aposentos do pirata, mas nem em seus devaneios mais loucos conseguiria conceber o que agora via diante de seu nariz: as paredes eram forradas de estantes que iam do teto ao chão, todas repletas de livros; inúmeros tomos encapados em couro estavam espalhados por todos os cantos do camarote; três pilhas de livros ocupavam boa parte do tampo da cômoda; quatro volumes jaziam abertos sobre uma arca ao lado da cama; e pelo chão havia ainda vários caixotes atulhados de livros.

À sua esquerda, Lori viu ainda uma grande mesa em cerejeira e uma poltrona estofada diante do móvel. O recinto mais fazia lembrar a biblioteca particular de alguém, do que o alojamento de um capitão de navio.

À claridade do sol, que penetrava na companhia de uma brisa fresca pelas escotilhas abertas, ela conseguia enxergar apenas as longas pernas de Jack. Ele estava deitado no centro de uma grande cama cujos quatro pilares sustentavam um dossel, do qual descia um cortinado de veludo vermelho, no mesmo tom da colcha e com os

mesmos bordados; essa tapeçaria impedia que o olhar de Lori alcançasse a parte superior do corpo do pirata.

Ela avançou alguns passos curtos e viu que, apoiado num dos braços, Jack lia um livro. A larga camisa branca que ele vestia tinha os cordões desatados, o que deixava à mostra um tórax musculoso e bronzeado. Aquela era a pose mais relaxada e mais natural em que Lori o via; entretanto, o que mais lhe chamou a atenção foi o pequeno par de óculos para leitura sobre o nariz do capitão.

Jack olhou para ela. Um sorriso doce e receptivo curvou-lhe os lábios.

— A que devo o prazer desta visita? — ele perguntou, então tirou os óculos para colocá-los sobre a arca ao lado da cama.

Resistindo ao impulso de sair correndo dali, Lori respondeu:

— Só vim lhe agradecer.

— Ah, já sei: Henri deve ter lhe dado parte do seu tesouro. — Depois de olhar num pequeno relógio de bolso em cima da arca, ele prosseguiu: — Estou surpreso ao ver que Henri não foi acordá-la antes que o sol nascesse. Nunca o vi tão contente como quando lhe contei que tínhamos alguém a bordo que compartilhava do amor dele pela pintura.

— É surpreendente.

— O quê? Que um pirata aprecie a arte? Ora, Lorelei, você não devia julgar as pessoas sem conhecê-las. Antes de sermos piratas, somos pessoas, seres humanos. A pirataria é somente uma das facetas do que somos. — Jack fechou o livro que tinha entre as mãos. — Deixe-me lhe fazer uma pergunta: a quem você pensa que os fazendeiros mais temem, um pirata ou um banqueiro?

— Ora, que pergunta. Um pirata, é claro.

— É claro que não. Um pirata nunca executaria a hipoteca de uma fazenda, nem se apossaria dos bens de um fazendeiro porque a colheita foi um fracasso. Se perguntar a um fazendeiro o que faz seu sangue gelar, por certo ele vai lhe dizer que é a presença de um banqueiro.

— Não iguale meu pai a um pirata ou a um bandido. Ele é um homem bom.

— Diz isso porque conhece seu pai apenas como pessoa, e não como banqueiro. Eu lhe asseguro que ele tem clientes que diriam

exatamente o contrário a seu respeito. Na verdade, na noite da festa, ouvi um grupo de homens descrevendo sir Charles Dupree como uma fera sem coração que nunca teve um pinga de compaixão para com ninguém.

Lori estreitou os olhos em sinal de ódio. Como alguém ousava insultar o homem que ela amara a vida inteira? Seu pai era um homem maravilhoso, educado, gentil e generoso como poucos.

— Quem quer que diga uma coisa dessas de meu pai não sabe nada sobre ele.

— É verdade. As pessoas conhecem somente um banqueiro chamado Charles Dupree.

Lori fez menção de protestar, mas as palavras não a acudiram. Em parte, Jack tinha razão: ela própria já tinha ouvido rumores a respeito da conduta do pai. Só que os ignorava sem maiores considerações.

Ainda indignada, perguntou ao pirata:

— E o que é que você tem a ver com esse assunto?

— Nada. Apenas quis lhe mostrar o erro de julgarmos as pessoas baseados nas aparências ou no que os outros dizem delas.

— E o que lhe importa a maneira como julgo ou deixo de julgar as pessoas?

— Eu me importo porque você é especial, Lorelei Dupree. Você não é como as outras pessoas; dói-me vê-la tomando atitudes mesquinhas como as que os demais tomam, quando você é muito maior do que eles.

— Como sabe que não sou igual a todo mundo?

— Vejo isso sempre que olho para você. A sua paixão pela vida é contagiante. E sempre que você a ignora ou reprime, meu coração se aperta. Não quero que essa paixão se extinga. Nunca.

— Foi por isso que me enviou o material de pintura?

— Também. Quero que você reproduza essa paixão numa tela.

— E se eu não conseguir?

— Consegue, sim. Você consegue tudo o que quiser.

Ninguém nunca lhe dissera palavras tão contundentes nem a incentivara a fazer algo que desejasse ardentemente. Seu pai e Justin

aquiesciam às suas vontades com certa frequência, mas quase nunca lhe davam apoio ou estímulo.

Evitando pensar que o maior gesto de encorajamento que jamais recebera tinha vindo justamente de um fora-da-lei, Lori disse:

— Está bem, então vou me dedicar à pintura. E, se você puder me ajudar, eu gostaria de ter como modelo algumas frutas, ou um vaso ornamentado, ou...

— Frutas? Você quer pintar frutas?

— Qual é o problema? São essas coisas que sempre pinto.

— E por acaso Michelangelo pintava frutas?

— Bem, pode ser que...

Ajeitando-se sobre a cama como se houvesse acabado de ter uma ideia, Jack baixou a voz a um sussurro:

— Ora, você deveria empregar seu talento com outro tipo coisa... Frutos proibidos, por exemplo.

Lori engoliu em seco. Jack estaria lhe propondo o que ela imaginava que estivesse? Numa reação instintiva, olhou para o peito nu, onde um suave manto de pêlos se embrenhava pelo ventre e dali para... Ela sentiu-se gelar.

— Nunca pensou em pintar... pessoas? — o tom dele era quase um convite.

Exatamente como ela suspeitara. Ah, Jack era esperto que só ele... Mas se imaginava que ela iria pintá-lo inteirinho, estava, inteirinho enganado.

— Gosto de pintar frutas.

— Sim, mas pintar frutas é um bocado tedioso.

— Pelo contrário: é fascinante.

— E o que uma fruta pode ter de fascinante?

— Ah... As frutas... — Mesmo que fosse mentira, Lori declarou: — Gosto da maneira como a luz incide nelas e depois se espalha ao redor, criando zonas claras e sombreadas.

— Sei. Engraçado, cheguei a pensar que você fosse mais audaciosa.

— O que quer dizer com isso?

— Ora, uma mulher adulta encontra-se na companhia de um homem mais do que disposto a posar como modelo e só consegue pensar em pintar frutas? Francamente, Lorelei, não sei o que Michelangelo diria do seu comportamento.

Decidida a mostrar que não tinha medo dele, já que os cães atacavam justamente quando percebiam serem temidos, Lori afirmou:

— Encontre-me na minha cabine dentro de meia hora. — Após saborear a expressão atônita do capitão, ela concluiu: — E tente não se atrasar.

— Não, não, de jeito nenhum. Estarei lá em trinta minutos.

Lori despediu-se com um sorriso satisfeito e deixou-o, envolto numa nuvem de perplexidade, para retomar ao seu camarote.

Que a verdade fosse dita: além de querer impressioná-lo, ela também queria a experiência de retratar uma pessoa, pois em sua casa ninguém tinha tempo para servir de modelo. Além do mais, seria bobagem perder uma oportunidade como aquela para verificar se seu talento para a pintura realmente se confirmaria.

De volta à sua cabine, Lori pôs-se a estudar o ambiente. Não podia deixar o capitão muito perto dela... Talvez ali, perto do guarda-roupa... Não, não ficaria bem. A cama, por motivos óbvios, estava completamente fora de cogitação. Mas então, onde?

Por mais que se esforçasse, ela não conseguia ver Jack Rhys em nenhum lugar daquele camarote. A essência do pirata não combinava com a decoração que ele escolhera para surpreendê-la. Só havia um ambiente onde o espírito dele se encaixava: seus próprios aposentos. Lá, as cores e as texturas eram determinante e essencialmente masculinas.

— É exatamente isso o que ele quer — Lori murmurou a si mesma.

Mesmo assim, não tinha como argumentar contra a verdade. Que era uma só: o Terrível Jack Rhys não combinava com flores amarelas e rendas brancas.

— Finja que ele é uma fruta.

Isso poderia dar certo. Vestir a touca de artista e distanciar-se da realidade. Sim, isso ela sabia fazer. Afinal, como ele mesmo dissera, era uma mulher adulta.

Animada por suas resoluções, Lori voltou ao camarote dele e bateu de leve à porta. Encontrou Jack ao lado da mesa, debruçado sobre o tampo de madeira. Ele a olhou com um leve franzir de sobrancelhas.

— Estou certo de que ainda não se passou meia hora.

— É verdade. Vim lhe dizer que não encontrei um lugar onde retratá-lo na minha cabine. Poderíamos trabalhar aqui?

— Devo concluir que você aprendeu a confiar em mim?

— Não. Deve concluir que não consigo imaginá-lo rodeado toalhas rendadas e...

— Babados?

— Isso.

— Você sabe que estou sempre ao seu dispor, minha dama. Estarei no lugar que mais lhe aprouver. Quer que eu a ajude trazer seu material para cá?

— Se não se importar...

— Seu desejo é uma ordem.

Em pouco tempo, as tintas, a tela, o cavalete e o restante do material foram dispostos no camarote de Jack. E Lori, entretida com a paleta de cores, fingia ignorar quão belo ele estava, debruçado sobre seu livro de registros aberto em cima da escrivaninha. Se ela não o conhecesse tão bem, poderia supor tratar-se de um empresário que cuidasse de seus negócios do dia-a-dia.

Terminando de dobrar as mangas do vestido, deixou-se vencer pela curiosidade e perguntou:

— Por que mantém um diário de bordo? Pensei que não quisesse provas de seus atos quando fosse capturado. Principalmente provas escritas de seu próprio punho.

— Nunca neguei quem ou o que sou. E se a morte por enforcamento for meu destino, então que ele se cumpra.

Não havia temor nem covardia nas palavras ou na expressão dele. Isso intrigou Lori.

— Não tem medo de morrer ?

— Tenho, como qualquer outra pessoa. Mas, cedo ou tarde, a morte nos encontrará a todos.

De repente, o clamor de uma campainha começou a ecoar pelo navio. Jack ficou imóvel por um breve instante, depois correu para a arca ao lado da cama e, tirando dela uma pistola de cano longo e uma espada, explicou:

— Um navio se aproxima.

— Justin! Eu sabia!

O olhar que o capitão dirigiu a ela podia ter gelado o sol.

— Fique aqui — ele lhe disse, depois disparou pela porta.

Lori viu-se tomada por um alívio imenso ao supor que poderia retornar para casa bem antes do que calculara. Fechando os olhos, imaginou o navio de lorde Wallingford, Justin à amurada da impecável embarcação, o sorriso terno do pai... Com o coração aos saltos, correu para uma das escotilhas e espreitou as ondas revoltas. Olhou para um lado, depois para outro, então para o horizonte. Mas não havia sinal de embarcações pelas redondezas.

Excitada demais para pensar no que fazia, deixou a cabine do capitão e foi para o convés para ver o noivo com os próprios olhos.

Um alvoroço enlouquecido se espalhava por todos os cantos do navio enquanto os piratas preparavam os canhões e corriam de um lado para outro para tomar suas posições. Do alto da vigia, um marinheiro gritou para Jack:

— É um navio, sim, capitão, mas não o *Winsome Fate*. Parece uma corveta espanhola.

O desapontamento tomou Lori de assalto. Então não era Justin que vinha em seu socorro?

— O barco pertence à marinha ou é particular? — Jack gritou para o homem.

— Ainda não dá para ver, capitão. — Após um silêncio estranho, o homem tomou a avisar: — Mais um navio à popa!

Duas embarcações se aproximavam? O estômago de Lori se contorceu. Santo Deus, aquilo poderia acabar numa batalha feroz!

Foi então que Jack a viu. E não perdeu tempo em correr ao encontro dela.

— Agora não é hora para você dar um passeio, Lori. Vá para baixo antes que se machuque.

Antes que Lori respondesse, uma cabeça de menino surgiu por trás do tambor de um cilindro perto dali. Depois de proferir um impropério que a fez corar, Jack baixou a voz a um sussurro para reclamar:

— Será que não há ninguém a bordo deste navio que siga as minhas determinações?

Enquanto ela encolhia os ombros, o capitão foi até onde Kit se escondia e, agarrando-o pelo colarinho da camisa, fez o garoto colocar-se diante dele. Mas em vez da severa reprimenda que Lori esperava que Jack passasse no filho, ele lhe disse no tom mais calmo do mundo:

— Kit, preciso que você se encarregue de uma missão muito importante.

No rosto do garoto, o medo da punição deu lugar a uma indisfarçável alegria.

— Sim, capitão?

— Preciso que você proteja nossa refém enquanto dou conta desses cães espanhóis.

O olhar de Kit foi de Jack para Lori e depois retomou ao pai.

— Tem de ser agora, capitão?

— Sim. Preciso que você a leve para a cabine dela e se assegure de que não saia de lá.

— Mas como poderei ajudá-lo a enfrentar nossos inimigos se...

— Neste momento, sua tarefa é muito mais importante do que qualquer outra. Temos de cuidar para que ela não corra riscos.

Kit deu um suspiro resignado.

— Está bem, capitão. Eu a manterei lá embaixo.

Ainda que não gostasse que lhe dissessem o que fazer, Lori sabia que Jack estava certo: naquele instante, o convés não era lugar para Kit ou para ela. E, ao contrário do garoto, a última coisa que desejava, era uma luta renhida bem diante de seus olhos.

— Venha — Kit lhe disse. — Estaremos seguros no meu camarote.

O menino guiou-a até uma cabine que ficava do lado oposto à dela, quase no meio do navio. À soleira da porta que ele abria, Lori deu uma espiada lá dentro. E concluiu que talvez uma tempestade tropical

tivesse passado por ali, deixando absolutamente tudo fora do lugar. Havia roupas e partes de toda sorte de brinquedos de madeira, de soldadinhos a navios, além de vários pedaços de corda com vários tipos de nós, por todos os lados.

—Peço desculpas pela desordem — disse Kit, encarregando-se de tirar da cama toda revirada um carneirinho feito de crochê. — Mas é que quase nunca recebo visitas. Somente o capitão, quando ele vai jantar comigo.

— E ele faz isso com frequência? — perguntou Lori, fechando a porta atrás de si.

— Quase sempre. — Kit cuidou de acender outras duas lamparinas. — Mas ainda não consegui fazê-lo ver que sou um homem feito e não preciso de que cortem a carne para mim.

— Ah, meu pai também me trata como criança às vezes.

— Mas você é mulher — o garoto ponderou, enquanto atirava ao chão a pilha de roupas que estava sobre uma poltrona para que ela pudesse se sentar.

Dando-se conta de que aquele seria um bom lugar para se proteger do que quer que estivesse acontecendo lá pelo convés, Lori pôs-se a recolher alguns dos brinquedos espalhados pelos quatro cantos.

— Você ama muito o capitão, não é verdade?

— Mais do que tudo na vida — Kit foi enfático. — Ele é a melhor pessoa do mundo.

Depois de colocar os brinquedos num baú de madeira, Lori sentou-se na cama e começou a dobrar as peças de roupas misturadas às cobertas. Olhando com atenção para o menino, teve a sensação de que ele, talvez, fosse a única pessoa a bordo daquele navio que se dispusesse a esclarecer suas dúvidas. Assim, respirou fundo e pediu:

— Fale-me a respeito de sua mãe, Kit. Quanto tempo ela foi casada com o capitão?

Ele parou de dobrar uma camisa e deitou a cabeça para o lado, como a pensar.

— Não sei ao certo. O capitão nunca falou. Ele me disse que se apaixonou por ela assim que a viu. E que ela era uma mulher muito bonita, de modos muito gentis.

Lori sentiu como se tivesse levado uma bofetada. Por algum motivo, doía-lhe imaginar que Jack amara aquela outra mulher e que mentira quando ela lhe perguntara a esse respeito.

— Então ele a amou muito?

— Sim. E ela amava a nós dois com todo o coração. O capitão disse que ela lhe falou que sempre cuidaria de mim lá do céu.

— E... e quantos anos você tinha quando ela morreu?

— Uns três, acho. Não me lembro muito bem dela. Tudo o que sei são as coisas que o capitão me conta.

Um disparo de canhão ecoou pelos ares, e o navio chacoalhou violentamente. No ressoar do segundo disparo, Lori arfou, temendo o pior.

— São tiros de advertência — explicou Kit. — Nós disparamos para avisar os capitães dos outros navios de que estamos dispostos a lutar.

Ao longe, ouviram a resposta de outros canhões. Naquele instante, um estranho sentimento fez Lori ver Jack Rhys não só como um ousado pirata. Ela o enxergou através dos olhos de Kit. Ele era o pai do menino. O homem a quem Kristopher amava tanto quanto ela amava o próprio pai. Para o garoto, Jack não era nem pirata nem bandido; era aquele que afastava seus piores medos e, sem ele, Kit seria um órfão completamente desamparado.

— Kit? — Ela se aproximou do menino. — Será que você me daria um abraço? Estou morta de medo.

Ele correu para os braços de Lori. E ela não saberia dizer quem estava mais aterrorizado.

— Ficaremos bem — disse Kit, a voz meio trêmula. — Ninguém vence o capitão. De verdade. Ele é o melhor em tudo.

— Aposto que você tem razão.

Por horas que pareciam intermináveis, os canhões rugiram e o navio sacolejou em todas as direções. Houve momentos que Lori poderia jurar que tinham sido atingidos; suas piores conjecturas, porém, por sorte não se concretizaram.

O tempo escoava lentamente e, quando ela teve a impressão de que não aguentaria mais um só minuto, um alegre clamor de vozes se

espalhou pela embarcação. Quase no mesmo instante, um sino estridente começou a soar.

De tão rápido que ergueu a cabeça, Kit quase bateu no queixo dela.

— Vencemos! — girou o menino. — Nós os derrotamos!

— Tem certeza?

— Absoluta. O barulho daquele sino era para anunciar a vitória.

Ao ver o garoto disparar pela porta, Lori não resistiu e foi atrás dele.

Quando chegou ao convés superior, encontrou os piratas em meio a uma grande comemoração. E viu Jack tomar Kit nos braços antes de gritar para Tarik:

— Arrie a bandeira vermelha!

— Vencemos! Vencemos! — Kit estava eufórico no abraço do pai.

— Mas é claro que sim, garoto. — Jack deu um sorriso largo. — Não pensou que eu deixaria os espanhóis darem cabo de nós, pensou?

Kit beijou-lhe o rosto, depois saltou do colo dele para juntar-se aos marinheiros que celebravam pelo convés.

Então o capitão se virou, e seus olhos encontraram os de Lori. Subitamente constrangida, ela desviou o olhar para o navio espanhol que afundava não muito longe dali, enquanto seus ocupantes se esbaforiam para lançar ao mar os botes salva-vidas.

— Qual será o destino daqueles homens? — ela perguntou.

— Aquele que Deus escolher — respondeu Jack, antes de voltar sua atenção a Tarik. — Vamos içar velas e deixar este lugar.

— Vamos fugir do outro navio? — indagou Kit, que voltara para junto deles.

— Nunca faríamos isso! — Jack tornou a rir. — Aquela outra embarcação à nossa popa é o navio de seu tio Morgan. Mas agora você deveria descer à cozinha. Ouvi dizer que Sarah fez uma fornada daqueles biscoitos de que você tanto gosta.

Dessa vez não levou mais do que um piscar de olhos para Kit desaparecer do convés.

Aproximando-se um passo, Lori colocou em palavras uma ideia que acabava de lhe ocorrer:

— Por que não se apoderou da carga daquele navio?

— Era um navio de guerra que certamente foi enviado para tentar me capturar. Seria perda de tempo vasculhar seus porões. Além do mais, tenho coisas mais importantes com que me ocupar no momento.

— Está se referindo à sua vingança?

— Estou me referindo ao retrato que a mais atraente das artistas que já capturei irá fazer de mim.

— Você nunca leva nada a sério?

— Somente uma batalha. Mas esse assunto, como pode ver, está resolvido.

Lori deixou escapar um suspiro. Aquela viagem no navio de um pirata por certo seria sua última grande aventura. Após o casamento com Justin, sua vida iria deitar raízes em terra firme, onde ela teria de organizar festas e cuidar dos filhos. Planejar jantares. Preparar bailes. Sua vida iria tornar-se...

Enfadonha, ela concluiu com um sobressalto. Aliás, se pensasse bem, veria que sua existência sempre fora bastante tediosa.

Muito tempo atrás, prometera à avó que não sairia à busca de aventuras, como a própria Vó Anne fizera. Mesmo assim, havia momentos em que era quase impossível resistir aos convites de seu espírito indômito e à necessidade de realizar seus desejos mais íntimos... Ainda que tais apelos pudessem levá-la à ruína experimentada por sua avó.

— Agora, se me der licença, srta. Dupree, tenho homens que necessitam do meu auxílio. Por que não volta para o meu camarote e termina de preparar suas tintas? Tentarei não me demorar.

Lori olhou para ele. Sentindo-se dispensada, endireitou as costas, engoliu o melindre e rumou para os aposentos do capitão.

Acompanhando-a com o olhar, Jack arrependeu-se por ter sido tão grosseiro com ela. Por que agira assim? Para proteger-se, talvez. Para protegê-la, certamente. Afinal, dentro de algumas semanas Lorelei Dupree retomaria para seu mundo e ele...

Ele provavelmente estaria morto.

Após um suspiro cansado, Jack passou a mão pelos cabelos e foi procurar Tarik. Com a certeza de que não devia mais pensar em Lori e nos estranhos sentimentos que ela evocava em seu coração já tão maltratado pela vida.

Capítulo VIII

Por muito tempo, Lori fez esboços dos aposentos de Jack enquanto esperava que ele viesse encontrá-la ali. E mais de uma hora havia se passado quando, cansada de desenhar, ela pôs-se a andar pelo camarote.

Mas aquilo também logo a aborreceu. Ah, que graça havia em ficar ali, se ele não resolvia aparecer? Trinta minutos atrás, quando decidira voltar ao convés, Kesi a fizera retornar à cabine do capitão, dizendo-lhe que não havia nada que ela pudesse fazer para ajudar os feridos, que já recebiam os devidos cuidados.

O que mais lhe restava fazer, então?

Desanimada, Lori sentou-se à escrivaninha e ficou a olhar pela escotilha. Dez minutos depois, novamente enfasiada, preparava-se para rumar à sua cabine quando, ao baixar os olhos, deparou com o diário em que Jack estivera fazendo anotações. Sem refletir sobre o que fazia, ela apanhou o volume e começou a folheá-lo ao acaso.

Uma série de números numa determinada página chamou-lhe a atenção.

3 de novembro de 1777.

1.000 moedas pagas a Simon Platt por lealdade;

800 moedas pagas a Robert Gehrig, pelo mesmo.

Lori franziu as sobrancelhas. Jack recompensava seus homens pela lealdade? Que estranho...

Páginas adiante, as coisas se esclareceriam:

14 de abril de 1778.

Aportamos em Barbados. Ouvi três homens conversando sobre Simon Platt, que lhes dissera ter perdido a perna ao fugir de mim. Platt lhes falou que eu o amarrei ao mastro e lhe decepei parte da perna para que sangrasse até a morte enquanto seu navio ardia em chamas. Platt também lhes disse que escapara do fogo porque o mastro havia se quebrado e que ele era o único sobrevivente ao meu ataque. Mandeí mais 800 moedas para que Morgan enviasse a Platt como pagamento pelo trabalho bem feito. Essa história irá atemorizar alguns dos homens que andam no meu encalço. Preciso lembrar de narrá-la a quem quiser me ouvir no próximo porto em que ancorar.

Boquiaberta, Lori começou a ler as anotações com redobrada atenção. E não demorou a descobrir informações que a deixaram simplesmente fascinada pela figura do capitão Jack Rhys. Uma delas, talvez a mais significativa, dizia respeito ao acordo de Jack e o amigo Morgan Drake; pelo combinado, Morgan deveria recolher os sobreviventes dos navios afundados por Jack.

— Isso explica o navio do “tio” Morgan nas proximidades da embarcação espanhola hoje... — ela murmurou. — Ora, Jack Rhys, quem diria? O seu coração é bom.

E era mesmo. Segundo as anotações no diário de bordo, Jack garantia a seus marinheiros uma parte razoável de todos os seus ganhos ilícitos, além do direito de votar como o navio seria administrado e por quanto tempo navegariam antes de retornar a uma ilha no Atlântico sul, onde muitos marujos tinham familiares que não desejavam acompanhá-los nas viagens em alto-mar. E quando Jack perdia um dos tripulantes de seu navio, os membros da família do

morto recebiam uma vultosa remuneração anual para que não passassem por dificuldades.

Havia também relatos detalhados sobre os encontros com inimigos e de como Jack vira-se obrigado a punir um determinado membro da tripulação. Contudo, nenhum deles mostrava que o pirata agira com crueldade ou que tomara alguma medida que um comandante militar não tomaria em situações similares.

Seria possível que tudo aquilo fosse realmente verdade?

Mas por que um comandante de navio escreveria mentiras no seu diário de bordo?

Lori ouviu passos pelo corredor. Mais do que depressa, fechou o livro, dobrou os braços em cima da escrivaninha e deitou a cabeça sobre as mãos unidas, fingindo descansar.

Pouco depois a porta se abria para dar passagem ao capitão. Erguendo os olhos para ele, Lori espantou-se com a palidez de seu rosto e as manchas de sangue que lhe cobriam a camisa. Ela se pôs em pé.

— Você está bem?

— Estou — foi tudo o que Jack disse, antes de se dirigir a um armário de canto, de onde tirou uma garrafa de rum.

Ao vê-lo sorver um longo gole, Lori teve certeza de que ele não estava nada bem. E isso a deixou confusa e assustada. Jack era sempre tão firme, tão confiante...

Em silêncio, ele tomou mais uma boa golada da bebida, depois deixou a garrafa de lado para abrir um baú e dali tirar uma camisa limpa. Assim que o capitão despiu a roupa suja, Lori teve de se controlar para não gritar diante das cicatrizes que lhe maculavam o peito e o torso; sobre uma omoplata, ele trazia também o curativo cobrindo o ferimento que Justin lhe causara.

Quando terminou de amarrar os cordões da camisa limpa, Jack jogou a outra dentro de uma sacola de lona. Só então, respirando fundo, virou-se para Lori.

— Tommy perdeu o braço esquerdo.

— Tommy?

— O velho marujo que levou o material de pintura à sua cabine esta manhã.

— Mas ele ficará bem? Vai sobreviver, não vai?

— Não sei. Muitos homens morrem poucos dias após um ferimento como esse.

Lori refreou a vontade de tocar o rosto dele para apagar a dor que via ali.

— Sinto muito, Jack.

— Sente muito? Você assaria todos nós numa fogueira, se pudesse.

— Não é verdade.

— Ah, não?

Ela estava certa do que dizia: não desejava o mal a nenhum deles, como também não queria a cabeça de Jack em troca do que ele lhe fizera. E, se pensasse bem, tinha de admitir que o pirata não lhe fizera nada. Troçara um pouco dela, atormentara-a num momento ou outro, mas nada que justificasse sua morte ou a morte de qualquer um de seus marinheiros.

— Não, Jack, não é verdade. Eu seria incapaz de me alegrar com o sofrimento de alguém.

Ele foi até onde estavam o cavalete com a tela em branco e a paleta. Sujando o dedo de tinta, disse com melancolia:

— Não sinto disposição para posar agora. Vamos deixar isso para mais tarde.

Por algum motivo que não sabia explicar, Lori não queria sair dali. Com um sorriso forçado, ela fingiu suspirar profundamente.

— Por que será que, sempre que quero pintar alguém, recebo essa mesma desculpa? Bem, agora você sabe por que gosto de pintar frutas: elas não podem sair por aí e me deixar com cara de tola.

Jack a viu encaminhar-se para a porta. Parte sua não queria nada além de ficar sozinho, outra parte, não queria que Lori se fosse dali. Era a primeira vez em que sentia que ela não o julgava, não brigava com ele. E o que iria fazer quando estivesse só? Culpar-se até o último fio de cabelo por ter deixado que um de seus marinheiros acabasse gravemente ferido?

— Espere.

Ela se virou.

— Não sou como as outras pessoas que você conhece, Lorelei.

— Isso é a mais absoluta verdade.

— Bem, então... Venha, *mademoiselle artiste*. Deixe-me ver do que você é capaz.

O sorriso dela lhe aqueceu a alma.

— Muito bem. — Lori foi até ele e, puxando-o pelo braço, levou-o à poltrona estofada em vermelho que colocara perto das escotilhas. — Sente-se aqui.

Jack fez como ela pedia.

Após estudar o rosto dele por alguns instantes, Lori movimentou-se pela cabine no propósito de observá-lo por diversos ângulos. Jack, que também a observava atentamente, tinha de fazer um esforço descomunal para não ir ao encontro dela e tomá-la nos braços para beijá-la até o fim de seus dias.

Levando as mãos à cintura, Lori queixou-se:

— Isto não vai dar certo.

— O que está mal?

— Tudo. Você não parece...

— Pirata o bastante?

— Não se trata disso. — Ela torceu o nariz. — Você não está natural. Quero captá-lo como você realmente é.

Jack levantou-se e aproximou-se dela.

— E eu quero que você me capture inteirinho.

— Olhe...

Ele sorriu, depois deu mais um passo à frente, murmurando:

— Feche os olhos.

— Vai me beijar?

— Shh... Confie em mim.

Jack viu hesitação nos olhos dela e então, para sua surpresa, Lori os fechou. Dizendo a si mesmo que não tivesse pressa, ele passou a ponta do dedo sobre os lábios rosados e carnudos enquanto admirava

as diminutas sardas espalhadas pelo nariz bem feito. Sim, a pequena sereia era a mistura perfeita entre beleza e inteligência. Era, sem sombra de dúvida, a mulher mais encantadora que ele já conhecera.

— Pense em mim — sussurrou ao ouvido dela. — Diga-me o que vê.

E o que ela lhe disse, ao cabo de alguns instantes, deixou-o pasmo:

— Vejo-o como naquela noite na taverna. Com os cabelos soltos caindo sobre os ombros.

Ela então abriu os olhos e deu-lhe um sorriso que fez seu coração de pirata ir bater à altura das virilhas.

— Peguei você! — Com uma gargalhada, Lori atirou os braços ao redor dele e deu-lhe um forte abraço.

Jack simplesmente não sabia o que fazer. Por certo o abraço era amigo, fraternal até, e denotava mera afeição. Um tipo de abraço que o Terrível Jack Rhys, em toda a vida, só recebera de Kit.

Sem sequer imaginar as emoções que ele sentia, Lori tornou a puxá-lo pelo braço enquanto dizia:

— Já sei o que quero: que você se deite na sua cama.

Jack ergueu uma sobrancelha, depois a provocou:

— Interessante. Eu poderia dizer o mesmo a seu respeito.

— Ora, vamos. Este é um momento dedicado à arte. Quero que você fique como o encontrei esta manhã. Deitado sobre um dos braços, olhando para a porta.

Mas o que ele queria era deitar-se em cima dela. Nus, os dois.

E um dia haveria de conseguir isso. Por enquanto, porém, iria se contentar em fazer a vontade dela e ganhar-lhe a confiança.

Deitando-se na posição que ela indicara, Jack ficou à espera de que sua pequena sereia ajeitasse alguns travesseiros junto ao corpo dele. Enquanto o delicioso perfume de rosas lhe invadia as narinas, notou que tinha os seios dela ao alcance das mãos e precisou cerrar os dentes para conter o desejo de agarrá-los. Por quanto tempo seria capaz de suportar aquele tormento?

— Perfeito — ela declarou afinal. — Só falta um detalhezinho...

Antes que ele pudesse perguntar que detalhe era aquele, Lori desatou a tira de couro que lhe prendia os cabelos e ajeitou-os sobre seus

ombros. Jack engoliu um gemido. O modo como ela mexia em seus cabelos deixava-o louco. A vontade de puxá-la para si e fazê-la deitar-se junto dele chegava a doer. Mas o preço de obedecer ao impulso seria alto demais: vê-la sair correndo dali, talvez para nunca mais voltar.

De repente, ouviu-a perguntar:

— O que foi? Você está com uma expressão estranha.

— Estou? Acho que é porque estava pensando em você.

— Ah.

— Não quer saber no que eu pensava?

Lori cruzou os braços sobre o peito.

— Não irei permitir que você me use, Jack. Não permitirei que tente atingir Justin ou o pai dele por meu intermédio.

Aquelas palavras fizeram Jack voltar a cerrar os dentes. Se ao menos ela soubesse a verdade sobre os Wallingford... Mas Lori não podia nem sequer imaginar que o homem a quem defendia com tanta veemência não passava de uma criatura torpe, vil.

— O almirante não é o que você supõe, Lorelei. Ele não merece essa sua devoção.

— Você está errado.

Estava na ponta da língua de Jack dizer-lhe o tipo de monstro que Wallingford era. No entanto, ele preferiu engolir suas alegações. Queria conquistar Lori com honestidade, sem usar de fatos abjetos para fazê-la mudar de ideia a respeito do que quer que fosse. Táticas sujas como essa ele deixava para canalhas como o almirante.

— É possível, pois não seria a primeira vez que cometo um erro. — Jack respirou fundo. — Errei ao tirá-la de sua família e, se tivesse um pinga de decência, levaria você de volta para casa neste mesmo instante.

Sem perceber, Lori prendeu a respiração. Ele concluiu:

— Infelizmente, nem esse pinga de decência eu tenho.

Dando-se conta de que tinha uma grande oportunidade para colocar as boas intenções de Jack à prova, ela expirou lentamente. Então, num gesto tão ousado quanto ágil, apanhou a espada que ele deixara desembainhada aos pés da cama.

— Quero que me leve de volta para casa. — E apontou a espada para o pirata.

Ele não se deixou intimidar:

— Não posso.

— Sei como usar isto. E vou usar, a menos que você me leve para minha casa.

Jack escorregou para fora da cama e, com estudada indiferença, aproximou-se de Lori.

— Se queria segurar minha espada, senhorita, bastaria ter pedido. Para ser bem sincero, eu já estava com vontade de mostrá-la para você desde a noite em que dançamos juntos no baile em Charleston.

— Estou avisando... — Lori ergueu a lâmina ao pescoço dele.

Em vez de avançar sobre ela, Jack foi, calmamente, apanhar a bengala com castão de ouro que estava encostada à parede ao lado da arca. Sem nem ao menos piscar, Lori o viu girar o cano de ébano entre as mãos.

— Posso lhe dizer uma coisa, sereia? Parece que esta não é a primeira vez que você segura uma espada. Será que andou tendo aulas de esgrima entre as lições de literatura e aritmética?

Decidido a ensiná-la a nunca mais levantar uma espada contra ele, Jack usou a bengala para tentar desarmá-la. Para sua surpresa, Lori rebateu o golpe com um movimento preciso.

— Como pode ver, sir, aprendo rapidamente tudo o que me ensinam.

Mas, por mais que tivesse se esmerado nas aulas de esgrima, ela não estava à altura de um espadachim como Jack Rhys. Com mais umas poucas investidas certeiras, ele não só a fez largar a espada como a imobilizou entre seus braços, para depois soltar a bengala ao chão e então lhe tomar os lábios num beijo ardente.

Lutando para afastá-lo de si, Lori deu um gritinho indignado e pisou no pé dele com toda a força de que foi capaz. A dor fez Jack dar um pulo para trás.

— Isso foi golpe baixo! — ele se queixou, esfregando o peito do pé e a perna.

Lori, porém, não estava mais ouvindo. O que havia naquele homem que a fazia desejá-lo tão intensamente?, imaginava. Talvez o carisma.

Ou o charme. Ou a força viril que emanava dele. Jack a fascinava com o poder de um animal selvagem e absolutamente indomável. Dono de uma energia que jamais se deixaria subjugar, era um homem que vivia das próprias leis. Tomava o que desejava e não pedia desculpas.

E, naquele instante, desejava a ela. Tanto quanto ela o desejava.

A conclusão a fez arrepiar-se.

— Por favor, deixe-me ir — Lori implorou num fio de voz.

Nos olhos de Jack havia certa hesitação. Mesmo assim, ele foi incisivo:

— Não posso levá-la para casa, Lorelei. — Depois, seu tom se suavizou. — Olhe, vamos esquecer o que acabou de acontecer, está bem? Mas nunca, nunca mais, tome a me ameaçar com uma espada, sim?

— Prometo.

Enquanto cuidava de guardar a espada e a bengala na arca, ele perguntou:

— Quem a ensinou a lutar?

— Minha avó.

— Sua avó?

— Sou neta de Anne Bonny. Você já deve ter ouvido falar dela.

Jack riu, mas depois tomou a ficar sério.

— Ela era minha avó, sim — garantiu Lori.

— E lhe ensinou outras coisas além de esgrima, espero.

— Principalmente a desconfiar de piratas. Em especial dos que se chamam Jack.

Dessa vez ele deu uma gargalhada.

— Isso explica o seu temperamento apaixonado, sereia. Aposto que você é igualzinha à sua avó.

— É o que me dizem.

— E mesmo assim vai se casar com um oficial britânico... que acha que sua avó pensaria disso?

— Ela ficaria orgulhosa, já que morreu arrependida das loucuras de sua juventude.

— Arrependeu-se da liberdade que encontrou no mar?

— Era o que ela dizia. Ainda assim, acredito que vovó continuava a amar o mar sem o confessar. Arrependimento, de verdade, era por ter perdido Calico Jack.

— Seu avô?

— Exato. Ela o amava demais. — Lori suspirou pela dor da avó e também pelo sofrimento que a pobrezinha tivera de suportar ao voltar para casa, em Charleston. — Vó Anne dizia que nunca deveria ter desobedecido ao pai, que deveria ter permanecido no aconchego do lar em vez de entregar seu coração a um pirata. Dizia também que esse fora seu maior erro, e que tivera de pagar por ele todos os dias de sua vida.

— É difícil crer que ela tivesse remorsos dos tempos passados no mar.

— Pois pode acreditar. Vi por mim mesma a tristeza nos olhos dela.

— Talvez essa tristeza toda se devesse ao fato de sua avó ter abandonado a vida no mar.

— Acho pouco provável.

Jack cruzou a cabine para ir se colocar diante de Lori.

— E como forma de reparar os erros dela você está disposta a cometer um grande erro só seu?

— Como assim?

— Você não pode se casar com Justin.

— Por que não?

— Porque ele não é o companheiro certo para você. É um rapaz frio e egoísta que, em pouco tempo, terá lhe roubado toda a alegria de viver.

— Você não o conhece.

— Conheço melhor do que você imagina. Vi como ele a trata: como um pertence a ser preservado. Além disso, ele a colocou em perigo para progredir na carreira.

— Eu concordei em acompanhá-lo até a taverna.

— Mas ele nunca devia ter lhe pedido isso. — Jack acariciou-lhe o rosto.—Justin não tinha o direito de expor você aos marujos rudes e perigosos que frequentam aquela taverna. Todas as vezes em que penso nos riscos que você correu ali, tenho vontade de esganar o seu noivinho com cara de pateta.

— Ele não deixaria que nada de mal me acontecesse.

— Tanto deixaria que você está aqui comigo agora. Ele não seria capaz de deter nem a mim, nem ao bêbado que a assediou. Justin não é o homem certo para você.

Lori viu tanto desvelo nos olhos dele que arriscou dizer:

— Na noite da festa, eu lhe perguntei que tipo de homem sugeriria para mim e você virou as costas e foi embora sem responder. Por quê?

Jack deteve o movimento que fazia com o dedo à lateral do rosto dela.

— Ao contrário de Justin, sou honesto com as mulheres. Não posso prometer um amor que dure para sempre. Prometo somente o que posso cumprir.

— E o que viria a ser isso?

Deixando escapar um suspiro, Jack afastou-se dela. Deteve-se diante da poltrona junto às escotilhas e, com os olhos fixos no mar, respondeu:

— Uma noite maravilhosa na minha cama e um bilhete na manhã seguinte, antes de ir-me embora.

— Jack, isso é tão... superficial.

— Mas é também realista.

— Realista? Real é o amor, Jack. O desejo é...

— Libertador?

— Passageiro!

— E o amor também não é passageiro, Lorelei? Além do mais, o amor pode ser uma arma usada para destruir. Há muitas histórias por aí que servem para ilustrar o que digo.

— Isso não é verdade.

— Claro que é.

— E quanto a Kit? Sei que você ama seu filho. E quanto à mãe dele? Kit me contou que você a amava mais do que tudo na vida. E aposto que ainda chora por ela como minha avó chorava por...

— Eu lhe disse que não conhecia a mãe de Kit, Lorelei.

— Mas ele... Eu...

Jack voltou para junto dela.

— Vou lhe contar uma das histórias a que me referi. A mãe de Kit era uma prostituta em algum porto do qual já nem me lembro mais. Quando recusei seus serviços, ela me perguntou se eu preferia garotinhos. E me ofereceu o próprio filho.

Lori arfou.

— O quê?

— Fiquei tão horrorizado quanto você está agora. Eu, que havia viajado o mundo e deparado com todos os pesadelos imagináveis, estava diante de uma mulher sem moral, capaz de entregar o filho às sevícias de um perverso, em troca de dinheiro. Não vi outra solução: comprei o menino para lhe preservar a integridade e a dignidade.

— Mas Kit falou...

— Kit não sabe da verdade, nunca saberá. Até este momento, eu nunca tinha contado absolutamente nada sobre a mãe dele para ninguém. Posso ser um pirata que, mais cedo ou mais tarde, verá o nó da forca lhe apertar o pescoço, mas por certo sou muito melhor do que aquilo que a própria mãe desejava para ele. Mas agora lhe pergunto: onde estava o amor daquela mulher pelo filho?

— Ela só podia ser uma desequilibrada — cogitou Lori, ainda profundamente chocada com tamanha brutalidade. — Meu pai preferiria a morte a que alguém me fizesse mal.

— Então se considere uma pessoa de sorte. No meu mundo, devoção assim não existe.

— Lamento muito por tudo isso, Jack. — Ela não resistiu ao impulso de tocar-lhe o rosto. — E lamento também por você descrever do amor com tanta convicção.

— Só tenho a esperar que Justin, ao contrário do pai dele, seja suficientemente homem para honrar os compromissos que assumiu com você.

— Por que odeia tanto o almirante Wallingford?

— Tenho meus motivos, que são infinitos. E só meus.

— Devo concluir que não irá dividi-los comigo?

— Exatamente.

Percebendo que seria inútil prosseguir no assunto, Lori voltou pegar no braço dele.

— Venha, meu pirata descrente. Já que não posso derrotá-lo com a lâmina de uma espada, deixe-me capturá-lo com minhas tintas.

Ela o fez sentar-se novamente na cama, depois foi misturar cores na paleta, perguntando-se se teria realmente talento para captar as formas humanas.

E assim, a tarde ia transcorrendo serena. Deitado em seu leito, Jack a observava com a mesma atenção com que Lori tentava transportar a personalidade dele para a tela. Enquanto isso, uma brisa leve penetrava pelas escotilhas, trazendo o marejar das ondas, o pio das gaivotas e os ruídos da tripulação pelas dependências do navio.

O silêncio do capitão dava a Lori a oportunidade de avaliar o quanto havia aprendido a respeito dele naquele dia. E era a bondade de Jack, o que mais a impressionava: afinal, além de cuidar de seus marinheiros, ele salvara Kit quando a maioria dos homens simplesmente viraria as costas a um episódio tão terrível.

— Você está sorrindo... — A voz de Jack quebrou o silêncio. — No que está pensando?

Ela sentiu-se corar.

— Nada em particular.

— Mentirosa.

— Muito bem, Jack Rhys. Eu pensava em você.

— Em mim?

Lori limpou o pincel num pedaço de pano antes de declarar:

— Estava me perguntando se haveria uma maneira de salvá-lo.

Capítulo IX

Jack franziu as sobrancelhas.

— Salvar a mim? De quê?

Lori molhou o pincel na mistura de cores com que tentaria reproduzir o dourado que o sol deixara nos cabelos dele, só depois respondeu:

— De si mesmo.

— Essa é boa.

Como se subitamente constrangido, ele procurou ajeitar-se melhor junto aos travesseiros. Uma mecha castanha caiu-lhe sobre a testa, e a camisa muito branca abriu-se ainda mais, revelando um tórax moreno e forte. Lori não se lembrava de ter visto homem mais belo, mais perfeito, mais... sedutor.

— Seja como for, por que você haveria de querer me salvar?

— Por quê? — E agora, o que deveria responder? — Porque... Porque me parece que você não é tão mau quanto dizem.

— Não esteja tão certa disso. Posso lhe dar o nome de uma centena de pessoas que tentariam convencê-la do contrário.

Lori sorriu, então prendeu o pincel entre os lábios enquanto limpava um pequenino borrão na tela. Só ela poderia citar três homens que concordariam com o capitão. Mas apesar do que pensavam seu pai, Justin e o almirante Wallingford, ela deixara de ver Jack Rhys como um perigo à humanidade.

Tirando o pincel da boca, preparava-se para retomar seu trabalho quando percebeu que ele havia mudado de posição. Jack estava agora completamente deitado sobre as costas... e se espreguiçava como um lânguido gatinho. Antes que Lori pudesse se reprimir, seus olhos já tinham pousado sobre o volume à parte dianteira da calça de camurça que ele vestia. Como seria Jack Rhys... nu?

“Lorelei Dupree, você perdeu o juízo?!”, repreendeu-se, sentindo o rosto em brasa. “Uma mulher de respeito não pode pensar nessas coisas, nunca!”

Alheio ao que se passava, ele respirou fundo, sentou-se na cama e começou a amarrar os cordões da camisa.

— Desculpe-me, sereia, mas eu não conseguia mais ficar naquela posição. E estou com a sensação de que ficar tanto tempo parado

mexeu com a minha paciência. Além do mais, é hora de fazer minha ronda e verificar se a tripulação precisa de alguma coisa.

Ela não conseguiu emitir uma só palavra. Não era capaz nem mesmo de olhá-lo nos olhos. Aliás, como voltaria a encará-lo depois de imaginar... aquilo?

Jack aproximou-se do cavalete e ficou admirando os esboços sobre a tela enquanto prendia novamente os cabelos com a tira de couro.

— Você é mesmo muito talentosa, srta. Dupree.

Lori baixou a cabeça ao cumprimento. E manteve os olhos fixos na paleta em sua mão, embarçada tanto com o elogio como com as ideias malucas que às vezes a assaltavam. Mas Jack não estava completamente errado. O retrato estava realmente ficando bom. O problema eram os olhos dele, de um azul quase impossível de se reproduzir e com um brilho de força e inteligência que nem o maior dos pintores seria capaz de transportar para a tela.

Lori ainda pensava no que dizer quando ele, curvando-se, murmurou ao seu ouvido:

— Sou mais interessante de se pintar do que uma fruta?

O hálito quente e adocicado de encontro ao seu pescoço a fez estremecer. Céus ele iria deixá-la maluca.

— Bem... Posso dizer que você se manteve quase tão imóvel quanto uma maçã, capitão Rhys.

— E eu posso lhe pedir que, como faria com uma maçã, você me dê uma dentada?

— C-como? — O susto fez Lori esquecer-se do constrangimento e erguer a cabeça para encará-lo.

— Pois eu adoraria dar uma mordida em você.

— Pensei tê-lo ouvido dizer que iria fazer sua ronda.

— A tripulação pode esperar. Mas você...

— Preciso limpar sua cabine. — Ela se pôs em pé. — Tenho de colocar os pincéis na aguarrás e... E este cavalete não pode ficar no meio do caminho. E a... o... Bem, é melhor eu me mexer.

Mas Jack não lhe permitiu mover um músculo sequer: ignorando-lhe o balbuciar atrapalhado, afastou a grossa trança das costas dela para lhe colocar à mostra a nuca, onde a penugem clarinha já se arrepiava.

Depois, traçando com a ponta do dedo uma linha imaginária que ia da linha dos cabelos ao decote traseiro do vestido, repetiu num sopro de voz a pergunta que já havia lhe feito em outra ocasião:

— Algum homem já beijou você aqui?

— L-lógico que não.

Então ele o fez.

Ao sentir os lábios do pirata deslizarem por sua nuca, Lori não foi capaz de reprimir um gemido. Era como se um milhão de estrelas explodissem em seu peito, espalhando calor e uma sensação de encantamento com a qual ela jamais ousara sonhar.

—Desejo você, Lori — Jack lhe sussurrou ao ouvido. — Quero sentir seu corpo inteiro junto ao meu. Quero sentir o gosto da sua pele.

Ela não sabia o que dizer porque, naquele instante, compartilhava do mesmo desejo. Os carinhos de Jack turvavam-lhe a mente, incendiavam-lhe o corpo, faziam suas pernas bambearem. Nada, absolutamente nada, poderia ser melhor do que o prazer que ele lhe prometia.

Colocando-se à frente dela, Jack enlaçou-a pela cintura e, pirata que era, tomou-lhe os lábios com o ardor com que pilharia um navio inimigo. Lori entregou-se ao gosto de mar e de homem que experimentava na boca afoita, agarrando a camisa dele para trazê-lo ainda mais perto. Que Deus a ajudasse, porque queria aquele homem para si, queria senti-lo por inteiro, queria que ele...

Alguém bateu à porta do camarote.

— Capitão? Preciso trocar uma palavrinha com o senhor.

O impropério que Jack deixou escapar fez Lori corar até os cabelos. Então, olhando-a nos olhos, ele disse baixinho:

— Ele que espere.

Como se o tivesse escutado, o marujo à porta do camarote insistiu:

— É urgente, capitão.

Jack baixou a cabeça e contou até dez. Quando voltou a erguê-la, viu que a pequena sereia tinha a respiração tão alterada quanto a sua.

— Vá para sua cabine, Lorelei. — A voz dele não era mais do que um sussurro. — Direi a ele que tentei assediá-la e você me esbofeteou.

Enquanto Jack levava a mão ao rosto fingindo uma expressão zangada, ela correu a abrir a porta e passou pelo marinheiro como se não o visse ali, disparando para seu camarote sem ao menos olhar para atrás.

Na segurança de seus aposentos, encostou-se à porta que abrira e fechara num só movimento. Levando a mão ao peito arfante, deu-se conta de que não tinha para onde correr de si mesma.

O peso do desejo fez Jack ir até a porta mancando. Ali, Gerald, um dos primeiros marinheiros que subira a bordo daquele navio, coçava a cabeça.

— Me desculpe, capitão. Eu não queria interromper seus assuntos com a moça.

Jack pensou em dizer ao marujo a história combinada com Lori, mas a vontade que tinha de apertar o pescoço do homem era tão grande que só conseguiu rosnar:

— Do que está precisando, Gerald?

— Nada, capitão, nada.

— Então por que...

Com medo da expressão feroz que via no rosto dele, Gerald desculpou-se:

— Perdão, capitão. O problema é pequeno, cuidarei de tudo sozinho, e prometo que não tomarei a importuná-lo. — E saiu em disparada pelo corredor como um coelho assustado.

Com o corpo trêmulo de paixão e raiva, Jack bateu a porta desejando que um raio o partisse ao meio. Talvez só um balde de água gelada conseguisse aplacar o fogo que ardia em suas virilhas... Como fora possível que a pequena sereia escapasse tão facilmente de suas garras? Mais um minuto apenas, e teria feito Lori sua. Disso ele tinha certeza.

Por que sentia tanto desejo por aquela mulher?

Era difícil explicar. Algo nela o atraía de modo irresistível, despertando-lhe uma paixão que ia além da luxúria. Algo quase palpável que, às vezes, chegava a assustá-lo pela intensidade. Algo que ele não estava certo de querer confrontar.

— Talvez seja melhor evitá-la — disse para si, antes de derramar água na bacia do lavatório para lavar o rosto e as mãos umedecidas de suor.

Enquanto se refrescava, chegou à conclusão de que aquela seria a melhor solução. Sim, de agora em diante trataria de evitá-la a todo custo. Qualquer coisa seria melhor do que ver-se enredado naquela trama insana de sedução.

Só que o navio não era tão grande... E o desejo que sentia por ela era maior do que tudo...

— Vou levá-la para cama e tirá-la da cabeça de uma vez por todas.

Sim, isso iria expulsá-la de seu organismo... e de seus pensamentos.

Ou não?

— Tem de dar certo!

Lori jantou sozinha na sua cabine... imaginando por que Jack não a teria convidado para acompanhá-lo na refeição. Não que ela quisesse, mas não custava nada ao capitão fazer um gesto de cortesia à pessoa a quem mantinha como refém.

Batidas à porta interromperam-lhe os pensamentos, e Lori chegou a arfar ao supor que ele viera procurá-la.

— Entre.

A porta se abriu para dar passagem a Alice. Dissimulando o desapontamento, Lori a cumprimentou com um entusiasmo que estava longe de sentir.

— Pensamos que você gostaria de se unir um pouco a nós lá em cima — disse Alice.

Bem, seria melhor do que continuar sozinha ali, remoendo o fato de que Jack tinha coisas mais interessantes a fazer do que perder tempo com ela.

— Eu adoraria. — Lori dobrou o guardanapo e colocou-o sobre a bandeja ao lado do prato.

— Deixe tudo aí — sugeriu Alice. — Mandarei alguém vir buscar.

Lori acompanhou-a até o convés superior, onde muitas pessoas pareciam passar o tempo, algumas ainda jantando. Em meio a elas havia um trio de marinheiros com seus instrumentos em punho, uma guitarra, um bumbo e uma gaita, cujos sons se mesclavam numa

bonita balada para que um outro marujo cantasse numa voz de tenor. Aqui e acolá, mais homens jogavam cartas ou dados. A cena toda transpirava amizade e companheirismo.

Na popa da embarcação, todos sentados no chão, Mavis e Kesi desfrutavam da companhia dos maridos e de Billy, que, reclinado de encontro a um enorme rolo de corda, fumava seu cachimbo. Ao ver Alice e Lori se aproximarem, Billy comentou:

— Não falei que ela viria? Eu disse que Alice conseguiria tirá-la da toca.

Percebendo que Lori corava, Alice esperou que ambas estivessem sentadas junto aos demais para tranquilizá-la:

— Não ligue, ele só quis brincar com você.

Ao lado de Kesi, Lori deu um sorriso meio acanhado enquanto espiava ao redor. Alguns dos homens espalhados ali pelo convés, pareciam pessoas de difícil trato, mas a maior parte da tripulação era composta por rapazes com a idade média de uns vinte e cinco anos.

— Acho que vem chuva — observou Tarik, estudando o horizonte.

— Como sabe? — perguntou Lori, que admirava as faixas em tons de rosa e laranja a tingir o céu quase escuro.

— Ah, eu sinto nos ossos.

Ficaram em silêncio por alguns instantes, depois Tarik e Billy puseram-se a jogar dados enquanto Alice tirava de uma bolsa de algodão, um novelo de linha e um par de agulhas para tricotar. A brisa suave que vinha do mar e o barulho das ondas envolveram Lori numa aura de paz. Por mais estranho que isso lhe parecesse, a verdade era que se sentia em perfeita segurança a bordo de um navio de foras-da-lei.

Seria assim que sua avó tinha se sentido ao navegar na embarcação de seu avô? Vó Anne havia lhe falado acerca dos jogos e das canções em alto-mar, só que Lori nunca imaginara que isso pudesse ser verdade. Mas também, ela custara a crer que uma senhora, tão doce e recatada na idade madura, pudesse ter fugido para o mar na companhia do seu grande amor quando jovem! Se não fosse a reputação de Vó Anne e a sua habilidade em manejar uma espada, Lori por certo concluiria que as histórias da velhinha não passavam de pura imaginação.

— Ei, jovem Kit, não é hora de você estar na cama? — provocou um dos marinheiros espalhados pelo deque.

Lori ergueu os olhos a tempo de ver o Kit e Jack subindo ao convés. E a tempo de ver também o menino mostrar a língua para o marujo que brincara com ele.

— Kit, não seja mal-educado — Jack ralhou com ele, mas depois caiu na risada.

Quando percebeu, Lori estava sorrindo, enternecida ante o amor que o capitão demonstrava pelo garoto.

"Sabe do que mais sinto falta, Lori?", ela ouviu as palavras da avó. "Da risada do seu avô. Da maneira como eu me sentia feliz simplesmente por admirá-lo. Um dia, espero que você compreenda o que estou dizendo".

Lori sentiu um arrepio. De onde vinham aqueles pensamentos? Não era Jack quem lhe despertava aquela emoção, era Justin quem a fazia feliz.

— Ele é um belo homem, não? — comentou Alice num sussurro, olhando para o capitão. Antes que Lori pudesse responder, ela contou: — Uma vez ele levou um tiro para defender o meu Billy.

— Não há um só homem neste navio que, de um modo ou de outro, não deva sua vida ao capitão — observou Tarik, ouvidos atentos à conversa das mulheres ao seu redor.

— *Pardonnez-moi, mademoiselle Dupree.*

Lori ergueu a cabeça para Henri que, à sua frente, dirigia-lhe um sorriso cativante. Ele usava calça e camisa brancas, com um colete azul todo bordado; a roupa e os cabelos presos num rabicho davam-lhe um ar alegre e arrojado.

— Eles vão tocar uma giga, e eu queria saber se você gostaria de dançar comigo.

Ela hesitou. A última coisa que desejava era tornar-se o centro das atenções das pessoas reunidas ali.

— Vá, sim! — Alice incentivou-a, antes de deixar as agulhas de lado. — Kesi e Tarik e Billy e eu também vamos dançar.

Temendo que uma recusa ao convite de Henri fosse desmerecê-lo, Lori aceitou a mão que ele lhe estendia e se levantou.

— Mas devo avisá-lo de que não sei dançar giga, Henri. Peço- lhe desculpas antecipadas para o caso de vir a pisar nos seus pés.

— *Ah, non*, isso não irá acontecer, *mademoiselle*. Confio na sua *joi de vivre*; quem tem uma grande paixão pela vida, assim como você, deve ser excelente dançarina.

Os músicos começaram a tocar.

Lori fazia o possível para acompanhar os intrincados passos de Henri, mesmo assim pisava os pés dele quase tanto quanto Justin pisava os dela. O francês, contudo, não parecia se importar com isso; apenas ria de suas trapalhadas, incentivando-a a não desistir.

A música chegou ao fim. Ofegante e toda despenteada, Lori ajeitava os cabelos e as saias quando Henri lhe confidenciou:

— Espero que seja melhor *artiste* do que *danser, mademoiselle*.

Ela riu, e só então seus olhos depararam com o olhar de Jack, que havia se aproximado para vê-los dançar. Lori sentiu-se congelar.

De costas para o capitão, Henri curvou-se levemente numa mesura.

— Obrigado pela companhia, *mademoiselle*. Fazia muito tempo que eu não dançava com uma mulher de classe.

Com um sorriso, ela escolheu ignorar o olhar zangado com que Jack a fuzilava e aceitou o braço que o francês estendia em sua direção, permitindo-lhe conduzi-la de volta ao lugar onde Tarik e os outros se reagrupavam. Ali, em vez de se unir aos demais, ficou em pé junto à amurada do navio, os braços apoiados no balaústre. Para sua surpresa, Henri não só não se afastou como também lhe imitou os gestos.

Lori deixou escapar um suspiro profundo, depois perguntou:

— Como aprendeu a pintar, Henri?

— *Mon père*, digo, meu pai era pintor.

— E como você se tornou um marinheiro, se gosta tanto de arte?

— A vida dos *artistes* é muito dura, porque são poucas as pessoas dispostas a investir em trabalhos de arte. Eu pintava como passatempo, pois tinha de trabalhar no cais em Paris para ajudar a cuidar de *maman*; foi quando os recrutadores de soldados e marujos me apanharam e me venderam a um navio inglês ancorado no porto.

— Oh, Henri! — Lori tocou o braço dele. — Isso deve ter sido horrível.

— *Mais oui.* — Henri bateu de leve na mão dela. — O pior de tudo era que eu não falava inglês àquela época. Foi uma dificuldade entender o que queriam de mim, e isso me custou algumas chibatadas e muitos pontapés.

— Que horror! E como foi que se tornou pirata?

— O capitão Jacques tomou aquele navio inglês alguns anos atrás. — Henri riu, satisfeito. — E ofereceu liberdade aos acorrentados que quisessem se colocar à disposição dele.

— Em troca dessa liberdade você resolveu correr o risco de acabar enforcado se as autoridades por ventura vierem a pegá-lo?

— É melhor isso do que servir a uma tripulação inglesa que não me pagava um tostão e me tratava como um cachorro. Prefiro morrer um homem livre a viver como escravo. E creio, *mademoiselle*, que você compreende meu ponto de vista.

— Compreendo, sim. Mais do que você imagina.

Henri afastou do rosto dela uma mecha de cabelos que o vento soltara da trança.

— Você é muito corajosa, Lorelei.

— Pois eu acho que você é muito mais, Henri — observou Billy.

Virando-se para o marujo, Lori e Henri o viram fazer um sinal com a cabeça para indicar o lugar de onde Jack, com um brilho feroz no olhar, observava ambos. No mesmo instante, o francês recolheu a mão que havia colocado sobre o braço dela.

Billy riu, depois comentou:

— Eu não via o capitão tão furioso desde o dia em que ficamos sabendo o que Wallingford tinha feito ao *Dove*.

— O que foi que o almirante fez? — perguntou Lori.

— Depois de abordar o *Dove* num confronto, ordenou que seus homens amarrassem a tripulação e mandou atear fogo ao navio.

Lori sentiu o estômago se retorcer. Lorde Wallingford? Não, não era possível.

— Ele não faria uma coisa dessas — ela protestou.

— Aquele a quem chamam “Gabriel, o Sanguinário” tem feito coisas muito piores — interveio Henri, fazendo com que Lori voltasse a olhar

para ele. — Ouvi dizer que o almirante capturou um navio mercante da colônia repleto de escravos e, quando seus homens encontraram ali armas que ele supôs serem dos patriotas, mandou que se ateassem fogo em tudo. Havia mais de oitocentas pessoas, entre homens e mulheres, acorrentados nos porões. Disseram que os gritos dos coitados eram ouvidos a milhas de distância do navio.

Pasma, Lori tentava conciliar essas histórias com a imagem paternal do homem a quem conhecia tão bem. O almirante era de fato bastante severo, mas por que haveria de cometer tamanhas atrocidades?

Antes que pudesse medir as palavras, ela viu-se indagando:

— Por acaso nenhum de vocês fez coisas parecidas?

Todos os que ali se reuniam mostraram-se profundamente ofendidos, mas foi Tarik quem falou por eles:

— Não matamos homens indefesos e nunca aproveitamos das mulheres. Não há covardes a bordo deste navio.

— Perdoem-me — Lori apressou-se em se desculpar. — Não quis insultá-los, mas é que ouvi histórias semelhantes sobre o capitão Rhys e sua tripulação.

— Você não pode acreditar em tudo o que ouve — retrucou Billy. — Muitos de nós estamos aqui apenas para juntar o dinheiro suficiente para garantir uma velhice sem necessidades e então deixar a pirataria para trás. Fazemos somente o que é preciso ser feito, nada além disso.

— Mas como sabem que as histórias a respeito do almirante são verdadeiras?

— Viajei num navio de Wallingford — confessou Billy, repuxando a boca em sinal de asco. — Posso lhe assegurar que nunca fizemos aqui, nem a milésima parte dos atos hediondos que o bondoso almirante ordenava a seus homens. Wallingford enfiou na cabeça que cumpre as leis de Deus e do rei e assim justifica todas as selvajarias que comete.

Lori ficou olhando para ele em mudo espanto. Lembrava-se com clareza de que o almirante invocava tanto o rei como os desígnios divinos com frequência, mesmo assim custava-lhe crer que o homem que a tomara nos braços por tantas vezes quando ela era pequena

era o mesmo de que os marujos falavam. O ódio nos olhos de Billy, porém, atestava a honestidade de suas alegações.

Uma pontada alfinetou o peito de Lori. E Justin, seria realmente como ela o enxergava? Ou o afeto que sempre sentira pelo filho mais novo de lorde Wallingford a fazia ver qualidades onde elas não existiam?

As palavras que o noivo lhe dissera certa ocasião, tempos atrás, voltaram-lhe com espantosa limpidez. “Se quiser que eu case com você, Lori, terá de mudar esses seus hábitos. Não posso ter por esposa uma mulher que vive se preocupando com o bem-estar dos criados, com a comida que eles comem, com a educação que dão a seus filhos. Um empregado é um empregado, nós somos nós e temos coisas sérias com que nos preocupar, você não acha? Os demais que cuidem de suas próprias vidas”.

Ao se esforçar para avaliar afirmações que, à época, julgara tão arrogantes quanto desumanas, Lori se recordou de que o pai, por mais de uma vez, também lhe dissera coisas similares. Então... então os dois estariam certos? Ou estariam ambos absolutamente errados? Mas Charles Dupree e Justin Wallingford eram pessoas boas. Ou não eram?

— Desculpem-me — ela dirigiu-se ao grupo à sua volta. — Não me sinto muito bem.

— *Mademoiselle* está mesmo pálida. — Henri estendeu-lhe o braço.
— Permita-me acompanhá-la até sua cabine.

Com um gesto afirmativo, Lori deixou-se guiar pelo convés e depois pela escada que levava ao piso inferior. Já no corredor onde ficava seu camarote, deu-se conta de que descera às entranhas sombrias do navio na companhia de um pirata. Deus do céu, e se ele a atacasse?

Detiveram-se à porta da cabine, Lori com o coração aos saltos, Henri com uma expressão serena. Então, tomando a mão dela, o pirata-pintor depositou-lhe um casto beijo sobre os dedos, para depois afirmar num tom muito educado:

— Espero que melhore depressa, *ma petite*. Talvez um dia você me permita ver alguns de seus trabalhos. O capitão Jacques elogiou muito o seu talento para a pintura.

E antes que Lori pudesse dizer qualquer coisa, ele inclinou a cabeça numa mesura, deu-lhe um simpático sorriso e, girando sobre os calcanhares, retomou o caminho por onde tinham vindo.

Lori entrou na cabine com a cabeça num turbilhão de imagens e pensamentos.

— Piratas que se comportam como nobres e nobres que ateiam fogo a navios... — sussurrou para si.

Jack estava certo. Ela passara a vida julgando as pessoas, e tais julgamentos precipitados só haviam feito confundir a percepção que tinha do mundo. Quando voltasse para casa, não poderia mais olhar para tudo com os mesmos olhos de outrora; o pirata havia lhe ensinado a ver as coisas, e sobretudo as pessoas, de uma maneira inteiramente diferente.

Uma dúvida, no entanto, continuava a assaltá-la: devia agradecer ou amaldiçoar Jack Rhys por ter lhe aberto os olhos?

Capítulo X

Enquanto Lori debatia-se em questionamentos, duas semanas se passaram. Os homens de Jack continuavam a tratá-la com respeitosa atenção, e Henri a tomara por aluna. O talento do francês para a pintura era um dom nato, refletindo-se especialmente na mistura de cores e no uso do carvão para sombreamento.

Lori também se tornara bastante amiga de Sarah e de Alice, que agora sempre tomavam o café da manhã junto dela no convés superior. Depois de conversarem um pouco, as duas iam cuidar de seus afazeres e ela descia ao camarote do capitão para dar prosseguimento ao retrato que fazia dele.

Como Jack se mantivesse um tanto estranho desde a noite em que a vira dançar com Henri, Lori já começava a pensar que ele havia abandonado a ideia de seduzi-la. E embora soubesse que isso deveria deixá-la bastante satisfeita, não conseguia deixar de imaginar se haveria uma maneira de vencer a distância que se estabelecera entre ambos.

Nessa manhã, ela fora logo cedo para os aposentos do pirata. Decidira trabalhar no quadro enquanto Jack cuidava de sua rotina matinal, que incluía receber os relatórios diários de Tarik e providenciar que as necessidades da tripulação do navio fossem supridas.

Antes que se despedissem, Alice a alertara para o fato de que o capitão não estaria de bom humor, visto que passara boa parte da noite nos porões da embarcação bebendo e jogando cartas com o marido dela e mais um grupo de marujos. Segundo a moça, Jack sempre ficava péssimo quando não dormia bem.

Naquelas circunstâncias, Lori ficou um tanto aliviada por não ter de aturar os maus bofes do pirata até as dez ou onze horas. E foi com esse estado de espírito que abriu a porta do camarote dele.

A cena diante de seus olhos a fez congelar.

Ainda adormecido, Jack estava esparramado sobre a cama, o corpo nu parcialmente enroscado na colcha de cetim vermelho.

Com o fôlego preso na garganta, Lori não conseguiu impedir que seus olhos viajassem pelos contornos do físico primoroso, do rosto tão belo às pernas longas e musculosas, recobertas por pêlos dourados. Sim, ele era de fato especialmente bonito. A curva dos ombros ressaltava músculos fortes, o peito largo movimentava-se à cadência da respiração tranquila, as mãos bem feitas descansavam sobre o colchão, os cabelos revoltos pelo sono emolduravam um rosto que, mesmo no repouso, era expressivo como poucos.

O primeiro impulso de Lori foi fechar a porta e correr dali. No entanto, ela não foi capaz de obedecer a si mesma. Algo mais forte do que a própria vontade a fez pensar em se aproximar para admirá-lo com mais atenção. E que mal haveria nisso, se ele dormia tão profundamente?

“Vá, Lori. Coragem”.

Fechando a porta atrás de si sem fazer o menor ruído, ela mordeu o lábio e, com o coração a ponto de lhe sair pela boca, avançou, pé ante pé, até a beirada da cama.

O rosto dele estava coberto pela sombra da barba por fazer, e foi somente o medo de despertá-lo que fez Lori controlar o impulso de lhe afagar a pele queimada de sol. Baixando o olhar, ela então, viu músculos perfeitos dando forma a um abdome reto e coberto por pêlos escuros, que se embrenhavam pelo baixo ventre até desaparecerem sob a colcha vermelha.

Como que hipnotizada, ela estendeu a mão para o volume que a coberta ocultava.

Suspirando, Jack se mexeu.

Mesmo sem saber como, Lori conteve um grito e correu para a porta, horrorizada com a ideia de que pudesse ter sido pega naquela situação. Onde estava com a cabeça, santo Deus? Por precaução, deu uma espiada por sobre o ombro para se certificar de que o capitão realmente não acordara. Ao ver que ele continuava num sono profundo, agora com o braço sobre o rosto, abriu a porta de mansinho, saiu para o corredor e tomou a fechá-la com cuidado.

Só conseguiu respirar normalmente outra vez quando se viu na proteção de sua cabine, com a porta bem trancada às suas costas. Tremia da cabeça aos pés. Nunca, em toda a vida, vira nada tão encantador como Jack Rhys. Ele era a perfeição em forma humana.

Bem, por certo não haveria sessão de pintura naquela manhã. E ela, seria capaz de voltar a olhar para o capitão sem que seu rosto corasse até a raiz dos cabelos? O que faria para tirar da cabeça a imagem magnífica com que se deparara nos aposentos dele?

Resolvendo que iria tomar um pouco de ar fresco e praticar a nova técnica de sombreamento que Henri lhe ensinara na véspera, Lori reuniu o bloco de esboços e alguns bastões de carvão. Isso iria ajudá-la a tirar o capitão dos pensamentos.

Jack acordou com a sensação de que o cérebro lhe martelava a caixa craniana. Abrindo os olhos com um esforço tremendo, maldisse a luz do sol para depois amaldiçoar a si mesmo por ter bebido tanto na noite anterior. E nem assim conseguira tirar sua pequena sereia da cabeça... Pontadas nas têmporas o fizeram ter vontade de esganá-la.

De qualquer modo, se a intenção tinha sido afogar em rum o fogo que lhe ardia às virilhas, por certo fora bem-sucedido: como pensar em sexo com uma dor de cabeça infernal como aquela e a garganta mais ressequida do que o Saara?

— Você tem de seduzir a sereia... — A voz lhe saiu com resquícios de embriaguez. — Se quiser ter um pouco de paz.

Horas mais tarde, Lori olhou para as mãos com a sensação de que elas a traíam. Por que não conseguiam reproduzir os contornos perfeitos do corpo de Jack?

Voltando a morder o lábio, fechou os olhos e tentou se concentrar. Daquele modo, podia ver outra vez o capitão adormecido em sua cama no início da manhã. Mas quando tornava a abri-los para registrar essa imagem no papel, o resultado era um retumbante fracasso.

Ah, que coisa. Michelangelo esculpira *Davi*, Botticelli pintara *Vênus*, por que ela não conseguia fazer um bom registro do físico privilegiado do pirata? Afinal, não havia nada de mal em se retratar o corpo humano artisticamente. Nada, não era verdade?

Afastando uma mecha de cabelos do rosto, Lori ergueu o olhar à atividade à sua volta. Henri e Billy trocavam as velas em busca de velocidade para o navio, Kesi, Mavis e Alice lavavam roupa, alguns marinheiros se ocupavam da faxina, Kit esculpia brinquedos de madeira perto dali.

Ela deu um suspiro desanimado, depois colocou os esboços de Jack entre as últimas folhas do bloco. Talvez fosse mais fácil reproduzir uma cena que tivesse diante dos olhos.

O sol estava quase a pino quando Jack chegou ao convés, praguejando contra a claridade que fazia sua cabeça doer ainda mais.

— Você está bem, capitão Jack? — perguntou Kesi, que agora torcia as roupas já limpas.

— Parece que estou morto — ele respondeu numa voz ainda roufenha. — Ou melhor, acho que preferia estar morto.

Kesi secou as mãos no avental de algodão branco enquanto se aproximava dele para dizer:

— Vou buscar alguma coisa para aliviar a dor.

— Só um verdugo e seu machado dariam jeito na minha cabeça.

Ignorando a reclamação, a moça sorriu para ele e desceu à cozinha. Com uma das mãos à têtropa como se isso pudesse aliviar as pontadas que sentia ali, Jack continuou pelo convés, supervisionando as atividades diárias à espera de que Tarik viesse lhe trazer o relatório.

Meia hora depois, inteirado do que se passava em seus domínios, ele enfim se deu conta da presença de Lori no tombadilho superior da embarcação. Sem perda de tempo, rumou para o lugar onde ela agora ajudava Kit a colorir alguns de seus soldadinhos de madeira.

Ao vê-lo se aproximar, o menino largou o que fazia para correr ao encontro dele, atirando-se em seus braços. Jack girou-o no ar e deu-lhe um beijo estalado antes de colocá-lo novamente no chão. Kit pediu permissão para ajudar com as velas e, autorização concedida, foi para junto dos marujos encarregados da tarefa.

Jack então se virou para Lori, que havia se posto em pé e junto à amurada, tinha os braços cruzados à altura do peito. A brisa leve lhe acariciava os cabelos soltos ao redor do rosto, e suas faces estavam rosadas pela exposição ao sol. Ele gostou do que via, e resolveu brincar com ela:

— Espero que não tenha falado mal de mim para o meu filho.

— Ah, eu não teria coragem de dizer a uma criança o que penso de você! — Lori riu, embora olhasse em todas as direções, menos para ele.

— E eu posso saber o que é que você pensa a meu respeito?

Ela agora olhava para o mar, mesmo assim não se furtou a responder:

— Que você é arrogante.

— Hum... Vou permitir que pense assim.

— E irritante.

— Posso ser.

— Exasperador, para ser mais precisa.

— Eu tento.

Dessa vez Lori fixou os olhos no olhar que ele lhe dirigia.

— Posso saber por que está concordando com tudo que digo?

— Porque você está dizendo a verdade, e eu nunca contesto a verdade.

Com um passo à frente, Jack apoiou as mãos na amurada, aprisionando Lori entre seus braços. Sentindo o perfume dela a lhe invadir as narinas, baixou a voz a um murmúrio para indagar:

— Não quer saber o que eu penso de você?

— Não, obrigada.

— Acho-a deliciosa.

— Como ousa?

— Bonita. Atraente. Picante. Diferente. Quer que eu continue?

A ponto de derreter às palavras sussurradas em seu ouvido, Lori ofegou ao se dar conta de que, mesmo diante da tripulação, Jack inclinava a cabeça para lhe tomar os lábios num beijo. Uma força maior a fez fechar os olhos. Se ele...

— Billy!

O grito desesperado fez Jack virar a cabeça e deparar com Billy pendurado por um dos pés acima do convés, Kit enrolado no cordame agarrando-se ao mastro principal e Alice agitando-se como uma louca embaixo de ambos.

— Socorro! — ela tomou a gritar. — Ajudem aqui!

Sem pestanejar, Jack correu para lá.

Olhando para cima, Lori calculou que, ao lidar com as cordas, Billy enroscara-se numa delas e fora içado pelo tornozelo junto com as velas. O corpo dele agora descrevia um arco macabro sobre o convés, a mais de vinte metros do chão.

Com o coração na garganta, ela então viu um dos marujos fazer menção de subir pela corda e ser impedido por outro, que lhe disse:

— A corda não aguenta o peso de vocês dois e irá se romper antes que chegue à metade do caminho.

Correndo de um para outro, Alice lhes implorava que salvassem a vida de seu marido.

Após analisar a situação por um breve instante, Jack agarrou um cabo do chão e enrolou-o no corpo, depois subiu do pé da vela de mezena para a base do mastro principal e ali se amarrou à viga-mestra.

Lori simplesmente não sabia o que fazer. Kit ainda estava agarrado à pilastra e ao cordame acima de Billy, seu rostinho destituído qualquer cor. “Deus do céu, não permita que eles morram”, pensou, para depois se perguntar como uma coisa daquelas fora acontecer.

— Billy — chamou Jack num tom estranhamente calmo, enquanto desenrolava um grande pedaço do cabo do corpo para estendê-lo ao marujo —, respire fundo e tente alcançar isto aqui.

— Não consigo! — gritou Billy, aterrorizado.

— Consegue, sim — Jack foi taxativo. — Além do mais, se não pegar o cabo que estou estendendo para você, Alice irá fugir com Davy.

— E eu mataria os dois! — rosnou o marujo, antes de agarrar o cabo com ambas as mãos.

Jack tinha acabado de puxar Billy quase quinze metros para baixo quando a corda se rompeu, fazendo despencar não só o marujo como também uma das velas e o cordame que a sustentava. Por sorte, o tombo não foi dos maiores e, estatelado sobre o tombadilho, Billy recebeu os cuidados da esposa e dos amigos enquanto Jack cuidava de resgatar o apavorado Kit.

Com a impressão de que não conseguia respirar, Lori via, minutos depois, o capitão e seu filho descerem, sãos e salvos, de volta ao piso do convés. Mas, em vez de se solidarizar com seu marinheiro, Jack, com Kit ainda nos braços, aproximou-se de Billy com uma expressão extremamente zangada.

— Quantas vezes eu lhe disse, e a todos vocês — ele olhou para os homens que haviam ocorrido ao local do incidente —, para trabalharem com calma e verificarem o estado de cordas e demais equipamentos antes de usá-los?

Os marujos entreolharam-se, visivelmente constrangidos.

Jack sacudiu a cabeça, depois chutou o pedaço de viga caído a seus pés.

— Alguém limpe esta bagunça. Billy, tire o restante do dia de folga; trate de acalmar sua esposa antes que ela perca o bebê. — Passando Kit para os braços de Kesi, ele concluiu: — E você nunca mais suba

no cordame da vela principal antes que seja um homem do meu tamanho.

— Sim, capitão — respondeu o menino. — Mas não fui eu quem caiu lá de cima.

— Pois poderia ter sido. — Jack olhou para Kesi. — Leve-o para baixo, onde ele não terá como se meter em confusão.

— Eu não me meti em confusão nenhuma! — Kit protestou.

— Mas irá se meter se não me obedecer.

Apertando os lábios como se fizesse um grande esforço para se manter calado, o garoto deixou que Kesi o levasse em direção à escada de acesso aos pisos inferiores do navio.

Lori cobriu a curta distância que os separava para dizer:

— Pensei tê-los visto mortos.

— Está insinuando que torceu pela minha morte?

— De forma alguma. Apesar do que você pensa, Jack, não quero vê-lo morto. E estou muito contente por você não ter se machucado.

Em muda surpresa, Jack a viu dar-lhe as costas antes de deixá-lo sozinho ali, quase no meio do convés. As palavras de Lori ecoavam em seus ouvidos. Naquele instante, uma ideia tola, tola e infinitamente remota, ocorreu-lhe: como seria ter uma mulher como a pequena sereia a se preocupar com ele e cuidar de seu bem-estar? Como seria vê-la gritar de medo de perdê-lo, como se passara com Alice?

Apesar de contrariá-la com veemente insistência, Jack sabia que o amor realmente existia. Ou pelo menos existiria para as outras pessoas, ainda que nunca tivesse existido para ele. Amar alguém, era quando alguém gostava mais do outro do que de si mesmo. Quando a vida do outro era mais importante do que a própria vida.

Ninguém nunca o amara dessa maneira. Nunca.

Por certo, jamais amaria.

“Lori não iria se importar se você caísse morto diante dos olhos dela”, Jack argumentou consigo mesmo. Thadeus teria se importado. Kit se importaria.

“Você não vale nada, garoto”, sua mãe murmurara em amarga embriaguez. “Absolutamente nada. Eu deveria ter me livrado de você no instante em que o descobri crescendo nas minhas entranhas, mas

fui tola demais. Acreditei que pudesse ser capaz de amá-lo. Deus, que grande idiota eu fui. Se não fosse por você, hoje eu teria uma vida decente. Você me arruinou e irá arruinar tudo aquilo em que tocar. É a maldição do sangue de seu pai”.

Jack fechou os olhos à crua verdade. Era uma maldição, sim, e iria manchar tudo à sua volta.

Alguém lhe tocou o braço. Virando-se, viu-se diante de Sarah, que tinha uma caneca na mão e fazia sinais para que ele tomasse seu conteúdo.

— Obrigado, Sarah.

Por meio de gestos, a moça lhe perguntou se ele estava bem.

— Estou sempre bem, não é verdade?

Sarah fez que não, depois usou das mãos e de expressões para indagar se ele estava pensando em Lori.

— Não, eu pensava no passado. Mas isso é perda de tempo, você não acha?

Ela meneou a cabeça num gesto afirmativo.

— Sarah? — chamou Mavis, do alto da escada de acesso ao convés.

— Será que poderia vir me ajudar?

Jack esperou que a moça fizesse gestos de despedida, depois foi procurar um canto do navio onde pudesse deixar que sua cabeça doesse até estourar. Talvez assim parasse de pensar na pequena sereia que o fazia ansiar por coisas que jamais iria ter.

Sentada a uma pequena mesa da cozinha, Lori tomava o chá da tarde na companhia de Kesi, Alice, Mavis e Sarah. Segundo haviam lhe dito, Jack tinha retornado ao seu camarote e não parecia muito disposto a sair de lá.

— Ainda bem que tudo não passou de um susto — comentou Mavis, após recolocar sua xícara sobre o pires. — E que Billy não se feriu.

— Mas você, Alice, devia ter nos contado que está grávida — Kesi repreendeu a amiga.

— Eu ia dizer a todos, talvez hoje mesmo. — Alice corou. — Foi só ontem que contei para Billy, e ele deve ter dito a Jack durante a bebedeira da noite passada.

— Faremos uma festa para comemorar. — Kesi bateu de leve na mão dela.

Sarah tocou o braço de Lori para chamar-lhe a atenção, depois fez alguns gestos e ficou a olhá-la como se esperasse pela resposta.

— Perdão, Sarah — Lori se desculpou. — Você mexeu as mãos depressa demais, e eu não compreendi o que quis dizer.

— Ela falou que está preocupada com Jack — Mavis esclareceu.

Sarah fez mais gestos.

— Ela disse que Jack tem andado esquisito — foi a vez de Kesi interpretar os sinais. — Sarah tem razão. O capitão anda calado e quase não tem ficado conosco nos últimos dias. Kit tem sido o único a compartilhar da companhia dele.

Lori não sabia o que dizer.

— É verdade — concordou Alice. — Ele tem se mantido sozinho, como se não soubesse mais se relacionar com as pessoas.

A ideia fez Lori sorrir antes de observar:

— Não creio que seja esse o problema. Jack parece possuir um dom todo especial para se adaptar às pessoas e conviver com elas.

— Não é bem assim — retrucou Kesi, apanhando mais um biscoito da pilha sobre a bandeja. — O capitão se adapta às circunstâncias com extrema facilidade. Com relação às pessoas...

— Ele se esconde — Alice completou. — Jack bebe com seus homens e é amável com todos nós, mas quando se trata de falar sobre si mesmo ou do que gosta, ele é mais calado do que uma parede.

— Mas com você é diferente — Mavis se dirigira a Lori. — Tenho a impressão de que ele sempre vai à sua procura quando tem algo sobre o que gostaria de conversar.

— Não é bem assim — retrucou Lori. — Ele gosta de me atormentar.

— Por que diz isso? A presença dele é um tormento para você? — quis saber Mavis.

Enquanto Lori ficava vermelha como uma pimenta, elas caíram na risada.

— Sua reação mostra que você gosta de Jack — afirmou Alice. — Eu sabia!

— Ele... A companhia dele é agradável... — Lori deu um sorriso acanhado. — Às vezes.

Baixando os olhos, Lori teve vontade de torcer o próprio pescoço. De que adiantava negar, se ela mesma não tinha como fugir da verdade? Sentia-se terrivelmente atraída pelo bandido. Sim, terrivelmente. Gostava da companhia dele. Gostava de sabê-lo perto de si, mesmo que não o visse.

— Bem, nada disso importa — disse, ao cabo de um breve momento. — A verdade é que Jack fica me rodeando porque quer me seduzir.

— E nós não sabemos? — Mavis riu. — Ele é homem, oras.

— Nunca vi um homem que não corresse atrás de uma mulher — comentou Kesi, antes de rir também.

Alice então olhou atentamente para Lori.

— A questão é: você quer que ele a apanhe?

— Eu deveria dizer que não — respondeu Lori, colocando a xícara vazia sobre o pires e os dois em cima da mesa.

— Mas todas nós saberíamos que isso seria mentira. — Alice sorriu. — Não há uma só de nós que possa dizer que não acha o capitão encantador.

— Ele é bonito feito o diabo — observou Mavis.

— Mais atraente do que o pecado — concordou Alice. — Lori, admita que você já se pegou pensando nele com segundas intenções.

— Acho que este assunto está tomando um rumo perigoso demais — foi tudo o que ela admitiu.

— Pode ser. — Alice tomou a sorrir. — Mas não me diga que você nunca teve vontade de perguntar a uma mulher como é estar com um homem.

Lori calculou que se seu rosto ficasse ainda mais vermelho, por certo iria explodir. E disse somente:

— Sei o que é preciso saber.

— Então você já esteve com um homem? — Kesi não conseguiu reprimir a curiosidade.

— Claro que não! Minha avó... Foi ela quem me contou como... Vocês sabem.

— Meninas, acho que já deixamos Lori embarçada até demais — interveio Mavis.

Aquela conversa trazia de volta à mente de Lori aquilo que ela mais gostaria de tirar dos pensamentos: imagens de Jack adormecido, completamente nu, enroscado numa colcha de cetim vermelho.

Quando a tensão que essa recordação lhe provocava chegou a um ponto quase insuportável, ela levantou-se e disse a única coisa que lhe ocorreu no momento:

— Peço licença a vocês, mas preciso retornar aos meus aposentos.

De volta à sua cabine, correu a atirar-se na cama.

— Pare com isso, Lori — disse baixinho. — Pense em Justin.

Então mentalizou uma imagem do noivo, na qual ele vestia seu uniforme da marinha britânica. Sim, era uma bela figura: simpático, ativo e...

Tedioso.

Ah, aquilo não estava dando certo. E que culpa ela tinha se Justin às vezes a deixava enfasiada?

A verdade era uma só: Justin Wallingford não era Jack Rhys. A presença do noivo não fazia com que ela se flagrasse ardente e gelada ao mesmo tempo. Perto de Jack, sentia-se viva e vibrante e feminina e... Sim, era isso: perto de Jack, sentia-se mulher. Era preciso admitir, mesmo contrariando todo bom senso e toda lógica, que desejava o pirata muito mais do que jamais desejara Justin.

Não, não. Não podia pensar assim. Mais um pouco e Justin viria resgatá-la, então tudo voltaria a ser como era antes. Jack sairia da vida dela para sempre e isso a deixaria... extasiada de tanta felicidade. Isso, extasiada.

Só que seu corpo não reagia de acordo com as convicções que ela se impunha.

Antes que pudesse voltar a se reprimir, Lori já tinha apanhado o bloco de esboços e vasculhava as páginas entre as quais havia escondido a reprodução da cena com que deparara naquela manhã nos aposentos do capitão. Mordendo o lábio, examinou os traços feitos a carvão e giz. Sim, os ombros de Jack tinham aquela curva, e o jogo de luz e

sombra sobre o rosto dele pareceu-lhe natural, mas... Não, a musculatura das pernas não estava bem delineada. Fechando os olhos, ela tentou imaginar o desenho dos músculos das coxas do pirata.

Não conseguiu.

Profundamente frustrada, Lori deixou o esboço de lado. Precisava dar mais uma boa espiada nas coxas de Jack.

— Sou uma artista — murmurou consigo. — E uma artista precisa saber reproduzir o que seus olhos veem.

Mal terminou de falar e ouviu o capitão deixar seu camarote. Num gesto impulsivo, Lori saltou da cama e, na pontinha dos pés, foi até a porta. Abriu-a sem fazer barulho e colocou a cabeça para fora da cabine. Jack acabara de passar por ali e ela, sem pensar no que fazia, pôs-se a lhe examinar o movimento das coxas durante o caminhar.

De repente, o pirata se deteve. E, sem aviso, olhou para trás.

Lori quis que o chão se abrisse e a tragasse para as profundezas do inferno. Como isso não aconteceu, escancarou a porta e disse a primeira coisa que lhe ocorreu:

— Está rangendo. Precisa de óleo nas dobradiças.

Enquanto ela abria e fechava a porta repetidas vezes, Jack, com uma sobancelha erguida, observava-a atentamente. A porta e as dobradiças, no entanto, não emitiram um ruído sequer. Percebendo que fazia papel de tola, Lori deu fim à desordenada movimentação.

— A porta está rangendo? — O rosto dele expressava pura incredulidade.

— Sim. Pensei que eu pudesse dar um jeito nisso.

— Com carvão?

Olhando para o bastão de carvão que segurava entre os dedos, Lori tentou pensar numa desculpa plausível.

— Lá em casa, só usamos isto. — Sem se dar por vencida, começou a esfregar o carvão nas dobradiças.

Jack retrocedeu dois passos e, diante dela, deixou que seus lábios se curvassem num arremedo de sorriso.

— Por que está corada como se estivesse envolvida em alguma travessura, sereia?

— Por quê? Porque... estava muito quente lá na cozinha.

— Estava, é?

— Muito, muito quente.

Cruzando as mãos às costas, Jack estudou a dobradiça que ela fingia lubrificar.

— Quer que eu vá buscar um pouco de graxa?

— Como? Não, não é preciso. Acho que o carvão já deu um jeito nisso. Veja. — Ela tornou a movimentar a porta para trás e para frente. — Eu não disse? O rangido se foi.

Os olhos de estanho pareciam devorar os dela.

— Bom trabalho. Bem, vou deixá-la cuidar de seus... assuntos. — Com isso, Jack deu-lhe as costas e retomou seu caminho.

Lori não perdeu a oportunidade: colocou os olhos nas coxas dele outra vez. O ideal seria estudá-las de frente... e nuas. Mas talvez os movimentos do caminhar pudessem lhe dar uma ideia de como...

Só que as pernas de Jack não mais se moviam.

Erguendo o olhar, Lori viu o pirata lhe dirigir um sorriso largo por sobre o ombro.

— Gostou do que viu? — ele provocou.

— Parece que... que há uma mancha na sua calça.

Jack virou o torso de um lado para outro para examinar a parte traseira da roupa que vestia.

— Onde? Não estou vendo mancha nenhuma.

— Ah, então deve ter sido impressão.

— Será que você não anda vendo coisas ultimamente, Lorelei?

Embaraçada até o íntimo da alma e com o rosto ardendo até quase doer, ela reuniu o pouco de dignidade que lhe restava para dizer num tom bastante sério:

— Tenha uma boa tarde, capitão.

— Boa tarde para você também, srta. Dupree.

Assim que fechou a porta, Lori correu de volta à cama e ali permaneceu, encolhida sobre si mesma. Jack tinha percebido, era evidente que sim. Ah, só a morte para purgá-la de tamanha humilhação...

Capítulo XI

Jack cruzava o convés com um sorriso de orelha a orelha. Então a pequena sereia estava interessada nele, quem diria? Com essa carta na manga, qual seria o próximo passo a tomar?

Bem, ela ainda não terminara seu retrato. Isso era uma boa isca para atraí-la ao camarote. Ou talvez devesse pensar numa tática mais sutil?

Não, nada de sutileza! O que mais queria naquele instante era arrastá-la para sua cama e libertar fogo que lhe devorava o corpo e os pensamentos. Se não a possuísse o mais depressa possível, acabaria perdendo o pouco de juízo que ainda lhe sobrava.

“Pois muito bem, Jack”, pensou com seus botões, “quando se trata de sedução, você é mestre. O que faria?”.

Um jantar a dois. Daria uns trocados a Klein e aos rapazes para que tocassem uma música suave no convés e deixaria as escotilhas da cabine abertas. Lori gostava de dançar, assim iria lhe ensinar uma dança cujos movimentos iriam fasciná-la. Sim, era isso. Aquela noite ela seria sua.

Ao ver Kristopher, que importunava Pierson enquanto o marinheiro consertava a vela arrebentada no incidente daquela manhã, Jack o chamou:

— Kit, tenho uma missão para você.

O garoto correu para junto dele.

— Uma missão, capitão?

— Sim. Preciso que você leve um recado em meu nome.

Lori fechou a porta às costas de Kit. Então Jack queria que ela jantasse em sua companhia naquela noite?

Já fazia um bom tempinho desde o último convite do capitão. Ainda assim, Lori se lembrava direitinho do que acontecera na ocasião: a maldita aposta. Fazê-lo apaixonar-se por ela, pois sim! Onde estava com a cabeça?

Bem, para aquela noite ela já tinha um novo plano. Nada de apostas. O que queria era terminar o esboço em carvão e giz sem que Jack viesse a saber da existência de tal desenho. Para isso, bastaria submeter o todo-poderoso capitão a uma ideia bastante extravagante que ela tivera.

O jantar seria a oportunidade perfeita.

Determinada a concretizar seu intento, Lori voltou à cozinha. Num golpe de sorte, encontrou as amigas ainda reunidas ali, conversando despreocupadamente.

À porta, ela pediu desculpas por interrompê-las para depois pedir a Kesi que viesse encontrá-la no corredor de passagem. Enquanto esperava pela moça, repassou mentalmente a mentira que havia preparado.

— Algum problema, criança? — Kesi foi logo perguntando, pois era evidente que Lori tentava evitar que as outras mulheres a ouvissem.

— Nada muito grave. É que eu gostaria de experimentar aquele preparado para dormir do qual você me falou.

— Está com dificuldade para pegar no sono, é? Pobre criança... Espere aqui, não me demoro.

Kesi retornou instantes depois, trazendo sob o xale um pequenino frasco em que havia um líquido vermelho-escuro. Lori pegou o vidro da mão dela, examinou-o à luz de uma lamparina... e quase sorriu.

— Quanto devo tomar?

— Somente uma colherzinha. Mais do que isso irá fazê-la passar mal, criança.

— O gosto é muito ruim?

— Pelo contrário, é bem docinho. Se misturar o preparado num pouquinho de vinho, você nem vai perceber o gosto que tem.

Aquilo só podia ser obra de Deus.

— Obrigada, Kesi. Faz tempo que ando precisando de uma boa noite de paz. Será que poderia lhe pedir mais um favor?

— Tudo o que quiser, criança.

— Você mandaria preparar um banho para mim?

— E precisa perguntar? Vá para sua cabine; mandarei avisá-la quando estiver tudo pronto.

Algumas horas depois, Jack começava a ficar ansioso, pois não via a hora de dar início ao seu cuidadosamente preparado “jogo da conquista”. A mesa fora posta com o que de melhor havia no navio em porcelana, cristal e talheres. As escotilhas estavam abertas e, no convés, os homens já se encarregavam de tirar notas melodiosas de seus instrumentos. E ele trajava suas roupas mais elegantes.

Só faltava Lori.

Satisfeito consigo mesmo, Jack bateu palmas às suas costas e, olhando para a porta que separava aquele salão de refeições do seu camarote, sorriu. Lembrara até mesmo de derramar algumas gotas de água-de-colônia nos lençóis da cama. E também de espalhar umas poucas velas em lugares estratégicos para que pudesse apreciar, em todos os detalhes, a bela sereia... nua.

Uma batida tímida ecoou à porta do salão.

Ignorando o calafrio que lhe percorreu a espinha, Jack cuidou de imprimir um tom suave à voz:

— Entre.

E ela o fez. Como uma coelhinha desatenta que adentrasse a toca do leão.

Jack cruzou o salão para tomar-lhe a mão. Lori usava um delicado vestido creme e tinha os cabelos presos no alto da cabeça, com alguns cachos soltos a lhe enfeitarem o rosto e os ombros.

Curvando-se numa leve mesura, ele beijou-lhe as costas da mão.

— Perfume de rosas novamente? — perguntou, aspirando a sedutora fragrância que se desprendia da pele alva.

— Você disse que gostava.

— Adoro.

Jack lutava contra a voz que lhe dizia para tomá-la nos braços e fazê-la sua ali mesmo, quando a ouviu perguntar:

— O jantar já está servido? — Lori estava surpresa por ver que havia travessas cobertas sobre a mesa. — Será que me atrasei?

— Não, você chegou no momento exato. Pedi que o jantar fosse servido antes que você viesse porque não queria que fôssemos incomodados.

— Parece que você adivinhou meus pensamentos.

— Cuidado, Lori. Esse jogo é muito perigoso. Não faça um convite se não quiser que eu o aceite.

Ela hesitou, e Jack sentiu certo alívio, pois sabia que precisava de calma para não correr o risco de que sua afoiteza o fizesse meter os pés pelas mãos. Assustá-la, naquela noite, estava fora de cogitação.

Com esses cuidados em mente, conduziu-a até a mesa, assistiu-a a sentar-se e depois foi tomar seu lugar à cabeceira.

— Você está especialmente bonita hoje.

— Obrigada. — Lori dobrou o guardanapo sobre o colo. — Eu poderia lhe dizer o mesmo, mas com toda certeza você já sabe que está muito bem.

— E por que eu saberia?

— Porque é arrogante demais para não saber.

Jack riu, ocupando-se de seu guardanapo.

— Eu já estava me perguntando por quanto tempo você seria capaz de fingir gentilezas para comigo, sereia.

— É que... Bem, vou ser sincera: não sei por que ajo como ajo quando estou perto de você, Jack. Não está em mim atormentar as pessoas, mas, quando estamos juntos, não consigo me controlar.

Ele ficou pensativo por alguns instantes, então confessou:

— Se isto fizer com que se sinta melhor, saiba que minha mãe sempre me disse que sou capaz de provocar o que há de pior nas pessoas.

— Meu Deus! Mas por que ela lhe dizia uma coisa dessas?

— Parece ser a verdade, não parece? — Jack levou a taça de vinho aos lábios, sorvendo um longo gole. — Seja como for, não quero falar sobre isso.

— Você nunca quer falar de si mesmo. Por quê?

— Sou um assunto tedioso.

— Pelo contrário: talvez você seja a pessoa mais fascinante que já conheci.

— Bem, bem, bem... — Ele riu. — Até que enfim você me fez um elogio.

— E você está evitando minha pergunta.

— Que era?

— Por que nunca fala de si próprio? Já passei horas na sua companhia e quase nada sei a seu respeito. Não sei ao menos quais livros você mais gosta de ler. Será que... que tem medo de me revelar certas coisas porque imagina que elas me dariam uma espécie de poder sobre você?

Ele tomou a rir.

— Ora, Jack, você sabe que o conhecimento pode nos tornar poderosos.

— Talvez. Mas não é por isso que evito falar sobre mim.

— Por quê, então?

— Já que faz tanta questão de saber... Não falo de mim mesmo porque nunca ninguém se deu ao trabalho de ouvir.

— Como assim?

— Pense bem, Lori. Quantas vezes você já perguntou a uma pessoa como ela estava passando e, apesar de ter a vida em frangalhos, essa pessoa lhe respondeu que estava indo muito bem, obrigado? Ninguém se importa com os problemas dos outros, e essa foi uma lição que aprendi ainda menino.

— Esconder os sentimentos e seguir em frente, é isso?

— Exatamente.

— E se alguém se importasse de verdade com você?

— Tenho certeza de que essa pessoa nunca seria você, sereia.

— Como pode saber? Se você nunca estender sua mão, as pessoas não terão como tomá-la.

— Se eu estender minha mão, por certo levarei uma dentada.

— Como é assustador o mundo em que você vive, Jack! Eu não saberia o que fazer se não pudesse contar às pessoas como me sinto... De qualquer modo, um dia ainda conseguirei fazer com que você me diga algo bem pessoal a seu respeito.

— E um dia eu me dobrarei sobre um joelho para declarar meu amor infinito.

Foi a vez de Lori rir.

— É verdade, capitão, não consigo imaginá-lo fazendo uma coisa dessas. Você é cínico e orgulhoso demais para se curvar à um sentimento tão nobre.

Olhando para o teto como se se comunicasse com o plano divino, Jack declarou:

— Finalmente ela entendeu. Obrigado, Senhor. — Depois, voltando o olhar para Lori, indagou: — Isso significa que ganhei nossa aposta?

— Não. Significa que ambos perdemos.

As palavras de Lori provocaram uma reação bastante estranha nele. Uma sensação que Jack não sabia explicar, mas que lhe causava um profundo mal-estar.

Desfrutaram do jantar em silêncio por longos momentos. A noite não progredia como ele havia planejado. Aliás, nada do que envolvia

Lorelei Dupree corria de acordo com seus planos. Ela sempre dava um jeito de virar o jogo contra ele.

Às vezes de soslaio, às vezes às claras, Lori não deixava de observá-lo. O capitão tinha modos realmente elegantes. Onde teria aprendido a se comportar com tamanha correção? Falava como se educado nas mais conceituadas escolas da Europa e vestia-se como se criado na corte.

Ela levou um pedaço do frango assado à boca. Jack Rhys era um homem forte, não só no físico mas também interiormente. Lori perguntou-se como ele teria ficado assim, e concluiu que somente as línguas de fogo do inferno poderiam ter forjado aquela fortaleza de aço. Ainda assim, ele sabia ser doce, amável, afetuoso... Em algum lugar de seu mundo isolado do restante da raça humana, aprendera a ser um homem decente, que cuidava dos que dele dependiam. Como alguém que vivera em meio à violência podia demonstrar tanta compaixão?

Ao terminar de se alimentar, Lori tomou a taça de vinho entre os dedos e recostou-se no espaldar da cadeira. Foi só então que reparou no pequenino aro de ouro na orelha do capitão. Sem perceber, ela sorriu.

Jack fez uma pausa com os talheres para indagar:

— Que foi?

— Eu estava admirando seu brinco. Dei-me conta de que você está com essa argola na orelha desde que viemos para o mar, mas não a usava quando foi à minha festa.

— Seria dar a todos uma boa pista da minha verdadeira identidade, não concorda?

— É verdade. — Lori tomou um gole da taça. — Por que a usa?

— Há uma velha lenda do mar que diz que a única maneira de um pirata entrar no paraíso é o suborno. Assim sendo, levamos ouro na orelha para pagar a taxa.

— E por que a argola que usa é tão pequena?

— Porque já me disseram que nem todo o ouro da terra seria suficiente para comprar o meu lugar no céu.

— Mas é desse modo que você se sente?

— Eu lhe disse que se tratava de uma velha lenda, sereia, não que eu acreditava nela.

Pronto. Lá vinha ele com aquele tom a denotar que o assunto estava encerrado. Mesmo assim, Lori resolveu insistir:

— Você se esquivou da minha pergunta outra vez.

Em vez de responder, Jack prestou atenção à suave balada que seus marujos tocavam.

— Não gostaria de dançar?

— Gostaria, sim. Para que mentir, não é?

Dando a volta na quina da mesa, ele ajudou-a a se levantar e, tomando-lhe a mão, conduziu-a para o único espaço livre do salão, próximo às escotilhas.

Ao ver-se entre braços tão fortes, Lori não conteve um suspiro e, seguindo um impulso, olhou nos olhos que traziam a cor do céu e do mar. No entanto, neles nada encontrou que revelasse os pensamentos ou sentimentos do capitão, apenas um brilho que a fez lembrar-se do ar de menino que ele tinha quando adormecido.

Ela tomou a suspirar.

— Sabe o que eu queria? — perguntou.

— Que eu a levasse de volta para seu pai.

— Além disso.

— Não posso imaginar.

Lori vacilou mas, antes que se acovardasse, confessou:

— Eu queria que, por um momento, você me deixasse penetrar no seu íntimo.

— Engraçado, eu estava pensando a mesma coisa a seu respeito.

— Você não presta, Jack.

— Sou apenas um homem seduzido pelos seus encantos, minha pequena sereia.

Lori se sentia igualmente seduzida pelos encantos do famigerado pirata procurado por todos os mares. Como seria percorrer com as mãos o belo físico que ela vira enroscado na colcha vermelha? Como

seria deitar-se com ele e deixá-lo iniciá-la na arte do amor? Como seria experimentar todo o prazer que ele pudesse lhe dar?

“Ah, Jack, beije-me”, o coração dela pediu.

Mas se o capitão a beijasse naquele instante, ela acabaria por se entregar.

Como se pressentisse as dúvidas que assaltavam Lori, Jack fixou o olhar nos lábios dela antes de murmurar:

— Adoro tê-la junto de mim. Quando estamos assim, sinto sua respiração junto ao meu pescoço, e isso me incendeia o corpo inteiro.

Em vez de se chocar com aquela declaração, Lori arrepiou-se toda. E quando Jack levou os lábios para perto dos seus, entreabriu-os no intuito de deixar-se sorver o hálito quente e adocicado pelo vinho que lhe invadia a boca.

Uma forte batida à porta do salão imobilizou os dois.

Após proferir uma praga em voz baixa, Jack elevou o tom para gritar ao infeliz que ousara interrompê-lo:

— Que o diabo o carregue se este navio não estiver em chamas!

— Cap-capitão? — A voz de Kit era quase um sussurro. — Pode deixar, voltarei numa outra hora.

Jack tratou de se controlar.

— Entre, Kit. Pensei tratar-se de outra pessoa.

Num esforço para recuperar o bom senso e a compostura, Lori afastou-se dele. Ainda bem que Kit resolvera aparecer justamente naquele instante. Mais alguns momentos e...

— Capitão, você se importaria de vir falar comigo aqui fora?

Jack olhou para a porta, depois para ela.

— Espere-me aqui, por favor: Não me demorarei.

Assim que ele saiu, fechando a porta às suas costas, Lori respirou fundo. Era agora ou nunca. Se não fizesse o que tinha de fazer, a situação por certo tornaria a lhe escapar do controle e ela... ela não resistiria.

Com dedos trêmulos, tirou de entre os seios o frasco com o preparado para dormir que Kesi havia lhe dado. Após derramar algumas gotas no vinho que Jack bebia, agitou a mistura com o dedo e devolveu o

pequeno vidro ao seu improvisado esconderijo. Então, certa de que agira em nome da prudência e da sensatez, foi até uma das escotilhas e ficou admirando o luar refletido sobre as ondas escuras.

Pouco depois, ouviu a porta abrir e voltar a fechar-se. Ao se virar, encontrou os olhos de Jack fixos nela.

— Kit está bem? — perguntou-lhe.

— Ele teve um pesadelo. Sonhou que a cabeça que havia tirado de um de seus cavalinhos de madeira voltara sozinha para o quarto dele.

Lori riu. Mas quando viu Jack fazer menção de retornar para junto dela, o riso lhe morreu na garganta.

— Será que não traria minha taça de vinho para mim? — pediu.

Ele ergueu uma sobrancelha.

— É que eu queria fazer um brinde.

— Um brinde? — Jack parecia subitamente desconfiado.

— Sim, um brinde. Você se opõe?

— De forma alguma.

Ele foi apanhar as taças que estavam sobre a mesa. Entregando a Lori a dela, perguntou:

— A que você gostaria de brindar?

— Por que não fazemos um brinde à... ao mar? — Lori se esforçava para ignorar o quanto sua mão tremia. — Que o mar seja sempre tão... tão belo.

Jack deu-lhe uma olhada do canto dos olhos. Havia alguma coisa errada ali, disse ele tinha certeza.

Bastou-lhe dar um gole no vinho para descobrir do que se tratava. Então a pequena sereia tentava drogá-lo? Ora, ora, ora. Como se ele não conhecesse aquele gosto. Aquilo era o preparado que Kesi dava aos marinheiros feridos quando o suprimento de láudano era escasso. Uma poção à qual ele desenvolvera extraordinária tolerância havia muitos anos.

Mas por que Lori queria deixá-lo inconsciente? Ela não tinha por onde escapar, não havia lugar naquele navio onde pudesse se esconder. Henri? Seria possível que ela tencionasse... Não, isso era impossível.

E Henri não seria louco o suficiente para tentar pôr as mãos numa mulher a quem Jack escolhera para si.

Havia algum outro motivo pelo qual Lori pretendia vê-lo fora de combate. E isso ele iria descobrir. Mais cedo ou mais tarde.

Levando a taça de volta aos lábios, Jack tomou o restante do vinho de uma só vez.

O que fez Lori sentir-se à beira do pânico. Quanto demoraria até o preparado começar a fazer efeito?

Ele levou a mão à testa, depois franziu as sobrancelhas.

— Sinto-me estranho.

Com medo de que tivesse exagerado na quantidade da poção que despejara na taça do pirata, ela indagou num sopro de voz:

— Você não está bem?

— Acho que... que preciso me deitar. — Com um gemido, Jack fingiu desequilibrar-se. — Que pontada na cabeça! Preciso ir para a cama... Mas não sei se conseguirei chegar lá sozinho.

— Vou pedir a Tarik que venha ajudá-lo.

— Aahh... — Ele ofegou. — Acho que não serei capaz de esperar tanto tempo assim...

Com a impressão de que Jack estava a ponto de ir ao chão a qualquer momento, Lori correu a ajudá-lo.

— Apóie-se no meu ombro. Vou ajudá-lo a ir se deitar.

Ele também não perdeu tempo em obedecer. Depois, fazendo um sinal na direção da porta à sua direita, indicou:

— Por ali.

Lori ajudou-o como podia e, mesmo muito aflita, conseguiu fazê-lo chegar até sua cama. Mas foi só deitar a cabeça no travesseiro e... o capitão estava desacordado.

— Jack? — Ela o sacudiu com força. — Jack, está dormindo?

A resposta foi um sonoro ronco.

Aliviada por constatar que ele estava vivo, dormindo a sono solto, Lori sentou-se na beirada da cama. O aroma de sândalo que a envolveu quase a deixou tonta. Curvando-se um pouco, ela teve a impressão

de que o perfume se desprendia dos lençóis. Curvando-se um pouco mais, aspirou ao redor das cobertas e...

— Seu pilantra! Encheu a cama de perfume porque pretendia me fazer deitar nela, não foi? Muito bem, e agora? Quem aqui é a esperta?

Pondo-se em pé, deu uma boa olhada no homem adormecido como um bebê. Logo concluiu que, assim tão imóvel, tão vulnerável, Jack não tinha como impedi-la de fazer o que bem entendesse com ele.

A conclusão fez com que um calafrio lhe percorresse a espinha.

Rendendo-se à tentação, Lori passou a ponta do dedo pela curva do maxilar dele. A pele de Jack era tão diferente da sua! Firme... Masculina.

— Eu nunca faria isso com você acordado.

Tocando de leve os cabelos dele, surpreendeu-se com a textura macia dos fios cor de mel. Sorriu para si mesma. Por mais absurda que soasse a constatação, o fato era que o Terrível Jack Rhys transformara-se no seu objeto de desejo proibido. Quando ela se fosse daquele navio, só teria o esboço que fizera dele como lembrança de tempos tão...

O esboço!

— Ah, mas você está vestido dos pés à cabeça — murmurou para ele. — Como farei para...

E se ela o despirasse? Mordendo o lábio, Lori cogitou da hipótese. Não, aquilo também já seria ir longe demais.

— Vou pedir a Tarik que tire a sua roupa. — Sim, aquela era uma ótima solução. — Fique quietinho aí, Jack.

Lori foi à procura do contramestre e, dez minutos depois, retornava na companhia dele ao camarote do pirata.

Junto à cama, Tarik examinou seu padrão atentamente.

— Você disse que ele está embriagado? Mas o capitão raramente se embebeda.

— Ah, ele bebeu muito durante o jantar.

— Bebeu o quê?

— Vinho.

— Ora, não há vinho suficiente neste navio para deixar o capitão Jack bêbado a ponto de cair.

— Então ele deve ter tomado mais alguma outra coisa antes que eu viesse para o salão. Você está vendo com seus próprios olhos, Tarik. Ele nem consegue se mexer.

O contramestre voltou a examinar o corpo inerte. Ao se assegurar de que Jack respirava normalmente, sacudiu a cabeça.

— Está bem, srta. Lori, vou cuidar dele. Agora a senhorita pode ir para sua cabine.

Fingindo uma expressão pesarosa, Lori deixou os dois homens a sós.

Ao ver a porta fechar-se atrás dela, Tarik debruçou-se sobre o capitão para despi-lo.

— Se tocar em mim, sou capaz de cortar sua garganta.

O marinheiro deu um pulo para trás ao ver Jack fuzilá-lo com um olhar ameaçador. Depois, cruzando os braços, disse num tom meio zangado:

— Pensei que estivesse inconsciente de tanto beber.

— Você me conhece bem demais para acreditar numa bobagem dessas. — Jack sentou-se e passou a mão pelo queixo como se ainda pudesse sentir o carinho que Lori fizera ali. — Digamos que eu estivesse apenas me divertindo um pouco com nossa hóspede.

— Ah! — Tarik riu. — Bem, pelo visto estou demais aqui. Boa noite.

Tão logo se viu sozinho, Jack tirou toda a roupa e voltou para a cama. Já que, por algum motivo, sua pequena sereia o queria despido, então esperaria por ela nu em pêlo. Porque Lori haveria de retomar... Ah, se haveria!

Capítulo XII

Em seus aposentos, Lori calculou o tempo que Tarik levaria para despir o capitão e depois retornar à cabine que ocupava. Os minutos pareciam horas enquanto esperava, o bloco de esboços e um bastão de carvão entre as mãos.

Ao ouvir passos no corredor, ela contou até dez, depois correu a abrir a porta. Espiou para um lado, para outro... Ninguém. Com o coração na garganta, Lori passou pela porta entreaberta e, pé ante pé, cruzou a curta distância que separava o camarote de Jack do seu.

Encontrou-o deitado de lado, o rosto voltado para a porta, coberto pela colcha vermelha. Uma mecha de cabelos caía-lhe sobre atesta, e ele ressonava serenamente.

— Ainda está dormindo? — Lori sacudiu-o de leve. — Jack? Jack?

Ele não respondeu.

Ela sorriu. Até que enfim podia estar perto de Jack sem ter de brigar com ele. Podia fazer tudo, tudo o que quisesse sem se preocupar com uma reação tempestuosa. Ah, aquela sensação de poder sem limites era inebriante! Em que outras circunstâncias seria capaz de se sentir mais poderosa do que o Terrível Jack Rhys?

Puxando a colcha para baixo, Lori lhe expôs o torso. Teve vontade de passar os dedos pelas costelas esguias, de explorar os músculos dele sob a palma da mão, mas não ousou tocá-lo. Iria somente ajeitar a coberta na posição em que estava naquela bendita manhã.

Com essa ideia em mente, ela ergueu a parte de baixo da colcha a fim de deixar à mostra os pés e as longas pernas dele. Depois, retomando o esboço, comparou a pose que tinha à sua frente ao desenho no papel.

— Não era bem assim...

Após deixar o bloco à beirada da cama, arrumou a coberta sobre o quadril estreito. E quando sua mão roçou sem querer o abdome rijo,

teve a impressão de que alguma coisa se avolumava debaixo do tecido carmim.

Lori se afastou com um gritinho. Seria o... Claro que sim. O que mais haveria de ser?

Como seria o sexo de Jack?

Não, não, isso ela não podia fazer. De jeito nenhum.

Mas Jack nunca ficaria sabendo... Ela, no entanto, saberia. Isso bastaria para que nunca mais conseguisse olhá-lo nos olhos.

Decidida a questão, Lori colocou a cadeira estofada diante da cama, apanhou o bloco, sentou-se e começou a desenhar.

Jack a observava através das pálpebras semicerradas. Não saberia explicar como conseguia manter-se imóvel, muito menos entender como não reagira quando ela roçara a mão inocentemente em seu ventre. Até agora suas entranhas se retorciam de tanto desejo. Um desejo que quase o enlouquecera quando ele imaginara que Lori fosse descobri-lo por inteiro.

Que pena que ela não fizera isso! A pequena sereia queria apenas desenhá-lo. Quem acreditaria numa coisa dessas? Mulheres! Inútil tentar entendê-las.

Relaxando um pouco, Jack pôs-se a admirar a maneira como ela franzia de leve a testa enquanto trabalhava. Adorava observar Lori desenhando. O modo como o braço dela se movia, a forma como ela mordida o lábio quando analisava seus traçados... Como Justin fora capaz de não incentivá-la a se dedicar à pintura e ao desenho, se ela amava e tinha um enorme talento para a arte?

Se Lori fosse sua mulher, ele iria... Não, não tinha por que pensar nessa hipótese. Lorelei Dupree não era sua. Nunca seria. A ele só restava a ideia de saborear o delicado corpo dela para depois guardá-lo na memória. Uma recordação agridoce, que ele haveria de trazer na mente e no coração até o dia em que algum inimigo lhe tirasse a vida.

Por fim, ela largou o bastão de carvão sobre o colo e, erguendo o esboço, comparou-o à cena real.

— Perfeito — disse baixinho. — Consegui.

Ele gostaria tanto de poder dizer o mesmo...

Pondo-se em pé, Lori deixou o bloco de papel e o carvão sobre a escrivaninha do capitão e cuidou de recolocar a poltrona no lugar. De volta à escrivaninha, apoiou as mãos sobre o tampo de madeira para admirar o resultado de seus esforços. Valera a pena tanto sacrifício, o esboço ficara realmente bom.

— Parabéns! A semelhança é mesmo impressionante.

Ela sentiu o sangue gelar. E quando recuperou a fala, conseguiu dizer somente:

— Você estava acordado...

— O tempo todo.

Lori relutou em virar-se para enfrentá-lo. Quando o fez, deparou com Jack parado à sua frente... completamente nu. Com um grito abafado, ela voltou o rosto para a porta.

— Não tenha medo de mim, Lorelei. Não vou machucá-la.

— Você está nu.

— É verdade.

— Quer fazer o fazer de vestir alguma coisa, pelo amor de Deus?

Jack correu o dedo ao longo da nuca de sua sereia. Lori sentiu arrepios pelo corpo inteirinho e, no instante seguinte, seus mamilos estavam enrijecidos.

— Vire o rosto para mim, Lorelei. Olhe-me.

Como se não tivesse vontade própria, ela obedeceu, porém manteve o olhar nos olhos dele. Tomando-lhe a mão, Jack colocou-a sobre seu peito. Ao sentir o coração dele pulsando num ritmo louco, Lori experimentou uma onda de fogo acometê-la da cabeça aos pés.

— Quero fazer amor com você. — Jack baixou a cabeça até que seus lábios quase se encostassem aos dela. — Quero senti-la junto de mim e tocar seu corpo inteirinho.

Então ele a beijou. Quentes e úmidos, seus lábios tomaram os dela num beijo ardente e possessivo, mas também doce e insinuante.

Lori abraçou-o com força. Sentia as mãos deles às suas costas, desfazendo os laços que prendiam o vestido. Sabia que deveria detê-lo, mas não conseguia fazê-lo. Não queria que ele parasse.

Jack levantou-lhe as saias. Ela estremeceu, ainda correspondendo ao ardor do beijo, então ouviu o farfalhar das anáguas escorregando por suas pernas até lhe caírem sobre os pés. Ele levou as mãos aos seus quadris, e Lori ofegou à estranha sensação provocada pelo carinho de um homem naquela parte de seu corpo.

— Não deixarei que fuja de mim esta noite — ele murmurou ao seu ouvido.

O vestido creme deslizou para o chão.

Lori assustou-se ao ver-se diante dele usando apenas a calcinha e o corpete. Queria correr dali, queria arrancar as peças que pareciam sufocá-la. Queria que ele a possuísse e pronto. Contra todos os argumentos, contra toda a sensatez, queria que Jack a fizesse dele naquela noite.

Tomando-a nos braços, ele a carregou para a cama.

— Jack, eu...

— Shh, esqueça de tudo. — Ele deitou-a suavemente sobre as cobertas. — Esta noite, só existimos nós dois.

Jack levou os lábios a um ponto abaixo do lóbulo da orelha dela, e Lori gemeu de prazer. Como ele era capaz de lhe provocar um desejo tão intenso, tão incontrolável? A urgência em aplacar o ardor que a consumia a fez correr as mãos pelas costas largas, onde os músculos se ondulavam sob suas palmas.

Com gestos impacientes, Jack despiu-a do restante da roupa. Quando pousou os olhos sobre os seios roliços, um gemido escapou-lhe da garganta.

— Você é tão bonita... É linda por inteiro — disse baixinho, antes de tomar um mamilo entre os lábios para afagá-lo com a ponta da língua.

Enterrando os dedos entre os cabelos cor de mel, Lori gemeu apaixonadamente até ele voltar a lhe beijar os lábios. E agarrou-se ao peito forte ao sentir Jack acomodar o corpo sobre o seu, colocando uma perna entre suas coxas para apartá-las.

Sentiu-o quente e pulsante de encontro ao coração da sua feminilidade. Fechando os olhos, ouviu-o murmurar:

— Quero você como nunca quis outra mulher... Só Deus sabe o esforço que tenho de fazer para não... — Ele segurou-lhe o rosto com uma das mãos. — Ah, sereia, não quero machucá-la.

Emocionada com o gesto de cuidado, Lori beijou-lhe os lábios de leve. Pouco depois, sentia todo o peso do corpo de Jack sobre o seu, estranhando a sensação de ter o quadril dele entre suas roxas. Mas aquele era o seu Jack. Seu pirata e seu...

Amante. Aquela noite iria transformá-la para sempre. Jamais voltaria a ser a mesma garota inocente que ele havia capturado na taverna. Depois daqueles momentos nos braços de Jack, seria uma mulher em todos os sentidos da palavra. Embora isso devesse horrorizá-la, estava tranquila e confiante como nunca. Queria que fosse Jack Rhys o homem a lhe ensinar os detalhes íntimos do ato de amar.

— Vou tentar me controlar, está bem? — ele prometeu.

E não a decepcionou. Depois de lhe morder de leve os lábios, pôs-se a lhe afagar o corpo inteirinho, concentrando-se em regiões que Lori nunca imaginara serem tão sensíveis às mãos atrevidas de um homem. Com a boca, Jack incendiou-lhe os seios, o ventre, as coxas, os pés. E quando lhe beijou o sexo, ela teve certeza de nenhuma outra delícia do mundo poderia igualar-se ao prazer que acabara de experimentar.

Jack então voltou a se acomodar sobre ela, encaixando-se entre suas coxas. Com o corpo trêmulo de desejo, forçou o púbis de Lori para baixo e, munido de toda a calma que conseguiu reunir naquelas circunstâncias, penetrou-a aos poucos, mas profundamente. A dor a fez contrair-se.

— Desculpe, querida — murmurou-lhe ao ouvido, afagando o rosto dela. — Quer que eu pare?

Em resposta, Lori respirou fundo e tentou ajustar sua intimidade ao redor dele. No momento seguinte, encantou-se com a sensação de tê-lo plenamente dentro de si. Estavam unidos de verdade, seus corpos como um só corpo. Isso lhe trouxe imensa satisfação.

— Se doer demais, diga-me e eu pararei.

Olhando nos olhos azuis, ela teve vontade de gritar de tanta alegria: se Jack se importava com seu bem-estar, então podia imaginar que significasse alguma coisa para ele. Não era apenas mais uma mulher que o capitão levava para a cama.

Lori acariciou-lhe os cabelos, depois levou o dedo à argola de ouro na orelha dele e sorriu.

— Estou bem, acredite. A dor já passou.

Com a certeza de que se achava às portas do paraíso, Jack começou a mover-se dentro dela.

Algum tempo depois, após fazerem amor pela segunda vez, Lori enxugou-lhe o suor do rosto com a mão antes de roçar os lábios nos dele e dizer:

— Eu nunca poderia imaginar que fosse assim tão bom.

Mas Jack voltou a surpreendê-la: em vez do presunçoso convencimento que esperava do pirata naquelas circunstâncias, ele lhe pareceu envergonhado.

— Jack?

A surpresa foi ainda maior quando, depois de agradecer, ele deixou-a sozinha na cama e, sem dizer nada, foi até a arca, de onde tirou roupas limpas e pôs-se a vesti-las.

Franzindo a testa, Lori cobriu-se com a colcha e sentou-se na cama. O que estava se passando? Presumira que, depois do que acabara de acontecer, Jack fosse estar radiante, cantando vitórias por tê-la enfim seduzido. No entanto, ele agia como se entrasse numa taverna atulhada de oficiais britânicos.

— Jack, o que houve?

Ele continuou em silêncio, sem ao menos lhe dirigir um olhar. E foi assim calado que deixou o camarote.

Ao chegar ao convés, Jack correu as mãos pelos cabelos enquanto se amaldiçoava pelo miserável que era.

Pensara que possuir Lori fosse fazê-lo sentir-se melhor. Que pelo menos saciasse o fogo incontrollável que, nas últimas semanas, incendiava-lhe o corpo e a alma. Nada disso acontecera. Pelo contrário, agora se odiava um pouco mais pelo que acabara de fazer.

Por que fizera aquilo? Por vingança?

Fizera por ele.

Sentando-se ao abrigo sob um balaústre, apoiou a cabeça entre as mãos. Não era diferente dos malditos bastardos que pagavam mais pelas mocinhas virgens que pisavam pela primeira vez no bordel.

Logo ele, que até então sempre tomara todo o cuidado de nunca roubar a inocência de uma jovem...

— Jack?

Erguendo o olhar, ele viu Lori parada à sua frente, a claridade do luar a lhe iluminar o rosto pálido. Sua pequena sereia parecia um anjo. Um anjo que por certo o odiava mais do que tudo na vida. E ele bem que merecia todo esse ódio.

Mas o pior de tudo era que ainda a desejava. Mesmo depois de possuí-la por duas vezes em seguida, não estava satisfeito. Bastava vê-la, e seu corpo começava a se inquietar.

— O que veio fazer aqui fora? — perguntou a ela.

— Fiquei preocupada com você.

Jack teve vontade de pendurar-se numa forca.

Ajoelhando-se diante dele, Lori afastou-lhe uma mecha de cabelos do rosto. O gesto de ternura o fez estremecer. Não se lembrava da última vez em que uma mulher o tocara tão doce e suavemente e, sem pensar no que fazia, apoiou o rosto de encontro à palma dela. Se fechasse os olhos, talvez pudesse imaginar ser outro alguém. Poderia imaginar que...

Mas não era outra pessoa. Era Jack Rhys. Pirata. Contrabandista. Procurado pelas autoridades. Nada tinha a oferecer a Lori. Nem mesmo ele próprio.

— Por que não conversa um pouco comigo? Por que não me diz por que está tão preocupado?

Ele riu com amargura.

— Você parece Morgan falando.

— O homem que estava no navio perto do galeão espanhol?

— Ele mesmo. Você chegou a ver Morgan na noite em que a raptei. Foi ele quem nos seguiu do convés ao tombadilho inferior, tentando me convencer a levá-la de volta. — Inclinando a cabeça para trás, Jack mirou as estrelas. — Eu devia tê-lo escutado.

Lori sentou-se ao lado dele.

— Jack, você não fez o que acabamos de fazer sozinho. Eu tive minha parcela de responsabilidade.

— Não teve, não. Você era inocente e estava curiosa. Eu me aproveitei da situação.

Após alguns instantes de silêncio, Lori disse num tom quase surpreso:

— Suas palavras me fazem pensar que, apesar de tudo, você tem consciência e ela está lhe pesando.

— Espantoso, não? Olhe, Lori, não mereço que você me trate assim. Eu fiz jus ao seu ódio, não à sua ternura.

— Talvez, algumas semanas atrás, isso fosse verdade. — Ela tomou-lhe a mão na sua. — Você não merece o ódio de ninguém, mas é bom que se sinta responsável vez por outra.

— Ah, Deus... — Jack apertou a mão dela. — Você não me conhece, não faz ideia do que seja estar dentro de mim.

— Por que não me conta como é?

Pela primeira vez na vida, ele teve vontade de conversar a sério com alguém. De revelar o que trazia no peito, de desabafar as angústias que viviam a atormentá-lo.

Num gesto impulsivo, trouxe Lori para junto de si, ajeitou-a entre seus joelhos e, deitando o rosto à parte posterior da cabeça dela, abraçou-a com força. Quando enfim falou, sua voz era pouco mais do que um murmúrio:

— Eu nunca quis ser capitão de navio.

Resistindo à vontade de olhar nos olhos dele, Lori perguntou no mesmo tom:

— E como acabou no comando de um navio-pirata?

— Depois que Robert Dreck se aposentou, a tripulação dele me elegeram para o posto.

— Mas parece que você gosta de comandar uma embarcação. E faz isso muito bem.

— Talvez. Mesmo assim, eu gostava de ser contramestre. De qualquer modo, conduzi a tripulação do navio à vitória várias vezes quando Robert estava ferido. E eles por certo torceriam meu pescoço se eu me recusasse a substituí-lo.

— Isso é terrível.

— Os piratas geralmente são terríveis.

Reclinando a cabeça de encontro ao ombro dele, Lori respirou fundo antes de observar:

— Você não é terrível.

— Não se iluda. Posso lhe assegurar que mereço a reputação que tenho.

— Não, não merece. Li várias anotações suas no seu diário de bordo. Você pagou para que espalhassem essas histórias por aí.

— Fiz isso, sim, mas também cometi uma série de delitos graves. Inclusive assassinato.

Afastando-se um pouco dele, Lori virou-se para encará-lo.

— Você matou alguém a sangue frio?

Com tristeza e arrependimento nos olhos, Jack balançou a cabeça num sinal afirmativo.

— Por que fez isso?

— Ele tinha matado minha mãe.

— Meu Deus! Como uma coisa dessas foi acontecer?

Jack ficou calado por alguns instantes. Depois, como se não conseguisse mais se controlar, revelou:

— Ele era dono do bordel onde minha mãe fora trabalhar fazendo limpeza. Quando eu tinha cerca de oito anos, ela me vendeu para o patrão pelo preço de um par de sapatos antes de fugir com um marinheiro.

Lori percebeu que uma emoção indômita parecia vazar por todos os poros dele. Que outros horrores mais haveria no íntimo daquele homem?

— Quatro anos depois, minha mãe reapareceu. Baxter aceitou- a de volta no bordel e, embora a vida que levava tivesse feito estragos irreversíveis à beleza de minha mãe, ele resolveu cobiçar a empregadinha. Na noite em que, mesmo embriagada, ela resistiu às investidas dele, Baxter a matou.

— E, para vingar-se, você tirou a vida dele?

— Não. Naquele tempo, eu tinha muito medo de Baxter. Tudo o que fiz foi levar o corpo de minha mãe para fora e enterrá-la num lugar reservado às prostitutas mortas.

— Oh, Jack! Sinto muito, muito...

— Não fique assim. Afinal, eu sobrevivi.

Lori percebeu que, apesar de ter os olhos marejados, ele fazia força para não chorar. Era verdade, Jack Rhys havia sobrevivido. O coração dele, entretanto, talvez não tivesse experimentado da mesma sorte. A própria mãe e o que ela lhe fizera talvez houvessem se encarregado de destruir grande parte dos sentimentos que antes habitavam ali.

Embora o assunto fosse mais do que penoso, Lori julgou que tinha o direito de conhecê-lo por inteiro, por isso perguntou:

— Quando foi que você matou Baxter?

— Dois anos mais tarde. Eu estava limpando um dos quartos quando uma nova menina foi entregue ao bordel. A pobrezinha não devia ter mais de doze anos, e Baxter levou-a para o salão onde costumava examinar suas mercadorias. Pouco depois, ouvi a menina gritar, implorando misericórdia. Como o bastardo perverso que era, Baxter apenas ria. E então eu o ouvi espancar a mocinha.

— Oh!

— A fúria explodiu dentro de mim. E, quando a consciência me voltou, Baxter jazia morto aos meus pés. Acho que foram os gritos da menina que me fizeram retornar à razão... Seja como for, larguei a pistola dele no chão, fugi dali e me enfiei no primeiro navio que vi ancorado no porto.

— Não foi um assassinato frio e premeditado, Jack. A fúria cegou seus sentidos. E você salvou a vida de uma menina indefesa.

— Não é assim que a lei me vê. Aos olhos da Justiça, sou um escravo que matou seu amo. Nenhum tribunal irá me absolver desse crime.

Lori sabia que ele estava certo, mas de que importava a lei? Jack Rhys não era o que diziam dele, não era um bandido calculista e perverso, não era um homem sem coração.

Ele olhou para os dedos que Lori entrelaçara aos seus, depois os levou até os lábios e os beijou.

— Você não faz ideia do número de mulheres, incluindo minha mãe, que vi destruídas por homens como Baxter e meu pai. E hoje, pela primeira vez na vida, percebi que não sou melhor do que um ou outro.

— Isso não é verdade.

— Não é verdade? Nós dois sabemos que arruinei sua vida esta noite, Lori. Justin não irá querer você por esposa quando souber.

Suspirando, ela olhou para o mar. Aquele era um assunto com o qual não pretendia se ocupar no momento. Por enquanto, ainda não fazia a menor ideia de como revelar ao noivo o que acontecera a bordo daquele navio.

— Justin não vai ficar nada contente — comentou, sem saber muito bem o que dizer.

— Você está sendo ingênua.

— Pode ser, mas conheço Justin desde quando éramos crianças e sei que ele irá honrar o compromisso que tem para comigo.

— Ainda pretende casar-se com ele?

Lori analisou a questão. Casar com Justin seria a coisa mais sensata a fazer, pois ninguém ousaria desmerecer a esposa de um Wallingford. No entanto, isso não seria justo para com ele. Nem para consigo mesma.

— Não posso mais me casar com ele. Justin iria tomar para si toda a responsabilidade pelo que houve, já que foi dele o malfadado plano para capturarmos você. Ele iria carregar essa culpa pelo resto de seus dias.

— Duvido.

— Não duvide, não. Conheço Justin, sei o que digo.

Depois de observá-la por um breve momento, Jack indagou:

— E o que será de você?

— Não se preocupe comigo. — Ela deu um sorriso confiante. — Tenho um pai que me ama e, juntos, seremos capazes de enfrentar qualquer escândalo que possa advir de tudo isso.

— Eu nunca deveria ter possuído você...

O remorso de Jack a exasperava e, tornando a suspirar, Lori ergueu os olhos para as estrelas. Foi então que fez uma descoberta tão surpreendente quanto apavorante: estava apaixonada por Jack Rhys. Completa e perdidamente apaixonada pelo pirata que a raptara.

A constatação deixou-a petrificada. No instante seguinte, porém, viu que não tinha por que se aterrorizar, pois, apesar de quaisquer delitos que houvesse praticado, ele tinha um coração bom, doce, generoso.

Preocupava-se com ela e com seu bem-estar. Temia ter lhe causado algum mal irreparável.

Somente uma dúvida a fazia sofrer naquele momento: um homem que passara pelas atrocidades que Jack tivera de suportar aceitaria o que ela tinha a lhe oferecer? Ah, precisava encontrar o caminho para chegar ao coração dele. Precisava mostrar-lhe que ele era digno de ser amado. Que ela o amava e queria vê-lo feliz.

Lori escorregou para o chão e descansou a cabeça sobre os joelhos dele. Ao fechar os olhos, pensando em tudo o que acabara de ouvir, atinou para um detalhe que lhe escapara até então.

— Se bem entendi, você sabe quem é seu pai, não sabe?

— Por que pergunta?

— Você disse que sua mãe e outras mulheres tiveram a vida destruída por homens como o tal Baxter e seu pai.

— Sim. Eu sei quem é meu pai.

— Mas então... Por que você não buscou a proteção dele quando ela morreu?

— Não foi preciso ir ao encontro dele. Ele apareceu no bordel uma noite, pouco depois da morte de minha mãe.

— Ele foi socorrê-lo?

Jack deu uma risada triste. Queria encerrar aquele assunto antes que dissesse alguma coisa que não devia, mas não foi capaz de se conter:

— Talvez ele nem imaginasse que eu fosse seu filho, mas eu o reconheci assim que o vi. Como esquecer o rosto de alguém a quem cheguei a venerar? Alguém que estivera ao meu lado noite e dia, o homem a quem eu escolhera como modelo?

Lori estava estupefata. Jack havia dedicado ao pai o mesmo amor que ela sentia por sir Charles. Mas o que poderia ter havido entre ambos para que um vínculo tão profundo assim se rompesse? Mesmo temendo a resposta, ergueu a cabeça para olhá-lo e ousou perguntar:

— O que ele fez?

— Eu lhe implorei por uma moeda de ouro para que pudesse comprar minha liberdade. E ele me disse que não o importunasse, que o deixasse em paz. E quando me coloquei de joelhos para suplicar sua

ajuda, ele se pôs a me chutar como se eu fosse um cão prestes a urinar em suas botas lustrosas.

Lágrimas presas na garganta fizeram Lori engasgar, a dor que via nos olhos de Jack roubava-lhe o fôlego. Santo Deus, como uma pobre criança desamparada pudera resistir a tantos horrores, a tantas brutalidades?

Sabendo que lágrimas não iriam ajudá-lo naquele momento, ela limpou os olhos com as costas das mãos. Jack Rhys era hoje um homem forte e íntegro que sobrevivera a todas as adversidades que a vida lhe reservara. Não era de sua fraqueza que ele necessitava, e sim do seu apoio e da sua compreensão.

Lori voltou a sentar-se ao lado dele, pois assim poderia lhe tomar o rosto entre as mãos. Jack passou o rosto pelas palmas dela, depois a tomou nos braços, estreitando-a junto a si. Num convite mudo, Lori entreabriu os lábios, esperando que ele os tomasse num beijo.

Foi o que Jack fez.

Ao final do beijo apaixonado, ele murmurou-lhe de encontro ao ouvido:

— “Posso comparar-te a um dia de verão? Tu és mais suave e graciosa; ventos ásperos ferem os adoráveis botões de maio, e os sinais do verão têm uma vida tão passageira”.

Enternecida pelo poema, ela sorriu. Depois se utilizou do mesmo tom que ele usara para convidar:

— Venha para a cama comigo, Jack.

No mesmo instante, ele se pôs em pé, tomou-a nos braços e rumou para o seu camarote. Deteve-se somente diante da porta e, antes de abri-la, observou com um sorriso maroto:

— Você é mesmo muito talentosa, pois o esboço em carvão ficou extremamente parecido comigo. No entanto, creio que há alguns detalhes da minha anatomia que ainda não conhece muito bem e, se permitir, eu gostaria de...

Rindo, Lori o interrompeu:

— Você é maravilhoso, e eu lhe permito tudo o que desejar.

— Eu poderia devorá-la...

— Faça isso, sim?

Bem mais tarde, deitada no calor dos braços de Jack, Lori ergueu a cabeça para olhá-lo e viu que ele enfim adormecera. Ela suspirou. Havia muito não se sentia tão feliz e satisfeita. Aprendera muito sobre Jack Rhys naquela noite, mas talvez tivesse aprendido ainda mais a respeito de si mesma.

“Irei fazer com que você me ame, Jack”, jurou em silêncio. “Farei tudo o que for preciso para que você seja meu”.

Jack despertou ao perfume de sândalo e rosas. Por um instante, julgou sonhar que era sua pequena sereia quem estava ali, com o corpo colado ao dele.

Não era sonho.

A manhã era tão real quanto o fora a noite anterior. Sem resistir ao impulso, ele levou a mão aos longos cabelos castanhos espalhados sobre seu peito. Lori ainda dormia, os seios de encontro à lateral do seu tórax. E ficava tão linda assim, adormecida em seus braços... Ele nunca acordara com uma mulher em sua cama, muito menos com uma bela mulher aninhada junto de si.

Gostou daquilo. Muito.

Suspirando, passou o dedo de leve pelo rosto dela. Ainda se lembrava de como era beijar-lhe o corpo inteirinho. De como era penetrá-la pouco a pouco para depois experimentar um prazer indiscutível, que o fizera ver estrelas mesmo de olhos fechados.

Através das escotilhas abertas, ouviu o ruído da tripulação que cuidava de seus afazeres diários. Parecia passar do meio-dia, e ela devia estar pelo navio, desempenhando suas funções como comandante daquela embarcação. Só que não tinha a menor vontade de deixar o abraço de Lori. O que queria mesmo era repetir tudo o que...

Alguém bateu à porta do camarote.

Praguejando baixinho, Jack escorregou dos braços de Lori e foi até a porta.

Era Tarik quem chamara por ele.

— Uma tempestade está se formando não muito longe daqui, capitão.

— Dê-me alguns minutos. Já vou subir.

— Estarei no convés.

Jack fechou a porta e caminhava em direção à cama quando Lori perguntou-lhe:

— Algum problema?

Deteve-se para admirá-la. Ela segurava a colcha de encontro aos seios e tinha os cabelos revoltos pelo sono. Jack nunca vira nada mais sedutor. Nem mais convidativo.

O que era mesmo que ela perguntara?

— Perdão — Jack desculpou-se, enquanto apanhava a calça que deixara aos pés da cama. — Acho que não ouvi sua pergunta.

— Perguntei se havia algum problema.

— Não, não. — Ele deu laço ao cordão no cós da calça. — Parece que um temporal se aproxima, mas imagino que seja coisa passageira.

Assim que ele se sentou na beirada da cama para calçar as botas, Lori colocou-se às suas costas e passou-lhe os braços ao redor da cintura. Ao sentir os seios dela em sua pele nua, ele pensou em voltar a tirar a roupa.

— Não estou arrependida pelo que houve na noite passada, Jack. Nem quero que você se arrependa do que nós dois fizemos.

Levando uma das mãos para trás, ele lhe afagou o rosto.

— Rezo para que você não sofra pelo que aconteceu entre nós. — Jack pôs-se em pé. — Isto não é uma brincadeira, Lori. Muitas mulheres são surradas, encarceradas ou mortas por não serem castas.

— Eu sei. — No entanto, ela riu. — Minha avó me instruiu direitinho sobre o que pode acontecer a uma mulher que deixa sua paixão vir à tona. Não se preocupe, eu ficarei bem. E se tiver de sofrer, terá valido a pena.

Com o nó dos dedos, Jack lhe traçou o contorno do rosto. Era impossível resistir a alguém como ela. Lorelei Dupree era como um encanto que tivesse lhe acalmado a alma tão sofrida.

— Capitão! — alguém gritou lá no convés.

Relutante, ele pegou a camisa e foi para a porta. Mas não esqueceu de atirar um beijo à sua sereia antes de sair.

À medida que a tarde avançava, Jack se apressava com as precauções contra o temporal que se formava em alto-mar. Quando o céu ficou escuro como chumbo, ele não viu escolha melhor a não ser pedir a Lori que fosse buscar abrigo na parte inferior do navio.

E agora lá estava ela na cozinha, ajudando as mulheres a preparar as refeições dos próximos dias.

— Se a chuva for muito forte, ficaremos sem a luz das lamparinas esta noite — disse-lhe Mavis num dado instante. — É para evitar riscos de incêndio.

Kit entrou na cozinha trazendo uma trouxa de roupas. Colocou-as sobre a mesa, ao lado de Lori, depois explicou:

— O capitão mandou dizer que você vai precisar disto.

Antes que ela pudesse perguntar alguma coisa, Alice esclareceu:

— Esqueci de lhe dizer que, quando há temporais, usamos calças em vez de saias. É para o caso de o navio vir a naufragar. As saias atrapalham nossos movimentos dentro d'água.

O susto foi tamanho que Lori deixou cair a batata que descascava.

— O quê?!

Alice apanhou a batata que rolava pela mesa e devolveu-a a Lori, cuidando de tranquilizá-la:

— Precaução e caldo quente não fazem mal a ninguém. — A moça bateu três vezes no tampo de madeira.

A tarde transcorreu sem maiores incidentes, e quando a noitinha chegou, trazendo uma chuva torrencial, as mulheres foram trocar de roupa enquanto os marinheiros tomavam as últimas providências.

Se a chuva a princípio era forte, uma hora mais tarde açoitava o navio impiedosamente. Lori evitava prestar atenção aos raios e trovões; tudo o que queria era ir ao encontro de Jack e buscar um pouco de conforto entre seus braços fortes. Mas ele e Tarik mantinham-se na parte superior da embarcação, enquanto ela e Kesi, trancadas na cabine de Kesi, faziam de tudo para não pensar no perigo que seus homens corriam.

Como não pudessem contar com a claridade das lamparinas, como Mavis previra, as duas encontravam-se em meio a uma escuridão que somente o fulgor dos relâmpagos ousava devassar. Sentadas sobre tarimbos, agarravam-se nos trilhos cravados ao longo das paredes da cabine e que serviam exatamente para situações como aquela.

— Será que vai demorar muito para passar? — Lori perguntou.

— Tomara que não. Ah, odeio temporais!

— Eu também. — Sabendo que acabaria maluca se não encontrasse algum assunto para distraí-la da tempestade, Lori indagou: — Faz tempo que você conhece Jack?

— Deixe-me ver... Uns oito, nove anos.

— E ele já lhe contou alguma coisa sobre os pais?

— Contou que a mãe morreu. Do pai, ele nunca falou.

Ah, Deus, Kesi escolhera justamente um momento como aquele para não sentir vontade de conversar?

— E Morgan? — insistiu Lori, lembrando que Jack havia lhe dito que o navio do amigo continuava a navegar nas proximidades do seu. — Eles são bastante chegados, não são?

Como a pontuar suas palavras, um grande raio riscou o céu. O estrondo do trovão que o seguiu pareceu chacoalhar o barco de ponta a ponta.

— Você quer a verdade ou quer saber a história que eles dois contam? — perguntou Kesi.

— Ambas.

— Bem, criança, se indagar a qualquer um deles a respeito desse assunto, tanto um quanto outro irão lhe dizer a mesma coisa: que Jack capturou o navio de Morgan e já tinha a espada rente ao pescoço dele quando percebeu que Morgan era um rapaz de extrema coragem, pois não vacilava nem perante a morte; por esse motivo, Jack poupou-lhe a vida e convidou-o a navegar em sua companhia.

— E a verdade?

— Morgan saltou do navio para escapar da Marinha Britânica, mas foi perseguido por alguns oficiais que o reconheceram em terra firme; ele corria por um beco quando trombou com Jack, que acabara de sair de uma taverna. Imaginando ter sido atacado por um malandro, Jack

sacou da espada; foi então que viu os ingleses e logo concluiu que seria mais interessante gastar suas energias com eles do que com um embusteiro qualquer. Juntos, Jack e Morgan enfrentaram os ingleses e os puseram para correr; Jack ficou eufórico com o resultado do confronto e perguntou a Morgan se ele gostaria de navegar conosco.

— E Morgan queria ser pirata?

— De forma alguma. Mas Jack sempre dá um jeito de arrancar o que quer das pessoas.

— Percebi.

— Ora, criança, você não pode culpar uma flor por atrair abelhas. Jack é encantador e carismático por natureza.

— Kesi, você acha que...

Lori calou-se, assustada com o relâmpago que deixara o céu tão claro como se fosse dia, e mais ainda com o estrépito do trovão ensurdecedor que se seguira ao impressionante lampejo. Sacudido pela fúria dos elementos, o navio deu a impressão de que iria adernar, depois, com mais um forte solavanco, voltou à posição horizontal.

Quando tudo parecia um pouquinho mais calmo, um alvoroço de vozes ecoou pelo convés. Uma delas anunciava:

— O navio está em chamas!

Capítulo XIII

Molhado até os ossos, furioso até o último fio de cabelo, Jack via o fogo consumir a vela-mestra de seu navio. Rangendo os dentes, amaldiçoou a própria sorte. Não havia como apagar aquele incêndio, não na rapidez com que se propagava. O peso da derrota o fez curvar os ombros.

O navio, seu navio, estava perdido.

— Quem imaginaria que, sob um temporal destes, o fogo pudesse nos consumir! — gritou Tarik, arrancando o encerado dos três botes a remo a fim de prepará-los para que pudessem fugir das chamas.

Apesar das circunstâncias, todos tentavam manter a calma. Os botes foram lançados à lateral do navio, depois a tripulação pôs-se a descer por cordas para tomar seus lugares no interior das frágeis embarcações. O barulho da chuva tempestuosa e o ciciar do fogo eram os únicos ruídos a pairar pelo ar. Ninguém gritava nem demonstrava desespero. A cena fazia lembrar um sonho confuso.

Jack voltou-se para Tarik:

— Esse incêndio vai devorar todo o navio.

Morgan, que navegava pelas imediações, veria o fogo e por certo presumiria o que se passara, e a tripulação de sua embarcação, o *Roseanna*, iria se encarregar de recolher os náufragos. Por sorte, não estavam tão longe da ilha.

— Capitão! Jack virou-se e viu Kit correndo em sua direção. Ao alcançá-lo, o menino atirou-se em seus braços com tanta força que ambos quase foram ao chão. Jack estreitou-o junto ao peito, depois o lançou sobre um dos ombros para carregá-lo até a amurada e dali o fez descer até maior dos botes, onde Alice, Billy e outros marinheiros já o esperavam.

— Cuidem de ficar juntos, vocês três — disse Jack.

— E você? — perguntou Kit.

— Tenho de providenciar para que todos deixem o navio.

Antes que o garoto pudesse protestar, Billy e os demais tomaram os remos nas mãos e, em meio às águas revoltas, o pequeno barco começou a se afastar da embarcação principal.

Jack esperou que o bote sumisse de seus olhos em meio ao aguaceiro, então voltou sua atenção à Tarik, que se encarregava de acomodar mais uma leva de passageiros no segundo bote.

— Você e Kesi vão nesse. Eu irei no outro.

Tarik não o contrariou.

Branca como cera, Lori estava ao lado de Kesi no convés.

— Vai dar tudo certo — Jack disse-lhe. — Temos três botes grandes e sessenta e cinco tripulantes. Ficaremos apertados, mas há lugar para todos.

Lori meneou a cabeça em sinal de assentimento. Mas todas as vezes em que Jack a encorajava a descer para o bote, ela se recusava terminantemente, usando sempre o mesmo argumento:

— Só irei quando você vier comigo.

Quando não havia mais ninguém por ali, Jack e Lori prepararam-se para descer ao último bote. Instantes depois, enquanto ela se acomodava entre outros membros da tripulação, ele virou-se para olhar pela última vez para seu adorado navio. As chamas, que já haviam devorado boa parte das velas e do cordame, agora investiam furiosamente contra o tombadilho superior.

— Ufa! — suspirou Merrimen, um dos timoneiros, ao tomar um par de remos nas mãos. — O inferno não deve ser muito diferente disto.

Assim que saltou para o bote, Jack viu Peter, um de seus carpinteiros, olhar ao redor antes de perguntar:

— Alguém sabe de Emie?

Jack sentiu-se gelar.

— O que houve com ele?

— Emie tinha desmaiado e foi levado para sua cabine quando...

— Ninguém se ocupou em saber se ele havia melhorado? Se estava bem? — vociferou Jack, furioso com aquele descuido.

— Nem eu nem ninguém do meu grupo sabíamos disso, capitão — Merrimen tentou se justificar.

Antes que pudesse decidir o que fazer, Jack ouviu gritos que vinham do convés. E ergueu os olhos a tempo de ver Emie, envolto por uma nuvem de fogo, saltar da amurada para as ondas encrespadas. Quase no mesmo instante, ele também se atirou no mar ao socorro de seu subordinado.

— Jack! — gritou Lori, pondo-se em pé.

— Sente-se! — Peter a repreendeu. — Você vai fazer o bote virar.

Com o coração a lhe martelar as costelas, ela estreitou os olhos e ficou a vasculhar as ondas à busca dos dois homens.

— Precisamos voltar para junto do navio. Precisamos resgatá-los.

— Isso seria loucura — devolveu Peter, que, como os demais, continuava a remar. — Aquele navio está cheio de pólvora e não deve demorar a explodir. Quanto mais longe estivermos dele, melhor para nós.

— Mas... E Jack? — ela indagou, surpresa ao ver que o deixavam para trás sem ao menos vacilar.

— O capitão sabe nadar e sabe como sobreviver — disse Merrimen.

— Agora se sente aí, ou vou eu mesmo atirá-la ao mar.

Não foi preciso: assim que ele terminou de falar, Lori saltou para o oceano escuro e pôs-se a nadar na direção em que vira Jack submergir.

A força das águas encapeladas parecia inexpugnável. Lori esforçava-se para manter a cabeça acima da superfície, mas cada onda parecia ser maior do que a anterior, e não demorou muito para ela tivesse a certeza de que estava prestes a se afogar. Não tinha mais nenhum senso de direção e não conseguiria ver nada que pudesse lhe indicar onde se achavam os botes ou os dois homens a quem buscava.

Deus do céu... O que tinha feito?

Tomada pelo pânico, Lori estava a ponto de se resignar ao inevitável quando sentiu uma mão lhe agarrar o braço.

— O que está fazendo aqui? — gritou Jack.

O alívio foi tamanho que ela quase riu.

— Procurando por você.

Sem mais uma palavra, Jack passou-lhe o braço ao redor do peito e pôs-se a nadar, levando-a consigo enquanto avançava de volta ao bote de onde ela saltara.

Foi quando um estrondo ensurdecedor veio se misturar à fúria do temporal.

— Respire fundo! — ele berrou.

Lori mal teve tempo para encher os pulmões de ar. No instante seguinte, sentiu-se puxada com força para baixo, em direção às águas profundas do mar.

Ela se desesperou. Tentou livrar-se de Jack, mas foi impossível. Abriu os olhos, e viu somente a escuridão. As águas frias que a engolfavam pressionavam-lhe a cabeça e o corpo, e essa sensação era asfixiante, aterradora. Tinha a impressão de que seus pulmões ardiam e, por um breve momento, pensou que não fosse controlar a vontade de abrir a boca e gritar.

Quase a ponto de desistir da própria vida, percebeu que Jack a puxava para cima. Para cima, para cima... De repente, os dois afloraram à superfície. Antes que seu peito estourasse, ela encheu os pulmões de ar. E tão logo abriu os olhos, viu os inúmeros pedaços de madeira incandescente e destroços de navio ao redor deles. Como Peter havia previsto, a embarcação voara pelos ares.

Jack agarrou a parte de uma viga ao alcance de sua mão e entregou-a a Lori.

— Agarre-se a isto. — E desapareceu.

— Jack? Jack!

Ele não respondeu.

Lori sentiu-se como um graveto atirado de um lado para outro por um vento ensandecido enquanto buscava enxergar, em meio à chuva e à água do mar, algum vislumbre de Jack ou dos botes.

Nada.

Santo Deus, o que faria sem ele? Como haveria de sobreviver à tormenta e ao naufrágio?

Já começava a pensar que não teria salvação quando Jack tornou a reaparecer. Ele trazia um grande pedaço de madeira, provavelmente parte do que antes fora um dos tombadilhos de seu navio. Sem esperar que Lori lhe fizesse qualquer pergunta, ajudou-a a subir na improvisada jangada e depois foi para junto dela.

As ondas continuavam a arremessá-los para lá e para cá e, por algumas vezes, ameaçaram atirá-los de volta ao mar.

— Conseguiu encontrar Emie? — Lori perguntou, quando se sentiu segura entre os braços dele.

— Não. — Ao vê-la ofegar, Jack abraçou-a mais forte ainda.

— Tente ficar calma, sim? Alguém irá nos encontrar tão logo amanheça.

Embora o bom senso lhe dissesse o contrário, Lori achou melhor acreditar nele.

Em algum momento no transcorrer da noite, o temporal começou a amainar. O céu ainda estava escuro demais para que pudessem enxergar ao redor, porém as ondas haviam serenado, e Lori acabou por pegar no sono.

Pela manhã, o sol retornou com força, mas não trouxe sinais do navio de Morgan nem dos botes a remo. Lori não quis perguntar a Jack o que isso significava; estava farta de saber que, sem água doce e comida, não sobreviveriam por muito tempo.

Como se adivinhasse os pensamentos dela, Jack deu-lhe um sorriso encorajador antes de afirmar:

— Eles estão procurando por nós, sim.

— Eu sei. Mas quanto tempo será que levarão até nos encontrarem?— Seria bom se o oceano fosse bem pequeno, não seria?

— Ou se esta jangada fosse do tamanho de uma casa.

Ele riu, e Lori passou a língua pelos lábios ressequidos enquanto esquadrinhava o horizonte com os olhos pela milionésima vez, à procura de um sinal de resgate.

— Você já tinha se visto numa situação como esta? — ela perguntou.

— Não. — Jack também olhava incansavelmente em todas as direções. — Esta é a primeira vez que navego num pedaço de inadeira. Como você bem sabe, não existe um bom pirata sem navio.

— Sinto muito pelo que houve com o seu. De verdade.

Ele a trouxe para junto de si, e os dois deitaram-se, olhos fixos no céu de intenso azul enquanto o pequeno tablado vagava ao sabor da ondulação do mar.

— Estou com muito medo, Jack. Não quero morrer.

Apoiando-se num cotovelo, ele lhe acariciou o rosto pálido.

— Não há com o que se preocupar, Lori. Juro a você que não morreremos aqui.

— Como pode ter tanta certeza?

— Sei onde devo morrer, e não é em alto-mar.

— Como pode saber uma coisa dessas?

Jack desviou o olhar para o horizonte enquanto dizia:

— Tempos atrás, quando eu tinha poucos anos a mais do que Kit, visitei uma pequena ilha. Havia um lugar não muito longe de uma lagoa e, quando me aproximei dali, soube no mesmo instante que aquele era o local onde iria morrer.

Lori franziu as sobrancelhas. Aquilo soava tão estranho nos lábios dele... Jack Rhys era um homem que fazia seu destino, por que haveria de acreditar em superstições?

— Você realmente acredita nisso?

Jack passou o dedo pela testa dela até vê-la relaxar.

— Sei que soa ridículo. Mas Thadeus sempre me dizia que não devemos desafiar nosso destino, e eu sei, no fundo da minha alma, que minha sina é morrer naquele lugar.

— E que lugar é esse?

— Fica na Isla de Las Almas Perdidas.

— Mas não era para lá que estávamos indo?

— Era. Pareceu-me o lugar perfeito para um confronto.

Lori pôs-se sentada.

— Não posso crer numa coisa dessas! Você está tentando me dizer que queria morrer?

— Não, vou apenas cumprir uma profecia. Não pretendo deixar que Wallingford vença. Garanto a você que irei lutar por minha vida com unhas e dentes.

— Mas você não fala como se acreditasse que irá vencer.

— Não me importa vencer, o que desejo é enterrar minha espada no coração de Wallingford.

Ela fechou os olhos, como se isso a ajudasse a entender a situação. Deus do céu, o que o almirante teria feito para que Jack se dispusesse a trocar a própria vida por um gesto de vingança?

— Não consigo entender por que você o odeia tanto assim.

— Nem eu quero que você entenda.

— E você considera esse confronto mais importante do que sua vida?

— Exatamente.

Enquanto ela se afligia, Jack coçava o queixo.

— Como pode dizer isso com tamanha indiferença? Eu não quero vê-lo morto. E o que será do pobre Kit?

— Morgan cuidará de Kit. Já falamos sobre esse assunto.

Lori deu um suspiro exasperado. Era impossível conversar com ele. De todos os homens que conhecia, Jack era o mais teimoso, o único que se recusava a dar ouvidos à lógica e ao bom senso.

Sem a menor disposição para brigar numa situação como aquela, deitou-se junto dele e descansou a cabeça sobre seu peito largo.

As horas passavam lentamente enquanto eles continuavam à deriva sob um sol agora escaldante. Lori tinha adormecido com a cabeça no colo de Jack, e ele lhe afagava os cabelos com suavidade para não acordá-la.

Sua pequena sereia deveria estar em casa, cuidando dos preparativos para o casamento com Justin. E embora ele odiasse imaginá-la ao lado daquele janota com cara de pateta, preferia vê-la casada com o inglesinho a que estivesse perecendo aos poucos sobre um pedaço de navio no meio do mar.

Jack amaldiçoou-se. Jamais deveria tê-la trazido para sua vida. Lori era uma pessoa admirável, não merecia passar um minuto sequer na companhia de um homem como ele. Era estranho, mas olhando-a naquele instante, podia até acreditar no amor. Ou pelo menos querer acreditar. No amor e em que ela pudesse amá-lo.

Esticando o braço, tocou a pequena mão sobre sua coxa. Ela toda era tão delicada, mesmo assim possuía uma força de espírito capaz de esmagá-lo tão facilmente como ele lhe esmagaria os dedos com um aperto de mão.

— Senhor — murmurou, as palavras como espinhos na garganta seca —, sei que não valho nada, mas Lhe peço que poupe a vida dela... Mesmo que na vida dela não haja lugar para mim.

Depois que Lori acordou, quase não se falaram. E quando as estrelas vieram tomar o lugar do sol ardente, aninharam-se um nos braços do outro para enfrentar a aragem fresca da noite, adormecendo por volta da meia-noite.

Lori foi a primeira a despertar ao sol da manhã, a garganta ardendo de tão seca, o estômago a se retorcer de fome. Desejando ter continuado a dormir até perder os sentidos para sempre, ergueu a cabeça para investigar as águas uma vez mais. Através de olhos arranhados e turvos, viu...

Árvores?

Lori pôs-se sentada.

— Jack! — Ela o sacudiu. — Jack, veja... Terra firme!

Ele também se sentou num só movimento e, estudando a ilha para a qual se aproximavam, murmurou entre os dentes:

— Se me contassem, eu não acreditaria... Venha, vamos nadar até lá.

Como já estivessem a pouca distância da praia, não levaram mais do que alguns minutos para chegar à areia e ali se jogaram, deixando que as pequeninas ondas lhes acariciassem o corpo. Terra firme, pensou Lori. Terra firme e muito linda.

Jack foi o primeiro a encontrar forças para se pôr em pé. Lori, ao contrário, deitou-se sobre o ventre para olhá-lo subir numa árvore a poucos metros da praia e, lá do alto, largar dois cocos sobre a vegetação rasteira. A fome e também sua garganta, que doía de tão ressecada, deram-lhe coragem para ir ao encontro dele.

Esfregando a grossa carapaça de um dos frutos, Lori já pensava em perguntar como fariam para comê-lo quando viu Jack tirar um punhal de dentro da bota. E, tão logo ele lhe entregou uma metade, esqueceu que detestava coco e não só tomou toda a água de uma só vez, como se pôs a comer a polpa como se fosse seu prato predileto.

— Agora precisamos achar um córrego e uma caça — disse Jack, assim que terminaram os cocos.

— Sim, água fresca é tudo de que mais preciso.

Ele tocou-lhe o rosto queimado de sol.

— Você precisa também de babosa ou outra planta do tipo para passar na pele. Sabe como recolher ostras?

— Nasci em Charleston, Jack. Como não haveria de saber recolher ostras?

— Ótimo. — Ele lhe entregou o punhal e duas metades de casca de coco. — Consiga algumas ostras para nós enquanto vou procurar água doce.

Por volta do meio-dia haviam se refestelado com ostras, frutos silvestres e uma codorna que Jack conseguira capturar, e agora descansavam à margem do riacho que ele encontrara a menos de um quilômetro da praia. O lugar era muito aprazível, repleto de árvores e flores que cresciam entre a relva.

Junto às águas, onde lavava os cabelos do sal do mar, Lori olhou para ele e sorriu.

— O que foi? — quis saber Jack, deitado de lado sobre a relva, apoiando-se num dos braços.

— Você está parecendo um pirata: todo rasgado e com a barba por fazer. Só faltam o tapa-olho e a perna de pau.

Ele deu uma gargalhada.

— Devo me considerar um afortunado por não trazer no rosto as cicatrizes dos confrontos que já tive. Thadeus dizia que era um milagre ninguém ter acertado uma cabeça como a minha, inchada de tanta teimosia e vaidade.

Lori riu com ele e depois, enquanto torcia os cabelos para livrá-los do excesso de água, perguntou:

— Quem é Thadeus?

O riso morreu na garganta de Jack. Ele então arrancou um talo de grama do chão, pondo-se a enrolá-lo no dedo.

— Thadeus era meu mentor, meu guia, meu conselheiro. O pai que não tive.

— Era um dos homens do bordel?

— Não, não; eu o conheci depois do incidente com Baxter. Quando fugi do bordel, minha intenção era saltar para o primeiro navio-pirata que visse pela frente, pois imaginei que, ao contrário da tripulação de uma embarcação mercante ou naval, os piratas não iriam se importar com o fato de eu ser um foragido da Justiça. E assim que cheguei ao porto, Robert Dreck estava prestes a deixar o cais.

— Robert Dreck? À exceção de você, nunca ouvi ninguém falar dele.

— Isso é porque ele nunca quis a fama. Robert tomou-se pirata com o único propósito de juntar dinheiro; tão logo conseguiu o que queria, aposentou-se e foi desfrutar de sua fortuna.

— E você conheceu Thadeus a bordo do navio de Dreck?

— Isso mesmo. Eu tinha catorze anos e uma revolta sem fim dentro do peito. Talvez por temer confiar num menino cheio de problemas, Robert pediu a Thadeus que cuidasse de mim e me mostrasse o que eu precisasse saber.

— Aposto que ele teve um trabalhão!

— Você nem faz ideia. Mas Thadeus era a paciência em forma humana; até hoje não entendo como não acabou por torcer meu pescoço.

— Por quê?

— Dizer que eu era mal-educado seria edulcorar a realidade. Thadeus era um homem miúdo, pouco maior do que você. Careca, tinha só uns poucos tufo de cabelos grisalhos junto às orelhas e usava um par de óculos. Era mais educador do que marinheiro, não imagino por que Robert o queria em meio à sua tripulação. Nunca o vi beber ou praguejar; aonde ia, Thadeus levava um livro debaixo do braço.

— E você o admirava.

— Naquele tempo, não muito. Eu era estúpido demais para ver o que todos já sabiam.

— O que fez você mudar de opinião?

Enquanto Lori rasgava uma tira da bainha do vestido para prender os cabelos ainda úmidos, Jack arrancou mais um talo da relva antes de prosseguir:

— Eu tinha ido com um grupo de marujos a uma taverna nas imediações do cais, e Robert mandou Thadeus ir nos buscar. Havia muitos piratas de outros navios no estabelecimento e, quando Thadeus entrou, todos se puseram a rir. Três deles começaram a troçar de Thadeus, cutucando-o com a ponta de suas espadas e tentando arrancar-lhe o livro que ele trazia. Ele os ignorou e veio para junto de mim. Quando fiz menção de sacar a espada, Thadeus segurou meu braço, dizendo que se eu fosse matar todos aqueles que me importunassem, em breve estaria sozinho no mundo.

— E?

— Fiquei muito zangado com a reprimenda, e estava prestes a dizer que o considerava um moleirão quando uma jovem gritou.

— Eram os três piratas?

— Exato. Cansados de provocar Thadeus em vão, tinham se voltado contra uma das moças que trabalhavam na taverna. Um deles segurava o rosto da coitada contra a mesa e estava prestes a violentá-la quando Thadeus desembainhou sua espada. Eu mal conseguia crer no que via já que, até então, sempre imaginara que ele portasse uma espada como mero adorno. E o que mais me surpreendeu foi que Thadeus não demonstrava raiva, não demonstrava emoção alguma. Com muita calma, ele foi até o grupo e disse-lhes que poderiam escolher: deixar a jovem em paz ou morrer.

— E os marinheiros o enfrentaram?

— Sim. Enquanto a moça corria dali, Thadeus desarmou dois deles e feriu o terceiro, utilizando-se de golpes que eu nunca vira. E a presteza com que despachou os três fanfarrões me deixou mais surpreso ainda. Foi só então que descobri que queria ser o homem que ele vinha tentando fazer de mim fazia mais de ano.

Lori sorriu.

— Foi ele quem lhe ensinou o gosto pela leitura, não foi?

— Thadeus me ensinou a ler, a pensar, a me comportar, a apreciar outras coisas no mundo que não eu mesmo. Ele me fez o homem que você tem à sua frente.

Percebendo que Jack amava Thadeus como a um pai, ela perguntou:

— Onde está ele agora?

— Morreu, não faz muito tempo.

— Oh, Jack, lamento tanto... Como foi isso?

Capítulo XIV

Por pouco Jack não contou quem matara Thadeus e como.

As palavras haviam lhe chegado à garganta, mas ele as engoliu. Que bem faria a Lori saber o tipo de homem que era Wallingford? Não seria justo fazê-la odiar alguém a quem tanto admirava. E ele também não queria ver seus olhos verdes turvos pela decepção. Afinal, já a machucara demais.

— Thadeus morreu num confronto.

— Ele estava no seu navio?

— Não. Thadeus era um patriota com o firme propósito de livrar vocês, colonos, do jugo dos ingleses. Ele sempre me dizia que havia causas maiores do que um só homem, causas pelas quais valeria a pena morrer.

A julgar pelo brilho em seus olhos, a pequena sereia também pensava assim. Era uma romântica, uma sonhadora. Tão diferente das mulheres que ele conhecera...

Jack levou a mão ao rosto dela, mas Lori esquivou-se.

— Está doendo. Agora entendo por que minha aia e meu pai sempre me disseram para ficar longe do sol.

— Fique aqui um instantinho. Não me demorarei.

Ele foi à procura do grupo de pés de babosa que havia visto perto dali e retomou pouco depois, trazendo algumas folhas. Então se ajoelhou diante de Lori e, com todo cuidado de que foi capaz, cobriu-lhe o rosto com a polpa gelatinosa. Enquanto limpava a mão na calça, Jack reparou que, de olhos fechados, ela agora tinha uma expressão bem mais suave. O remédio natural parecia ter surtido efeito. Isso era bom, já que...

Por algum motivo, sua sereia passou a língua nos lábios. No mesmo instante, ele sentiu uma pontada na virilha e, sem pensar duas vezes, tomou-lhe a boca num beijo apaixonado. Imaginava que ela fosse esquivar-se novamente; dessa vez, porém, Lori não só aceitou o carinho, mas, retribuindo o beijo com ardor, passou o braço ao redor do pescoço dele e o fez deitar-se sobre o relvado.

De olhos fechados, Jack sentiu que ela lhe tirava a camisa. Ninguém nunca o fizera sentir-se como Lori o fazia. Quis dizer- lhe o quanto ela

viera a significar em sua vida e como a ideia de deixá-la lhe doía, mas as palavras não vinham. Não tinha o direito de lhe dar falsas esperanças, já que sabia que ou Wallingford ou um de seus homens acabaria por matá-lo.

E se fugisse com ela? Poderia fazer isso, sim, mas à custa de privá-la do pai a quem tanto amava, do mundo que ela conhecia e das pessoas de quem gostava. Não, ele era tão egoísta a esse ponto.

Mas, se fosse metade do homem que Thadeus fora, iria fazê-la odiá-lo e rejubilar-se com sua morte. Mas não era capaz de tal coisa. A simples ideia de que Lori pudesse vir a odiá-lo, por qualquer que fosse o motivo, era simplesmente insuportável.

Não, não era Thadeus. E em vez de tentar despertar o ódio dela, iria despir sua sereia como ela o despia naquele momento, para depois tomá-la nos braços e fazer amor com ela até perder o fôlego e não pensar em mais nada.

Quase uma hora depois, Jack tomou uma mecha dos cabelos de Lori entre os dedos e passou-a sobre os lábios. Aninhada entre seus braços, ela deu um suspiro satisfeito, então perguntou:

— Acha possível que haja mais alguém por aqui além de nós?

Jack pôs-se a pensar. Havia algo familiar na praia aonde tinham chegado, mas ele já tinha visto tantas ilhas similares àquela que todas pareciam misturar-se numa só em suas lembranças.

— Não sei—confessou, ao cabo de alguns instantes. — Talvez seja uma boa ideia irmos averiguar.

Lori sentou-se e alcançou suas roupas.

— Ei, não precisa ser agora.

— Se quiser, pode continuar deitado completamente nu aqui, mas eu não quero correr o risco de que alguém me veja... assim.

— E se tivéssemos de ficar só os dois aqui, pelo resto de nossas vidas?

— Não sei... — Ela continuou a se vestir. — Acho que eu iria sentir muito a falta de meu pai.

— Só dele?

— De minha aia, Agatha, da torta de maçã que ela faz e de meu cavalo, Sansão.

Jack mordeu a língua, mas não conseguiu se reprimir:

— E de Justin?

— O que quer que eu lhe diga?

— A verdade.

— Se é para dizer a verdade... Parte de mim ainda ama Justin, sim. Sempre amará.

A raiva que assomou ao peito de Jack foi tão intensa que o fez prender o ar nos pulmões. “O que esperava, imbecil?”, ele se perguntou. “Que ela dissesse que ama você?”

Cerrando os dentes, Jack pôs-se em pé e começou a se vestir.

— Claro, claro. Se pudesse escolher, você estaria com ele aqui agora.

— Não foi isso o que eu disse. Por que está tão zangado, Jack?

— Não estou zangado.

— Está, sim. Mas você falou que queria a verdade.

— E você não disse a verdade? Pois então, qual é o problema?

Antes que Lori pudesse responder, Jack enfiou a camisa dentro da calça e afastou-se em direção à mata fechada.

Cruzando os braços, Lori murmurou para si:

— Tomara que se perca.

No instante seguinte, porém, ocorreu-lhe uma hipótese muito estranha: seria possível que Jack esperasse que ela dissesse que o amava? “Imagine só”, pensou. Jack Rhys era o tipo de pessoa que não precisava de ninguém. Teria gargalhado se ela lhe confessasse seu amor.

E então outra imagem aflorou em seus pensamentos: estava sozinha numa pequena clareira numa ilha que desconhecia completamente, e o único ali que tinha uma arma com que se defender acabava de deixá-la para trás!

— Jack!

Desatando a correr atrás dele, a primeira coisa que fez foi atirar-se em seus braços tão logo o alcançou.

— Deixar você sozinha não foi uma boa ideia, não é mesmo? — Ele riu, afagando-lhe os cabelos. — Venha, vamos ver aonde essa trilha vai dar.

De mãos dadas, seguiram a picada por quase duas horas, quando, de repente, depararam com uma pequena cidade. As construções, uma mistura de chalés em madeira e casas de alvenaria, lembravam um pouco Charleston.

Homens, mulheres e crianças circulavam de um lado para outro. Boquiaberta, Lori viu uma oficina de ferreiro numa esquina. Havia também uma senhora vendendo peixe aos transeuntes e um rapaz que oferecia água fresca de um grande barril. Num bordel à direita, mulheres seminuas debruçavam-se ao gradil de uma sacada para chamar os homens que passavam ali embaixo. A rua estava cheia de carruagens, cavalos e pessoas.

— Não acredito! — Jack ofegou.

Uma voz masculina gritou o nome dele.

Lori olhou para o homem que se aproximara à garupa de um garanhão árabe todo negro. Alto e magro, tinha cabelos escuros e uma cicatriz que lhe cobria boa parte do lado direito do rosto.

— Ben? — Jack estreitou os olhos. — Parece impossível...

— Sou eu quem deve dizer isso — retrucou Ben, escorregando da sela para o chão. — Morgan me contou que o seu navio foi a pique.

— É verdade. E o mar me trouxe ao outro lado da ilha, veja só.

— A sorte nunca abandona o Terrível Jack Rhys! — Ben retirou as luvas e estendeu-lhe a mão.

Depois de apertá-la, Jack indagou:

— Por falar em Morgan, onde está ele?

— Procurando por você.

Lori continuava intrigada. Já tinha entendido que a corrente os levara à ilha aonde deveriam de fato chegar, mas ainda não descobrira quem era aquele homem e qual sua relação com Jack.

Como se lesse os pensamentos dela, Jack os apresentou:

— Ben Gerrit, esta é Lorelei Dupree, minha refém.

Juntando os calcanhares, Ben curvou-se numa mesura e tomou a mão que ela lhe oferecia para lhe depositar um casto beijo sobre os dedos.

— Encantado, senhorita.

Jack esperou que ela retribuísse o cumprimento, depois esclareceu:

— Ben é um velho inimigo meu.

— É verdade — concordou Ben. — Quando fui nomeado governador da Isla de Las Almas Perdidas pela primeira vez, jurei que veria esse bandido enforcado. Aconteceu que quem subiu ao cadafalso fui eu e Jack evitou que a turba colocasse o nó no meu pescoço.

— Como? — Lori tinha os olhos arregalados.

— Ben tem o dom de tirar do sério qualquer pessoa à sua volta — Jack começou a explicar. — Não fazia nem duas semanas que estava na ilha, mas já havia baixado tantos decretos que a população se enfureceu.

— Não lhe dê confiança — Ben dirigiu-se a Lori com um sorriso. — Jack é um mal-humorado. Ainda não entendi por que ele salvou minha vida.

— Porque é bom quando uma autoridade pública nos deve um favor.

— Jack deu uma piscadela para Lori, depois, bem mais sério, disse ao governador: — Agora Lori e eu vamos andando. Um navio da Marinha Britânica deve chegar à ilha em breve, e eu aposto que você não gostaria que eles o vissem na minha companhia.

— Não posso dizer que você esteja errado... Mandarei avisar Morgan de que você está aqui. Vários membros da sua tripulação já estão na estalagem de Regina. — Ben lançou um olhar nervoso para o cais. — Um navio britânico, é?

— Com homens armados até os dentes, por certo.

O governador não perdeu tempo em se despedir, depois se curvou numa mesura diante de Lori e saltou para a sela de seu cavalo. Em questão de instantes, havia desaparecido entre os transeuntes.

— Você realmente salvou a vida dele? — ela perguntou a Jack.

— Salvei.

— Você é mesmo um homem admirável.

— Não creio. Venha.

Ele a guiou na direção oposta à que Ben havia tomado. Boa parte das pessoas que circulavam pelas ruas tinha um aspecto bastante rude. Entre elas sobressaíam-se prostitutas e mendigos, que os abordavam para oferecer seus serviços ou pedir esmolas.

— Este lugar não recebeu o nome de Ilha das Almas Perdidas à toa — explicou Jack, ao ver o espanto estampado no rosto de Lori. — Fique junto de mim e ninguém irá lhe fazer mal.

Agarrando-se ao braço dele como a uma tábua de salvação, ela continuou a acompanhá-lo, mas com o cuidado de baixar os olhos sempre que alguém se aproximava.

Jack conduziu-a até um prédio no final de uma rua bastante empoeirada. A fachada do edifício, que um dia fora azul, agora precisava de uma boa demão de tinta.

O interior da construção, no entanto, era bem mais aconchegante, e Lori suspirou de alívio ao seguir nos calcanhares dele por um pequeno saguão com papel de parede estampado com motivos em dourado. A direita havia um grande salão de refeições, à esquerda ficava uma espécie de sala de estar, nos fundos se erguia uma escada larga em caracol.

Jack levou-a à sala de estar, decorada com poltronas e sofás estofados em tons de marrom. As mesas de madeira entalhada espalhadas pelo recinto eram ocupadas por mais homens e mulheres de aparência rude, e muitos deles fizeram uma pausa no jogo ou na bebida para olhar para Lori.

— Ora, ora, então Jack Rhys está vivo.

O comentário viera de uma mulher roliça com cerca de trinta anos que se aproximara às costas deles. Ela trazia os cabelos em tranças enroladas no alto da cabeça e tinha um rosto exótico, onde se ressaltavam os olhos como os de um tigre... prestes a devorar Jack.

— Como vai, Regina? — ele cumprimentou com um de seus sorrisos encantadores.

Lori teve ganas de lhe chutar a perna.

— Meu querido — suspirou a mulher chamada Regina, após abraçá-lo por um tempo que Lori julgou interminável. — Você, sempre tão elegante, hoje está com uma aparência péssima.

— Bem, o que posso dizer?—Jack passou a mão pelos cabelos. — Os últimos dias não foram muito fáceis.

— Não se preocupe, vou lhe dar meu melhor quarto e pedir a Davis que lhe prepare um banho inesquecível. — Regina continuava a olhá-lo com voluptuosa cobiça.

— Obrigado.

— Você merece o que temos de melhor. — Foi só então que os olhos de Regina captaram a presença de Lori. — Deus do céu, pensei que ela fosse um de seus homens.

Lori avançou um passo para a mulher, e Jack segurou-lhe o braço, apertando-o com firmeza.

— Esta é Lorelei Dupree, filha de Charles Dupree e, no momento, minha refém. Gostaria que você providenciasse um banho, roupas e uma refeição para ela também, Regina.

— Ah, Jack! Como eu queria que você me tomasse como refém um dia destes...

— Numa outra ocasião, quem sabe.

Lori respirou fundo. Não podia se esquecer de envenenar Jack quando tivesse uma oportunidade para isso. Ou então estrangulá-lo enquanto ele dormia.

— Bem, você sabe onde fica seu quarto — continuou Regina, sem tirar os olhos dele. — Quanto à sua refém... Arrumarei um lugarzinho para acomodá-la.

— Desculpe-me, Regina, mas ela terá de ficar comigo. Você entende, não posso correr o risco de que ela venha a fugir.

— Se é assim que você prefere...

— É, sim.

— Muito bem, então. Mandarei Davis lá para cima dentro de instantes.

Jack pediu licença, depois conduziu Lori de volta ao salão e dali para a escadaria.

— Odeio quando falam de mim como se eu não estivesse presente — ela se queixou assim que chegaram ao primeiro piso. — “Arrumarei um lugarzinho para acomodá-la”. Quem aquela mulher pensa que é?

Ele riu para si, mas não disse nada.

Detiveram-se diante do último quarto do corredor à esquerda da escada. Jack abriu a porta, e Lori viu-se num quarto amplo e asseado, com uma grande cama de casal com dossel.

— Estou surpreso, sereia — ele comentou, fechando a porta atrás de si. — Nunca a vi tão zangada por conta de uma bobagem.

— Bobagem? Pois eu seria capaz de torcer o pescoço daquela mulher!

— Não me diga que está com ciúme de Regina.

— E se estiver?

Jack foi até ela e, tomando-lhe o rosto entre as mãos, afagou-lhe as faces com os polegares.

— Não há motivo para isso. Eu trouxe você para cá porque este é o único hotel da cidade onde as prostitutas não oferecem seus serviços pelo saguão. Regina pode ser um pouco irritante, mas mantém as camas limpas e oferece uma comida razoável. E quanto à ideia de que eu possa ter me deitado com ela... Você parece não confiar no meu bom senso.

— Como assim?

— Fui criado num bordel, Lori, e aprendi desde cedo a quantidade de doenças que se podem contrair de mulheres promíscuas. Sempre fui muito cuidadoso com as parceiras que tive. Além do mais, Regina não é do tipo que desperta meus apetites.

Sem saber se aquelas observações a deixavam contente ou não, Lori foi se sentar à poltrona diante de uma mesa junto à janela, do outro lado do quarto.

— Por que fica dizendo a todas as pessoas que sou sua refém?

— Porque o mundo é um lugar muito perigoso, e se eu disser qualquer outra coisa, as pessoas irão julgar você com extrema severidade.

Percebendo que aquilo parecia incomodá-lo em demasia, ela arriscou perguntar:

— Era assim que julgavam sua mãe?

As feições de Jack tomaram-se ainda mais rígidas.

— Minha mãe fazia faxina num bordel, mas, ainda que não fosse uma santa, ninguém se deu a trabalho de distingui-la de uma prostituta. De

qualquer modo, ela não viveu junto à escória da sociedade a vida inteira. Vinha de uma família decente e teve uma boa educação.

Lori fez menção de dizer alguma coisa, mas, sentando-se na beirada da cama, ele prosseguiu:

— O pai dela era um major que adorava a filha única. Há noites, quando estou tentando adormecer, que me lembro dele. Ou da imagem que tenho dele.

— O que houve com seu avô?

— Não sei.

Ela foi se sentar ao lado de Jack.

— Não entendo. Se ele amava tanto a filha, como foi permitir que...

— Ela se apaixonou por um jovem oficial da Marinha que, para sua infelicidade, já era casado. O miserável aproveitou-se dela e, quando ela ficou grávida, prometeu-lhe que nada de mal lhe aconteceria.

— Mas seu pai não cumpriu a palavra, não foi?

— Cumpriu, sim, por algum tempo. Meu avô tinha uma grande casa de campo no norte da Inglaterra, e era lá que nós morávamos. Eu ouvia as pessoas dizerem coisas terríveis de minha mãe, mas, naquele tempo, não as compreendia. Para mim, meus pais eram casados e meu pai se ausentava porque estava no mar, como qualquer outro oficial naval; sempre que podia, ele vinha nos visitar.

— Entendo.

— Tudo mudou na última de suas visitas. Ele disse à minha mãe que iria largar a esposa e que queria que nós três deixássemos a Inglaterra. Segundo ele, iríamos para os Estados Unidos, onde ninguém nos conhecia, e lá começaríamos uma vida nova.

— Quantos anos você tinha?

— Cinco. Ainda me lembro dele, carregando-me no colo no meio da noite. Senti-me tão protegido, tão seguro nos braços dele... Fui idiota de acreditar que ele nunca nos faria mal nenhum.

— Mas ele fez.

— Era tudo uma grande mentira. Ele não nos levou para a América do Norte. O navio seguiu para as Índias Ocidentais, e lá ele alugou um quartinho numa hospedaria. Então disse à minha mãe que iria tirar o

uniforme antes de ir comprar nossas passagens para os Estados Unidos e que voltaria logo a seguir. E nunca mais retornou.

Horrorizada, Lori fechou os olhos por um breve instante. Como alguém era capaz de cometer tamanha crueldade? Num sopro de voz ela perguntou:

— O que sua mãe fez?

— Tentou encontrá-lo. E acabou descobrindo que o navio dele já havia deixado o porto. Ele havia nos abandonado, sem recursos e sem termos como regressar para casa.

— Meu Deus...

— Não faço outra coisa senão odiá-lo desde aquele dia. Vi minha mãe, que era doce e carinhosa, tornar-se uma mulher dura, amarga, rancorosa, que passou a culpar e a odiar o próprio filho por toda a desgraça que lhe acontecera. Mas ela estava certa... Se eu não tivesse nascido, ela teria tido uma vida honrada, respeitosa.

— Você não tem culpa de nada, Jack!

— No fundo, eu sei que não. — Ele deu de ombros. — Mas a dor não passa. Não há nada que...

Batidas à porta o interromperam, e Jack correu a se levantar, passando as mãos pelo rosto. No instante seguinte, já com a máscara do pirata impiedoso e resoluto no semblante antes contrito, ele foi abrir a porta.

Vários criados se espalharam pelo quarto, trazendo uma tina de banho, sabão, água, toalhas, roupas e alimentos; assim que tudo foi colocado nos devidos lugares, os empregados da hospedaria os deixaram novamente a sós.

Jack tornou a fechar a porta, depois contemplou a tina e disse:

— Tome seu banho. Preciso verificar se meus homens estão bem.

— Por que não me faz companhia?

— Não me tente... Enquanto tivermos por perto pessoas em quem não estou certo de poder confiar, preciso proteger sua reputação.

— Não me importo com isso. Prefiro estar em seus braços.

— E eu gostaria de fazer amor com você até o fim dos tempos, mas isso terá de esperar. Vou trancar a porta por fora e levar a chave

comigo, está bem? Assim pensarão que você está realmente em meu poder.

E, com isso, ele se foi.

Desapontada, Lori tirou as roupas e mergulhou na água quente da tina. Não conseguia deixar de pensar na triste história que ouvira dos lábios dele. Como gostaria de poder dar a Jack todo o amor que sempre lhe fora negado!

— Ah, amo você tanto, tanto... — ela murmurou. — Se ao menos um milagre apagasse seu passado e me trouxesse alguma esperança...

Jack não teve dificuldades para encontrar os membros de sua tripulação. Faltavam somente Tarik e Billy, que tinham ido à procura dele na companhia de Morgan.

Todos queriam saber quais eram seus planos para o futuro, e Jack lhes disse que pretendia comprar um outro navio. Em seu íntimo, entretanto, lutava contra a ideia tola de que pudesse encontrar um refúgio tranquilo onde viver em paz junto a Lori; afinal, de que lhe adiantava agora alimentar esperanças que jamais se concretizariam?

— Capitão!

Jack virou-se ao grito de Kit. Deixando Alice e Kesi para trás, o menino desceu as escadas correndo e disparou pela sala de estar até se atirar nos braços dele com o ímpeto de uma bala de canhão.

— Eu sabia que você iria conseguir!

Como se só então se desse conta de que não agia como um autêntico pirata, Kit desvencilhou-se do abraço de Jack, escorregou para o chão e, endireitando os ombros, declarou:

— As mulheres não pensavam que você fosse sobreviver, mas eu lhes disse que estavam erradas.

— É verdade — confirmou Kesi, ajeitando os cabelos do garoto.

— Lori está com você? — ele perguntou, enquanto se esquivava do carinho da moça.

— Ela está lá em cima, trocando de roupa. — Jack estudou-o por um instante. — É impressão minha ou você gosta dela?

— Mesmo sendo mulher, ela não é má.

— Bem, se nos dão licença — disse Alice. — Kesi e eu vamos ver como Lori está.

Assim que se viu a sós com Jack, Kit lhe perguntou: — Vai se casar com Lori?

— Como? — Jack não foi capaz de dissimular a surpresa.

— Ouvi Alice dizer a Kesi que você está apaixonado por ela. Está mesmo?

— Bem, eu... — Jack não sabia responder àquela pergunta. — O amor não tem nada a ver com isso, Kit.

— Então apenas a leva para a cama e é só?

— Fale baixo, pirralho. E não, não estou dormindo com ela.

— Não era o que parecia quando estávamos no navio.

— Mas acontece que não estamos mais no navio e aqui é tudo diferente.

— Ah... Que pena.

— Por quê?

— Porque eu acho que ela está apaixonada por você.

De onde Kit fora tirar aquela ideia maluca?, perguntava-se Jack, imerso na tina de banho enquanto Lori descera ao salão de refeições na companhia de Kesi e Alice. Seria possível que Kit tivesse visto alguma coisa que ele próprio não vira?

Bem, era evidente que ambos gostavam um da companhia do outro, mas... amor? Não, Kit era apenas um menino, não tinha como saber desse assunto. E ele era um homem crescido, que não devia dar ouvidos às palavras de uma criança. “Você está sendo ridículo, Jack Rhys. Não seja tolo de acreditar que uma mulher como ela seria capaz de se envolver com um homem como você”.

Naquela noite, amaram-se como o se mundo estivesse prestes a se acabar, um saboreando o gosto e o calor do corpo do outro, ambos deleitando-se com beijos ardorosos e carícias sem fim, experimentando prazeres com os quais nem ele nem ela haviam

sonhado. Quando enfim adormeceram, tinham braços e pernas entrelaçados e uma expressão de satisfeita tranquilidade no rosto.

Às primeiras horas da manhã, Jack acordou com batidas nervosas à porta do quarto. Ainda entorpecido de amor e sono, foi ver de que se tratava e encontrou Morgan à soleira, mãos nos bolsos e o semblante sombrio.

Seu amigo não se deu ao trabalho de cumprimentá-lo. Numa voz seca, destituída de emoção, disse-lhe apenas:

— Wallingford está chegando.

Jack teve a impressão de levar um soco no estômago. Wallingford. Fazia sentido. Se era para fazer o mal, o velho sempre aparecia.

— Ben já está sabendo? — perguntou.

— Pedi a Tarik que fosse avisá-lo.

— Quanto tempo até Wallingford chegar?

— Uma hora, talvez. Ele vem com três navios de guerra.

— E eu não tenho navio algum...

— Tem o meu.

— Não, Morgan. Agradeço, mas já envolvi você demais nesta história e sei o quanto tem se esforçado para deixar a pirataria. O melhor que tem a fazer é esconder-se até que tudo esteja resolvido. — Jack virou-se para a cama, onde Lori ainda dormia, depois prosseguiu: — Prometa-me uma coisa.

— Tudo o que você quiser.

— Se eu vier a morrer, cuide para que minha fortuna seja dividida em partes iguais entre Kit e Lori.

— Mas, Jack...

— Prometa.

— Está bem, está bem. Será feito como você quiser.

— Agora vá esconder seu navio. Se Wallingford o reconhecer, irá colocá-lo a pique.

— Eu havia pensado nessa possibilidade por isso mandei que minha tripulação o levasse para o outro lado da ilha, longe das vistas do almirante. Seja como for, quero estar lá quando você o enfrentar.

— Não, eu...

— Você precisa de uma pessoa de confiança a seu lado, Jack. E eu não seria covarde a ponto de deixá-lo sozinho num momento como este.

A lealdade de Morgan nunca deixava de surpreendê-lo, mesmo assim ele não teve tempo para agradecer: depois de lhe apertar o ombro com força, seu amigo já desaparecia no fim do corredor.

Fechando a porta sem fazer o menor ruído, Jack encostou a testa na madeira e deixou escapar um longo suspiro. Não havia sentido em desejar o impossível. Aquele era o caminho que ele escolhera e agora era o momento de render-se ao seu destino.

Foi até a cama e ali ficou observando a claridade da manhã a acariciar o corpo nu de Lori. Era como se sentisse o sal da pele dela em sua língua, as mãos pequenas e delicadas afagando-lhe as costas. O tempo que passaram juntos fora tão breve, mesmo assim havia sido a melhor parte de sua vida. Se tivesse de morrer, que morresse agora, quando ainda trazia frescas na memória as imagens dos momentos em que a tivera nos braços. A pequena sereia ador-mecida diante de seus olhos o transformara para sempre.

Cobrindo-a com a colcha, Jack foi vestir-se para esperar pelo inevitável.

Lori despertou com o sol em seu rosto e um aroma de presunto recém-frito a lhe penetrar as narinas. Aspirando o cheiro bom, abriu os olhos e deparou com Jack em pé junto à janela, o olhar perdido no mar.

Como se pressentisse que ela o observava, ele se virou.

— Bom dia.

— Bom dia. No que estava pensando? Em voltar para o mar?

Voltando a olhar a paisagem, Jack apoiou um braço na moldura da janela.

— Não. Eu estava me perguntando quanto tempo Wallingford ainda levará para chegar à praia.

— O quê?

Lori imaginou que não tivesse ouvido o que acabara de ouvir, mesmo assim se enrolou na coberta e correu à janela. No porto, não muito longe dali, havia três navios ingleses. A embarcação do almirante ela reconheceu tão logo seu olhar pousou sobre a lustrosa corveta que tinha todos os canhões preparados para disparar e apontados para a ilha. Pelas ruas não se via um só ilhéu, como também não havia uma só janela aberta nas construções da cidade. Todos pareciam saber que alguma coisa muito grave estava prestes a acontecer.

Lori quis correr. Quis fugir. Não queria voltar para casa. Não agora, e certamente não daquela maneira.

— O que vamos fazer, Jack?

A resignação que viu no rosto dele assustou-a mais do que os três navios prontos para mandar a todos pelos ares.

— Você vai se vestir e tomar seu café da manhã enquanto espero por Ben. Depois irei ao encontro do almirante.

— Não pode fazer isso.

— Tenho de fazê-lo.

— Eu lhe imploro, não faça. Poderíamos fugir, você e eu, e buscar um lugar onde...

Jack levou o dedo aos lábios dela para silenciá-la, então tentou argumentar:

— Posso ser um homem de muitos defeitos e quase nenhuma virtude, mas não sou, nunca fui, um covarde.

Lori teve vontade de sacudi-lo. Como podia ser tão tolo? Como não via que a vida em si valia muito mais do que qualquer ato de bravura?

— Pois muito bem, vá se matar. Só não espere que eu assista.

— Eu nunca esperaria.

Antes que ela pudesse se recompor, Jack já tinha saído pela porta. Num assomo de fúria, Lori atirou a colcha no chão e a pisoteou. Como ele ousava? Como ousava seduzi-la, fazê-la amá-lo e depois jogar fora a própria vida?

— Não vou permitir que faça isso, Jack Rhys, não vou! — Lori explodiu, antes de pôr-se a recolher suas roupas, que ele espalhara pelo quarto na noite anterior. — Não vou cruzar os braços e ver você

morrer, como minha avó teve de fazer com seu Calico Jack. Não deixarei que isso aconteça.

Ao lado de Ben, Morgan foi ao encontro de Jack diante da hospedaria. A rua estava completamente deserta, a brisa vinda do oceano elevava a poeira no ar.

— Wallingford concordou com as suas condições — disse Morgan, assim que alcançou Jack. — Cinco de seus homens virão buscar Lorelei enquanto você o enfrenta na praia. Ele escolheu espadas para o confronto.

Jack não olhou para o amigo; em vez disso, seu olhar buscou o porto, como se ele já vislumbrasse a almirante na areia.

— Eu sabia que Wallingford iria aceitar. — Ele então indicou a espada que Morgan trazia embainhada à lateral do corpo. — Posso?

— É claro. — Morgan desafiou o cinto e o entregou a Jack. — Use-a para matar o bastardo.

Enquanto Jack prendia o cinto ao redor do corpo, Ben não conseguia deixar de olhar para ele como se o visse pela última vez. Por fim, o governador disse:

— Espero que saiba o que está fazendo, Jack. Se você fracassar no seu intento, não terei como lhe conceder o perdão.

Ele não respondeu. Com a espada presa à cintura, o coração pesado e a mente muito alerta, fez sinal para que os outros dois homens o acompanhassem ao pequeno porto da ilha. Tentava não pensar em Lori e em tudo o que ocorrera entre ambos, pois sabia que só encontraria a vitória se fosse plenamente capaz de controlar as emoções.

Na praia, cruzou a faixa de areia como se mãos invisíveis lhe mostrassem o caminho. A água cobria parcialmente as vigas de sustentação do pequeno píer, que parecia brotar da lagoa. A beira-mar constituía uma espécie de cais natural, em que os navios aportavam não muito longe da rebentação para que seus tripulantes pudessem alcançar a terra firme por meio de botes a remo.

Naquela manhã, havia quatro embarcações no horizonte. Uma delas era um navio mercante que chegara à ilha no dia anterior, as outras três eram os navios de guerra ingleses, perfilados como guardiões da morte ao brilho do sol. Mesmo àquela distância, Jack podia ver a

tripulação em plena atividade, preparando o bote a remo que traria seu mais odiado inimigo até suas garras.

Um dos assistentes de Ben achava-se à espera deles. Devia ter uns trinta anos de idade e vestia-se de modo semelhante ao governador.

— Eles devem estar aqui dentro de alguns minutos — o moço foi lhes dizer. Jack meneou a cabeça enquanto observava os ingleses no bote que vinha em direção à praia. Não precisou de muito esforço para reconhecer Wallingford e Justin. Principalmente Justin, em pé na parte dianteira da pequena embarcação, como se quisesse atirar-se ao mar e vir nadando. Em outras circunstâncias, seria cômica a maneira como o almirante ralhava com o filho, por certo lhe ordenando que se sentasse.

Agarrando a empunhadura da espada de Morgan, Jack cerrou os dentes. Se tivesse sorte, tudo aquilo estaria terminado antes que Lori acabasse seu café da manhã e Kit acordasse para se descobrir órfão.

Tão logo o bote alcançou uma profundidade segura, Justin saltou para a água.

— Seu miserável! — gritou o rapaz, pisoteando as ondas enquanto desembainhava a espada para girá-la acima da cabeça. — Vou matá-lo por tudo o que fez!

Já na areia, ele avançou sobre Jack com uma fúria incontida. Jack não teve a menor dificuldade para rechaçar a investida sem perder a calma.

— Meu assunto não é com você, Justin.

— Ah, é, sim!

Jack desviou-se de mais dois golpes.

— Não me faça matá-lo, rapaz.

Com o rosto vermelho como brasa, Justin revidou:

— Você não é homem o bastante para me matar, seu ladrão covarde!

— Ai, ai — zombou Jack. — Seus insultos me feriram.

Com isso, tirou Justin da sua frente com um safanão e olhou para Wallingford, que os observava com o rosto fechado numa carranca preocupada. Fazia muito, muito tempo que Jack não via aquele homem. Que usava seu uniforme com a mesma pompa e propriedade com que praticava suas atrocidades.

— É assim que você luta, velho? — Jack o desafiou. — Mandando um garoto para morrer no seu lugar?

Wallingford não disse nada, mas Justin investiu contra ele novamente. Com o ódio a deitar raízes dentro de si, Jack desviou o corpo da lâmina do rapaz e, com toda a força de que foi capaz, bateu com a espada sobre um dos ombros dele. O impacto da pancada fez Justin tropeçar nos próprios pés, curvar-se sobre si mesmo e se estatelar de encontro ao chão; sua espada foi parar a mais de um metro de distância.

Jack poderia matá-lo tão facilmente que nada fez. Apenas esperou que o rapaz, após rastejar pela areia, recuperasse sua arma e se pusesse em pé outra vez. O rosto de Justin era agora uma amostra do pavor que o consumia.

Todos os que ali se encontravam já sabiam como aquele embate iria acabar. Os dois se enfrentaram por mais alguns minutos, mas não havia mais senão um mestre e seu pupilo a duelar. Justin não tinha nem força nem habilidade para enfrentar um espadachim do daquela categoria.

— Não!

O grito aterrorizado atingiu os ouvidos de Jack como estilhaços de granada. Olhando sobre o ombro, ele viu que Morgan segurava Lori não muito longe dali. Com o rosto banhado em lágrimas, ela se debatia para livrar-se de seu amigo.

— Por favor, parem com isso! Por favor!

Os gritos de angústia e medo destroçaram o pouco de alma que ainda restava a Jack. “Parte de mim irá amar Justin para sempre”, a voz dela sussurrou em sua mente. Naquele instante, ele percebeu que não poderia matar o que Lori amava. Fossem quais fossem as consequências.

Jack deixou a espada cair sobre a areia.

Ele teria gargalhado do espanto no rosto de Justin se não soubesse que a força o esperava.

Mas o rapaz recuperou-se depressa do susto e, levando sua espada ao pescoço de Jack, ordenou:

— De joelhos, maldito!

— Não me curvo diante de homem algum. — Jack cruzou os braços sobre o peito. — Se vai me matar, mate-me em pé.

— Por favor, Justin, não o machuque.

Ambos viraram o rosto para Lori. Morgan a soltou, e ela correu para junto deles.

— O que foi que você disse? — Justin perguntou.

— Esse homem não é ele — respondeu Lori, limpando as lágrimas das faces. — Não é o Terrível Jack Rhys.

Aproximando-se deles, Wallingford, do alto de sua prepotência, estudou Lori de cima a baixo.

— Que está dizendo, minha filha?

— Jack Rhys está morto, e esse homem... Esse homem me salvou das mãos do pirata.

Um músculo começou a latejar na mandíbula de Justin, e Jack esperou que o rapaz denunciasse a mentira de sua noiva.

Wallingford levou o monóculo aos olhos para examinar Jack minuciosamente. Após uma pausa, o almirante dirigiu-se outra vez a Lori:

— Então, quem é esse aí?

— Ja-jac... Jacob Dudley — Lori declarou.

Jack ergueu uma sobrancelha ante o nome horrendo que ela havia lhe arranjado, no entanto se manteve calado.

— O que ela diz é verdade? — Wallingford lhe perguntou.

Ele pensou na resposta. Lori se arriscara demais ao enfrentar um oficial britânico para prestar falso testemunho no intuito de proteger um fora-da-lei. Parte dele ainda desejava o confronto com Wallingford, outra parte, porém, buscava preservar sua pequena sereia.

— Eu jamais me permitiria chamar uma dama de mentirosa.

— Eu também não — acrescentou Justin, devolvendo sua espada à bainha. — Agora, depois de olhar bem para você, vi que fui enganado pela minha sede de vingança. Você não é o homem que estava na taverna.

— Está certo disso? — Wallingford perguntou ao filho mais novo.

— Sim, estou.

— É claro que não se trata do Terrível Jack Rhys! — comentou Ben, com uma risada nervosa. — Vocês não ficaram sabendo que jurei mandar enforcar o pirata se ele ousasse pôr os pés na minha ilha?

Jack olhou de soslaio para o governador. Mentira também tinha limites.

— Bem... — O almirante tornou a se empertigar. — Justin, cuide de sua noiva, e você... — Ele olhou para Jack. — Venha comigo. Quero trocar algumas palavras com você.

— Não creio que será possível. — Jack também aprumou os ombros.

— Não foi um pedido, rapaz. E sugiro que obedeça.

Jack estava a ponto de dizer ao almirante que fosse apodrecer nas profundezas do inferno, mas bastou um olhar para Lori para fazê-lo mudar de ideia. Ela tinha medo no semblante e... uma estranha emoção brilhava em seus olhos.

Justin afastou-a dali, quase a empurrá-la em direção ao bote. Lutando contra o ímpeto de ir atrás dos dois, Jack, de repente, deu-se conta do espaço onde se achava: era o mesmo local que lhe assombrara os sonhos por anos a fio. O lugar onde, segundo ele próprio dissera a Thadeus, Jack Rhys iria morrer.

Esforçando-se para ignorar o forte arrepio que lhe percorria a espinha, ele acompanhou Wallingford ao bote inglês.

— Não se preocupe — disse o almirante, no pomposo sotaque que Jack tanto deplorava. — Meus homens o trarão de volta à praia assim que terminarmos nosso assunto.

— Até parece que vou acreditar numa só palavra que saia da sua boca, velho.

Mesmo assim, Jack foi atrás dele. Com o coração aos pedaços, viu Justin acomodar Lori na pequena embarcação antes de tomar assento ao lado dela. Por que a sereia lhe salvara vida?, perguntou-se. Talvez tivesse feito melhor se o deixasse morrer, pois um só golpe de espada daria fim ao sofrimento de uma vida inteira.

Como não suportasse ver os dois lado a lado, Jack sentou-se de costas para os noivos.

Tão logo subiram ao convés do navio, Lori desapareceu na companhia de Justin enquanto Jack seguia Wallingford à cabine do

almirante, no tombadilho inferior. O lugar lhe pareceu um gabinete típico, com uma mesa ampla e cadeiras dispostas para reuniões, o carvalho a revestir as paredes reluzindo como recém-polido à claridade do sol que penetrava pelas escotilhas abertas.

Wallingford fechou a porta com redobrado cuidado antes de encarar Jack.

— Por que você não matou Justin lá na praia?

— Porque, apesar do tamanho e da ferocidade do ódio que tenho por você, eu não seria capaz de matar meu irmão.

Levando as mãos às costas, o almirante aproximou-se um pouco mais dele.

— Foi esse o único motivo?

— Esse é o único motivo que pretendo declarar.

— E por que Lori quis proteger você?

— Como vou saber? Nunca compreendi o que se passa na cabeça das mulheres.

Wallingford ficou pensativo, depois deixou escapar um longo suspiro.

— Sei que não acredita em mim, Jack, mas... Lamento muito tudo o que aconteceu à sua mãe e a você.

— Tem razão, velho: eu não acredito em você.

— Mesmo assim, eu queria que soubesse que... — O almirante virou-se, pigarreando. — Que eu realmente amava sua mãe... e você.

— Eu sei — afirmou Jack, num esforço sobre-humano para controlar a raiva que o corroía. — Foi por isso que nos abandonou.

— Eu tive de abandoná-los.

— Acha que todo este palavrório faz com que algo seja diferente do que foi? Ou está apenas tratando de aliviar um pouco da sua culpa?

Wallingford tornou a virar-se para enfrentá-lo com uma expressão atormentada e, pela primeira vez na vida, Jack viu algo mais do que prepotente autoconfiança nas feições agora envelhecidas pelo tempo.

— Não estou pedindo seu perdão, pois sei que mereço somente ódio de você. Ainda assim, gostaria de dizer que também me odeio pelo que aconteceu.

— Então por que nos deixou? E naquelas circunstâncias?

— Porque Charlotte descobriu que eu tinha outra mulher e outro filho. E ameaçou me abandonar, levando Adrian e Justin com ela.

— O quê? Você destruiu minha mãe e quase me destruiu porque ficou com medo das ameaças de sua esposa legítima? Ora, faça-me o favor!

— Tente compreender, Jack. Eu tive muito medo. Charlotte poderia me arruinar.

— E por isso você nos arruinou.

— Precisei fazer o que fiz. Se Margaret continuasse na Inglaterra, mais cedo ou mais tarde eu acabaria indo bater à porta dela. A única solução que me ocorreu foi levá-la para um lugar ao qual eu não pudesse retornar.

— Acho que entendi: você nos levou para o inferno e nos deixou lá porque era e sempre será um bastardo maldito e covarde. — Jack agarrou-o pela gola do elegante uniforme. — Bem, não me custa nada mandá-lo para o inferno agora, assim você verá como são as coisas por lá.

— Não é preciso que me mande para o inferno — retrucou o almirante, lutando contra as mãos do filho. — É lá que tenho vivido todos os dias da minha vida. Não há uma só hora do dia ou da noite em que eu não veja o rosto de Margaret ou o seu diante de mim.

Jack largou-o com um safanão, mas não desviou os olhos dos dele.

— Será esse o motivo pelo qual você me cobriu de pontapés quando lhe pedi uma moeda de ouro para comprar minha liberdade?

— Deus do céu, Jack, eu não queria ter feito aquilo! Acho que... que foi o susto de ter visto você ali, naquele lugar tão... Eu não fazia ideia de que você e sua mãe não estavam mais onde eu os tinha deixado... Não sei, juro que não sei o que deu em mim. Acho que reagi por impulso. E desespero.

— Eu o odeio ainda um pouco mais por isso.

— Imagino que sim. E que ficará bastante contente ao saber que estou morrendo.

Jack estreitou os olhos para o pai, mas não disse nada.

— É verdade. Estou sofrendo de uma doença muito grave nos pulmões. Já faz um bom tempo que tenho sangue na tosse, e agora os médicos me advertiram de que não tenho muito tempo de vida. É por isso que fiz questão de falar com você.

Jack deu-lhe as costas. Não sabia mais o que sentia. A vontade de matar o pai continuava forte como sempre fora, mas, junto dela, havia outras emoções que ele não conseguia identificar.

— Você está no meu testamento, Jack.

— Não quero nada de você, velho. Não preciso do seu dinheiro.

— Eu sei que você amealhou uma boa fortuna. Ainda que de forma ilícita.

— Foi o que aprendi, passando fome em lugares asquerosos.

— Então doe sua parte da herança aos necessitados. Não fiz isso para aliviar minha consciência nem para apaziguar seu ódio por mim. Fiz porque julguei que devia.

— E o que a boa e doce Charlotte dirá de seu nobre gesto?

— Não me importa o que ela diga. Charlotte vem fazendo da minha vida um inferno há anos. Por que acha que continuo no mar mesmo sabendo que estou morrendo? Porque prefiro ficar aqui a ouvir as reclamações intermináveis dela.

Consolando-se com a ideia de que talvez houvesse justiça no mundo, Jack permitiu-se um sorriso.

— Você fica muito parecido com sua mãe quando sorri.

Ele voltou a se fechar numa carranca.

— Será que posso lhe fazer uma pergunta, Jack? — Wallingford não esperou pela resposta. — Por que me arrastou para cá, para esta ilha?

— Por que eu queria matar você.

— E imaginou que, com isso, conseguiria paz para si mesmo.

—Você não sabe de nada... Você tirou tudo o que eu tinha. Primeiro foi meu bem-estar e minha segurança, depois minha mãe e minha dignidade. Então, seis meses atrás você arrasou com um navio chamado *White Dove*, lembra-se?

— Sim, lembro-me. Era a embarcação de um patriota, destinada a furar o bloqueio. Fiz o que era necessário para garantir os interesses da Coroa. Por que você se incomodou com isso?

— Porque a bordo daquele navio estava o único homem que considerei e amei como meu pai verdadeiro. E você o matou.

— Sinto muito, Jack. Eu não sabia.

Enquanto Jack se surpreendia com aquele arroubo de sinceridade, o almirante foi até sua escrivaninha e, abrindo uma gaveta, tirou de lá um punhal com cabo de madrepérola, que colocou sobre o tampo.

— Vá em frente. Mate-me. É o que mereço por tudo o que lhe fiz.

Jack olhou para o punhal. Lori havia comprado a vida dele com sua integridade. Ele não podia permitir que o pai lhe tirasse isso também.

Ao perceber que Jack nem se mexera, Wallingford afirmou:

— Abri meu coração para você. Espero que um dia você possa abrir o seu, ao menos para deixá-lo desafogar-se do ódio que sente por mim.

Jack olhou para ele. E saiu pela porta sem dizer mais nada.

— Por que você mentiu, Lori? — perguntou Justin, tão logo se viu a sós com ela numa das cabines do navio.

Ela lhe acariciou o rosto, agora mais magro e ainda mais pálido.

— Pobre Justin... Você andou preocupado por minha causa, não é?

— Evidente que sim! Não consegui dormir nem me alimentar direito de tanto medo do que aquele canalha poderia fazer a você.

— Jack não é mau como dizem.

— Como pode dizer uma coisa dessas?

Lori deu um passo para trás. Não podia magoar Justin. Nunca. Mas também não era justo enganá-lo.

— Depois de tudo o que aconteceu, você ainda quer se casar comigo? — ela perguntou.

— Claro. Por que... Olhe, se ele ousou tocar um dedo em você, juro que irei...

— Desculpe-me, Justin. Pensei que ainda amasse você, mas então...

— Não, Lori, não. Diga-me que isso não é verdade. Você não pode me trocar por um... por um bandido!

— Não estou trocando você por ninguém nem por nada. Uma parte do meu coração irá amá-lo para sempre, Justin, por tudo o que fomos um para o outro. Mas acontece que...

— Não diga mais nada. Não quero ouvir. Eu soube o que estava se passando no momento em que vi seu rosto, quando me pediu para que não o machucasse. Ele sabe que você o ama?

Voltando a evitar o olhar de Justin, Lori confessou:

— Não sei.

— Bem, pelo menos me diga que ele a ama.

— Também não sei.

— Ah, Lori... Você sabe que eu a amo de verdade, mas seria mentira dizer que não estou aliviado.

— Aliviado?

— Sim. Aliviado por saber que ele não a machucou e aliviado por saber que você não quer mais se casar comigo.

— Por quê?

Segurando no queixo dela, Justin a fez encará-lo. E sorriu, explicando:

— Não sou o homem de que você precisa. Nós nos conhecemos há tanto tempo, e você parecia fazer tanta questão de ficar noiva e se casar... Mas a verdade é que somos muitos diferentes. Você é cheia de vida, ousada, inquieta, e são essas as qualidades que mais admiro na sua personalidade. Só que eu sou uma pessoa pacata, que gosta de estar na tranquilidade do lar... Você não seria feliz a meu lado. Meu temperamento enfadonho acabaria por se tornar um suplício à sua natureza exuberante.

Lori devolveu o sorriso que ele lhe dera.

— Você é um homem muito especial, sabia?

— Mas não tão especial quanto o seu pirata, não é mesmo? Ande, vá procurá-lo antes que eu mude de ideia.

— Obrigada, meu amigo. Não sei como agradecer.

Justin abriu a porta para ela, depois lhe deu um beijo na ponta do nariz.

— Diga a ele que seja muito bom para você ou... Bem, de que adianta ameaçá-lo se eu jamais seria capaz de vencê-lo?

Lori chegou ao convés a tempo de ver Jack preparando-se para descer ao bote a remo. E correu ao encontro de seu amado.

— O que está fazendo aqui? — Ele não conseguiu dissimular a surpresa.

Ao vê-lo com uma expressão tão estranha, ela hesitou por um breve instante. Mas logo em seguida anunciou:

— Vou com você.

Jack olhou ao redor, depois meneou a cabeça.

— Seu lugar não é comigo.

— É, sim.

— Tenha um pouco de juízo, sereia. Vá para casa.

— Mas, Jack...

Lori ergueu a mão para lhe afagar o rosto. Ele se esquivou, dizendo num tom firme:

— Não quero você perto de mim, e não quero mais que me toque. De você, tudo o que quero é distância!

As lágrimas saltaram aos olhos dela. Decidida a não deixar que ele a visse chorando, Lori as reprimiu. Por que Jack agia daquela maneira? Por que lhe dirigia palavras tão cruéis?

Quando a decepção cedeu lugar à raiva, ela explodiu:

— Pois muito bem, vá-se embora. E eu irei para minha casa, já que é lá o meu lugar. É lá que estou a salvo de tipos como você.

Algo cintilou nos olhos de Jack. No instante seguinte, porém, ele deu-lhe as costas e desceu para o bote que o aguardava.

Lori só se deu conta do que acontecia ao ver a pequena embarcação afastando-se em direção à praia. Jack se fora. Não se importava com ela. Não queria mais saber dela.

Jack não ousava olhar para trás. Sentia o olhar de Lori em suas costas e sabia que, se se virasse, não conseguiria abandoná-la. Principalmente porque era ela, sua pequena sereia, a única pessoa capaz de aliviar um pouco da dor que latejava em todas as fibras do seu ser.

Precisava deixá-la em paz. Lori merecia muito mais do que o pouco que ele tinha a lhe oferecer. O lugar dela era junto aos seus, junto a...

Jack não conseguiu terminar o pensamento. Estar frente a frente com o pai devastara-lhe tanto as emoções como o raciocínio. No momento, conseguia pensar apenas que se encontrava no meio de um turbilhão do qual não sabia como escapar. Se pudesse, fugiria do mundo.

Ou talvez precisasse somente de um pouco de tempo para refletir e se acalmar...

Sim, essa lhe pareceu uma boa ideia.

Dois dias depois, Lori estava sozinha em sua cabine, imaginando como faria para continuar dissimulando a tristeza que a consumia, especialmente quando Justin aparecia para ver como ela estava. Ele vinha sendo tão paciente e compreensivo, tão amável e complacente... Só que não era Jack Rhys.

— Ah, Jack — murmurou. — Por que você não me ama?

Pensando em continuar a trabalhar no esboço que fazia do rosto dele com os lápis que Justin lhe arrumara, Lori foi sentar-se à mesa. No instante seguinte, bateram à porta da cabine. Ela correu a esconder o desenho na gaveta.

— Lori? — chamou Justin.

— Entre.

Abrindo a porta, ele colocou a cabeça pela fresta para anunciar:

— Você precisa ir ao convés.

— Preciso? Por quê?

Justin parecia uma criança que descobrira o esconderijo de seus presentes de Natal e agora tentava fazer segredo do fato.

— Venha, Lori! Você tem de ver com seus próprios olhos.

Perplexa, ela o acompanhou ao tombadilho superior. Lá encontrou a tripulação a postos atrás dos canhões enquanto o almirante Wallingford esquadrihava algum ponto do oceano com seu binóculo. Olhando na direção em que o binóculo apontava, Lori viu uma corveta aproximando-se a grande velocidade.

Não era uma embarcação qualquer. Era o navio de Morgan.

— Eles içaram a vela branca, almirante! — avisou um rapaz do alto da vigia.

Afastando o binóculo do rosto, Wallingford olhou para Lori e Justin, mas foi a ela que se dirigiu:

— Algo me diz que você não irá gostar se eu ordenar a meus homens que varram aquele navio dos mares, não é mesmo? — Ele então elevou a voz para falar a seus subordinados: — Estejam prontos para defender, mas não disparem antes que eu diga para fazê-lo.

À medida que o navio se aproximava, Lori via crescer sua apreensão. Como o almirante sabia que aquela embarcação pertencia a Morgan?

Como se adivinhasse o que se passava com ela, Wallingford curvou-se para lhe sussurrar ao ouvido:

— Vi Jac... Jacob no convés.

Lori arregalou os olhos para o velho senhor. Então ele já sabia de tudo!

— Isto é uma armadilha para ele? — perguntou.

Wallingford fez que não, depois foi ocupar um lugar à proa, de onde ficou no aguardo da aproximação do *Roseanna*.

Assim que o navio de Morgan alinhou-se ao costado da embarcação inglesa, Jack gritou:

— Permissão para ir a bordo, sir!

— Permissão concedida — respondeu o almirante.

Depois de agarrar-se a uma corda que, presa no alto do mastro da vela mezena, descia até o tombadilho, Jack saltou do convés do navio de Morgan para o convés do navio inglês, materializando-se como num passe de mágica diante dos olhos pasmos de Lori. Ele tinha os longos cabelos cor de mel soltos, vestia calça e botas de cano alto pretas e um colete verde aberto sobre a camisa de linho branca. Lori

teve a impressão de estar diante de um ser divino... com ares de bandido.

Antes que ela pudesse esboçar qualquer reação, ele foi logo dizendo:

— Você está zangada comigo, não está?

— De onde tirou essa ideia? — Lori devolveu num tom áspero. — Na verdade, adoro que me raptem e depois me abandonem. E você, o que está fazendo aqui?

Jack exibiu aquele sorriso que jamais falhava em aquecê-la e deixá-la com as pernas bambas. Então, impostando a voz como se declamasse um poema clássico, pôs-se a dizer:

— Nobre dama, nada peço de ti a não ser que me aceites por teu serviçal. Irei cuidar de ti como deve fazer um bom homem, pouco importando quais sejam as recompensas. Aqui estou, às tuas ordens, sincero e humilde, alegre e cortês, mais do que feliz por colocar minha vida em tuas mãos! — Apoiando-se num dos joelhos, ele tomou-lhe a mão. — Amo você, Lorelei, minha pequena sereia. Case-se comigo e juro que nunca irei permitir que nada nem ninguém lhe faça mal.

Lori mordeu o lábio trêmulo. Uma infinidade de pensamentos e emoções a assaltavam naquele instante, mas o que mais lhe importava era o amor que sentia por aquele homem. Nunca imaginara que realmente pudesse tê-lo diante de si assim, apoiado num dos joelhos para pedi-la em casamento... com frases cheias de poesia.

Jack parecia um tanto preocupado:

— Não vai me dizer nada depois disso tudo?

— O que você gostaria que eu dissesse?

— Que me ama também. Especialmente se levarmos em conta que estou fazendo um papelão na frente de mais de cem homens.

Lori caiu na risada.

— Está bem, seu patife. Por algum motivo que só Deus deve saber, reconheço que acho você bastante... irritante.

— Como?

— Ah, desculpe-me. Não era essa a palavra que eu buscava. Creio que eu queria dizer... irresistível? Sim, era isso. Acho você irresistível.

— E?

— O que o faz pensar que há um “e”?

— Seus olhos me dizem isso.

— Ah, está bem. E eu amo você.

Um sorriso de alívio e alegria iluminou o rosto de Jack. Pondo-se em pé, ele tomou Lori nos braços e beijou-a apaixonadamente, para depois lhe murmurar ao ouvido:

— Perdoe-me por tê-la abandonado. Juro que isso nunca mais voltará a acontecer.

Enquanto ela deitava a cabeça no peito largo que a acolhia, Wallingford aproximou-se, pigarreou e olhou para Jack.

— Vai se juntar a nós na viagem até Charleston?

Jack balançou a cabeça num gesto negativo, dizendo:

— Não, é ela quem irá unir-se a nós.

Com isso, ele agarrou a corda que usara para lançar-se ao navio do almirante e passou o outro braço ao redor da cintura de Lori.

— O que está fazendo? — ela perguntou.

— Vou levar você para casa. Erga os pés.

— Você não ousaria!

Mas Jack ousou: os dois viajaram pelo ar, sobre o oceano e foram parar no convés do navio de Morgan.

Um tanto atordoada, Lori teve de respirar fundo antes de ralhar com ele.

— Jack, você não...

— Jake — ele corrigiu. — Uma sereiazinha deixou as profundezas do mar para vir lançar um encanto sobre Jack Rhys e transformá-lo num novo homem, a quem deu o nome de Jacob Dudley. Mas como Jacob é um nome horrendo, podemos chamá-lo pelo apelido, Jake.

— Alguma coisa me dizia que você não iria gostar muito desse nome.

— Não pense mais nisso. Afinal, encontrei meu consolo no fato de que você passará a ser chamada de sra. Jacob Duddley.

Feliz da vida, ela riu.

Epílogo

Seis meses depois

Jack parou na soleira da porta do quarto do pai enquanto o mordomo se afastava. Não queria estar ali, mas Lori havia lhe pedido que fosse, e ele não deixaria de atender a um pedido da esposa.

Em pé junto à janela, Adrian, o filho mais velho de Wallingford, olhava para ele. Justin, sentado ao lado da cama, parecia estar vendo um fantasma. E de seu leito de morte, o almirante disse aos dois:

— Saiam um instante, por favor. Quero falar com ele a sós.

Mesmo relutantes, eles obedeceram. Assim que Adrian fechou a porta atrás de si, Jack se aproximou da cama.

— Veio se assegurar de que o diabo tinha me levado? — seu pai o provocou.

— Não. Vim fazer as pazes com você.

— Devo acreditar nisso?

— Peço-lhe que acredite. Não vejo mais sentido em odiar você. Como Lori diz, o passado é passado, e não pode nos fazer mal se o colocarmos no seu devido lugar.

Depois de um violento acesso de tosse, o almirante esperou recuperar o fôlego para dizer:

— Você nunca poderá fazer ideia do remorso que me corrói. De quantas vezes eu quis ter a força de caráter que sua mãe possuía. Apesar do escárnio e da censura de todos, ela se manteve fiel ao amor que sentia por mim. Um amor que eu nunca mereci. Você também não pode imaginar o orgulho que senti ao vê-lo apoiar-se num joelho para declarar seu amor a Lori diante de um batalhão de homens. Você é o homem que eu nunca consegui ser.

Tomado por intensa emoção, Jack não sabia como reagir, nem o que dizer.

— Você está aqui por causa dela, não está? — prosseguiu o almirante. — Você lhe contou que é meu filho?

— Sim. Não há segredos entre mim e ela. Mas também estou aqui porque... porque queria lhe dizer que o perdoo, pai. — Para si mesmo, Jack completou: “Embora nunca vá entender por que você agiu como agiu”.

— Chame seus irmãos, por favor.

Quando viu os três filhos reunidos, Wallingford deu um sorriso como se esperasse por aquilo a vida inteira, depois pediu a Justin que apanhasse um maço de documentos lacrados na gaveta da escrivaninha e o entregasse a Jack.

Enquanto Jack olhava com surpresa e curiosidade para os papéis que o irmão mais novo lhe entregara, o almirante explicou:

— É para os meus netos. Quero que tenham ao menos uma parte do que eu deveria ter dado ao pai deles.

Jack fez menção de dizer alguma coisa, mas então viu o velho homem dar seu último suspiro.

Lori estava sentada junto à janela da sala que havia destinado aos seus trabalhos de desenho e pintura. Dedicava-se a mais um retrato de Jack, seu modelo preferido.

Sorrindo para si mesma, lembrou-se da relutância de sir Charles em aceitar o genro. Uma relutância que não havia durado mais do que uns poucos dias, pois ela se encarregara de mostrar ao pai todas as qualidades de seu amado. E Jack também fizera sua parte, atormentando sir Charles até fazê-lo concordar com o casamento.

Agora ambos moravam na casa bonita e espaçosa da fazenda que Jack havia comprado. Olhando ao redor, Lori imaginou o dia em que aqueles cômodos ensolarados acolheriam os filhos que pretendiam ter. Era uma pena que Kit aparecesse pouco por ali, mas tanto ela quanto Jack haviam escolhido respeitar a vontade do menino de navegar ao lado de Morgan.

Um barulho na porta da frente a fez levantar-se. Pouco depois, Jack entrava na sala de pintura com uma expressão circunspecta. Lori, que conhecia o marido tão bem quanto a si própria, já sabia o que tinha acontecido. Mesmo assim, perguntou:

— Ele morreu?

Jack inclinou a cabeça.

Limpando as mãos no avental, Lori foi ao encontro dele para abraçá-lo. Após estreitá-la junto ao peito demoradamente, Jack disse:

— Obrigado por ter insistido para que eu fosse lá.

— Isso o fez sentir-se melhor, não fez?

— De certo modo, sim. Sinto-me aliviado. Como se o passado não pudesse mais me fazer mal.

— Que bom.

Jack tirou do bolso os documentos que Justin lhe entregara, dizendo:

— Ele quis que eu ficasse com isto.

— Por que não os leu? Nem ao menos desfez o lacre?

— Pensei que você gostaria de cuidar disso.

Sem pressa, Lori apanhou os documentos da mão de Jack, rompeu o lacre com a insígnia de Wallingford e pôs-se a ler os papéis. Ao cabo de alguns minutos, ergueu os olhos e, com voz trêmula, explicou:

— O pai de sua mãe escreveu inúmeras vezes ao almirante para implorar que levasse você de volta para casa.

Profundamente tocado, Jack fez sinal para que ela continuasse.

— Parece que seu avô não tinha outros herdeiros, e quando morreu, há oito anos, deixou tudo o que possuía para você.

— O quê?!

— É verdade. Como Wallingford não tivesse coragem de contar ao pobre homem o que fizera à filha e ao neto dele, administrou o dinheiro e as propriedades em seu nome e agora está lhe devolvendo tudo. O almirante também lhe deixou uma vasta propriedade rural no País de Gales.

— Será que ele pensou que isso...

— Jack, seu pai se foi. Que diferença faz agora o que ele pensou?

— Você está certa.

Lori devolveu-lhe os papéis com um sorriso.

— Você é um homem rico, sr. Jacob Duddley.

— Eu já era um homem rico. — Jack fez um muxoxo, depois voltou a tomá-la entre os braços. — Mas diga-me, sra. Duddley: fosse eu um pobre marujo destituído de fortuna e jóias, iria a senhora me agradecer com um de seus sorrisos tão formosos?

— Por certo que não, sir. Se não houvesse fortuna e jóias a adorná-lo, meus olhos acabariam por pousar nos seus cabelos que rareiam e no seu abdome que se avoluma.

— Meus o quê? Será que você tem olhado com atenção para mim, Lori? Não há um só fio de cabelo faltando na minha cabeça, e meu abdome continua rijo como uma rocha.

— Bem... Então talvez sejam meus olhos que estejam vendo coisas. Por que, meu pirata, você não me leva lá para cima e me mostra todos os detalhes desse seu físico privilegiado?

— Seu desejo é uma ordem, minha sereia... Sempre será!

FIM